Trip.para.mulher

3

R$ 6,50

ENSAIO SENSUAL E ENTREVISTA

CHRISTIANO RANGEL

MUITO MAIS DO QUE O NAMORADO DE LUANA PIOVANI

PÁGINAS VERMELHAS

CASSANDRA RIOS,

A AUTORA MAIS ERÓTICA DO BRASIL: "SEXO SEM AMOR É ESTUPRO"

ENSAIO EXCLUSIVO

MARK VANDERLOO,

O HOMEM MAIS BONITO DO MUNDO, LIBERA AS SUAS FOTOS

REPORTAGEM ESPECIAL

LUCIENE, 19 ANOS, A MULHER DO TRAFICANTE MARCINHO VP, CONTA TUDO

MODA

NO GUARUJÁ COM J.R. DURAN

GRÁTIS

ORGASMOS INESQUECÍVEIS COM O FABULOSO MAPA DO CLITÓRIS

MAIS

- FERNANDA LIMA NA TUNÍSIA
- A ÚLTIMA COLUNA DE MARCELO FROMER

www.revistatpm.com.br
Julho 2001 . Ano 01 . Nº 03

Peça ao jornaleiro a outra capa desta edição

Tem gente que faz qualquer coisa
para não desmontar
o vídeo da TV.

A linha Duetto de 14 e 20 polegadas une o melhor do vídeo e da televisão em um único equipamento. Com um design novo, muito mais integrado e arrojado, na cor prata, closed caption, intelligent return, SAP e muito mais, a linha Duetto é leve e muito fácil de instalar. Perfeita para você levar nas suas viagens de fim de semana, colocar no quarto das crianças ou onde mais você quiser.

Philco
Philco. De olho em você.
www.philco.com.br

Linha Duetto Philco.
Diversão e praticidade juntas onde você quiser.

CASSANDRA RIOS, A "DEMÔNIA DAS LETRAS", AOS 3 ANOS. NA PÁGINA AO LADO, A ESCRITORA EM SEU APARTAMENTO

A PERSEGUIDA

Depois de ser chamada – com todo o mérito, diga-se – de "Papisa do Homossexualismo", "Autora Mais Proibida do Brasil" e "Demônia das Letras", a paulistana Cassandra Rios chega aos 68 anos respeitando um voto de castidade. A escritora de algumas das páginas de sexo mais impetuosas da literatura brasileira deixa a ficção de lado para falar de amor sem sexo, sexo sem amor, religião, pornografia, política e como sobreviver a 50 anos de incompreensão

por Fernando Luna
fotos Bob Wolfenson

COM O SOBRINHO E A FILHA DE UMA AMIGA: "NÃO CONSEGUIRIA ESCREVER SE TIVESSE FILHOS"

CASSANDRA, AOS 30 ANOS: "SOU UMA COISA, MINHA OBRA É OUTRA"

"Fiz um voto de castidade e estou muito tranqüila. Quem sai muito à cata de alguém não se gosta"

Imagine uma menina de 16 anos lançar um livro com cenas vigorosas de sexo. Sexo entre duas mulheres. Em 1948. Pois Cassandra Rios fez isso com *A Volúpia do Pecado*, um romance publicado por sua conta e risco, com dinheiro emprestado pela mãe – uma espanhola religiosa que prometeu jamais ler qualquer obra da filha Odete, seu nome verdadeiro. Publicou, desde então, 50 livros, todos hoje fora de catálogo. Cassandra planeja reeditar ela própria sua obra, uma produção caudalosa que consagrou sua capacidade rara de, ao mesmo tempo, agradar leitores e irritar quem nunca a leu e não gostou assim mesmo.

Graças a suas histórias misturando sexo e paixão, não necessariamente nessa ordem, a lista de best-sellers já foi bem mais divertida. Cassandra tornou-se, em 1970, a primeira escritora brasileira a atingir a marca de 1 milhão de exemplares vendidos – talvez continue sendo a única. Por outro lado, ninguém foi tão censurado (36 livros proibidos durante os arroubos moralizantes do regime militar), tão processado (só por *Eudemônia*, 19 vezes) e tão xingado (de comunista a lésbica, quando essas palavras eram palavrões) quanto ela.

Se Cassandra se arrepende dos escândalos que – involuntariamente, garante – provocou? "Quando vejo 200 mil pessoas na Parada Gay, sei que valeu a pena ser perseguida", comemora, referindo-se à manifestação que reuniu em São Paulo, no mês passado, ativistas e simpatizantes da causa homossexual. "Vi a liberdade, assumida, passando diante dos meus olhos e chorei de emoção."

Esse extravasamento é incomum. Em geral, Cassandra guarda para si o que sente e faz. Na autobiografia *MezzAmaro*, lançada ano passado em edição da própria autora, não há quase nada sobre sua vida particular. Recusa-se, por exemplo, a comentar seu brevíssimo casamento, mal saída da adolescência – embora guarde com cuidado uma foto vestida de noiva, ao lado de recortes de jornais e revistas com suas entrevistas.

Dois deles formam um bom retrato do alcance dos livros de Cassandra Rios. O primeiro traz uma foto dela, arrancada de uma edição da *Realidade*, toda rabiscada com a palavra "beijo" sobre o corpo da escritora – um presente de João Acácio Pereira da Costa, o Bandido da Luz Vermelha, que se apaixonou por ela enquanto estava preso. Outro, uma antiga matéria de jornal em que o escritor Jorge Amado defende a autora mais censurada do país. Do bandido ao baiano, Cassandra fez algumas centenas de milhares de fãs. Agora, vive só e bem acompanhada por seis gatos em um quarto-e-sala no centro de São Paulo – onde recebeu *Tpm* para esta entrevista.

NA PRAIA, EM SANTOS E EM PERUÍBE (SP), DURANTE A ADOLESCÊNCIA: "QUANDO AMO, TENHO 15 ANOS"

CASSANDRA EM 1972: "SE DISSER QUE FAÇO TUDO O QUE ESCREVO, ESTOU MENTINDO"

Tpm. Seus livros causavam mais escândalo por terem sido escritos por uma mulher?
Cassandra Rios. Ah, sim, sem dúvida. Fui massacrada por isso. Desde os primórdios da civilização a mulher luta pelo direito de falar, de pensar. Se o homem escreve, ele é sábio, experiente. Se a mulher escreve, é ninfomaníaca, tarada. Nunca pensei desse jeito. Escrevi com a ingenuidade de quem nasce escritor.

Tpm. Em vários de seus romances o sexo aparece associado à culpa. É coisa de quem vem de família religiosa, de quem estudou em colégio de freiras?
Cassandra. Claro. Na época em que eu nasci, com o domínio da Igreja Católica, tudo era feio, tudo era pecado. Você tinha até que ajoelhar no milho, quase um restinho de Inquisição.

Tpm. Sexo e culpa são indissociáveis?
Cassandra. Estão interligados. A pessoa sempre vai fazer aquele monte de perguntas, "Será que devia ter feito?", "Será que foi a hora?". Isso é atávico. Sexo sempre foi levado no sentido proibido, principalmente em relação à mulher.

Tpm. Como sua família tratava o assunto, havia a expectativa de que você se casasse virgem?
Cassandra. Ah, casar... nossa! Minhas irmãs casaram na igreja, eu tive que casar na igreja. Mulher que passasse dos 18 anos era considerada solteirona. Era uma época castradora.

Tpm. Você sonhava em casar, ter filhos?
Cassandra. Não, só sonhava em escrever. Se tivesse filhos, se fosse casada, a vida familiar não me permitiria escrever. Nasci para ser escritora, tive essa missão. Dormia com um caderno, para escrever.

Tpm. Não sentia falta de nada?
Cassandra. *[Desconfiada]* Você quer entrar na minha vida amorosa... Isso fica para minha próxima autobiografia!

Tpm. Você acha que foi essa dedicação absoluta a seus livros que impediu seu casamento de ir para frente?
Cassandra. Minha arte não dificultou nem interferiu na minha vida amorosa. Sou uma quando escrevo, outra quando vivo. Vou responder como *[a romancista francesa]* George Sand respondeu quando perguntaram o que ela fazia quando não estava escrevendo: "Eu vivi". Foi minha mãe que me contou isso, por causa das perguntas indecentes que me faziam.

Tpm. É indecente perguntar como foi seu casamento?
Cassandra. Não, não é. Mas a minha vida não é literatura, não é folhetim. É uma coisa que guardo com todo carinho. É sublime. *[Enfática]* Deixa a história de casamento de lado, não tem nada a ver, não tem nada a ver.

Tpm. Achei curioso não encontrar na sua autobiografia, *MezzAmaro*, um livro de 400 páginas, nenhuma referência a sexo.
Cassandra. A vida sexual é importante, mas não é prioritária. O que comandou minha vida foram meus livros, minha literatura... bom, a finalidade da sua entrevista é sexo?

Tpm. A finalidade é conhecer você.
Cassandra. Então deixa o sexo para os livros, tá? Não sou uma história, eu escrevo histórias. Se disser que faço tudo aquilo que escrevo, estou mentindo. Sou uma coisa, minha obra é outra.

Tpm. Você não se sente confortável falando sobre sexo?
Cassandra. Não gosto de falar. Escrevi tanto sobre sexo que, quando vou falar, acho enfadonho. Se você quiser falar de sexo comigo, leia meus livros.

Tpm. Mas você mesma insiste em que seus livros não são sobre você...
Cassandra. Não estou falando para me procurar nos meus livros, não estou nem nas entrelinhas... liga minha secretária eletrônica e ouve. Há recados. Eu não estou morta. Amo, desamo, esqueço, lembro, tenho fantasias...

Tpm. Você realiza suas fantasias?
Cassandra. Quase sempre. Mas as fantasias que realizo se tornam uma realidade tão obsoleta... Perde o sentido. Às vezes me apaixono por um gesto, por um modo de ser de alguém que depois não vou ver mais. Faço poesia, música e depois aquilo vai se diluindo, diluindo... não corro atrás da pessoa.

Tpm. Por quê?
Cassandra. Eu sou tímida. Fico feito uma flor, parada esperando a abelha. O telefone toca e eu penso que é a pessoa e não é...

Tpm. Parece coisa de adolescente...
Cassandra. Sou adolescente para o amor! Quando eu amo, tenho 15 anos. Fico encantada. Mas não deixo transparecer. Tenho meu modo de ser mais rigoroso, tomo muita conta de mim, me policio 24 horas por dia. Porque acho que o amor não pode ser assim esparramado.

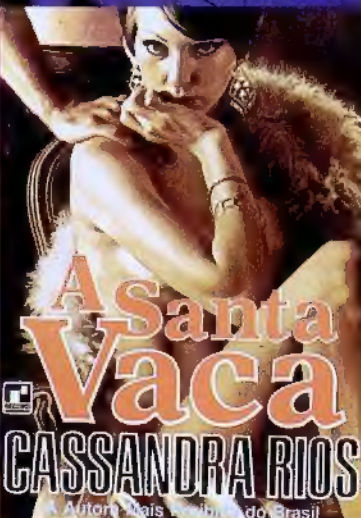
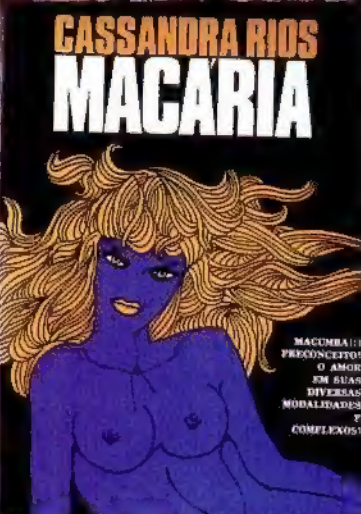
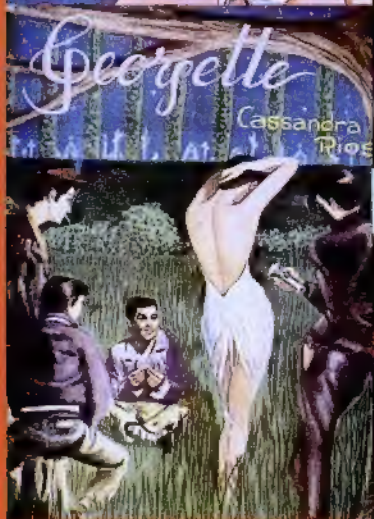
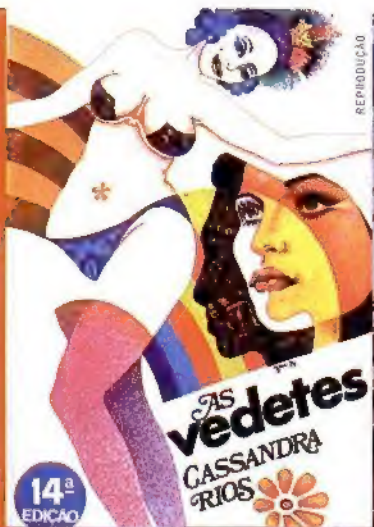
Tpm. No último dia dos namorados você ligou para alguém, alguém ligou para você?
Cassandra. Recebi uma ligação, mas não era quem eu queria.

Tpm. Você tem algum relacionamento afetivo sério?
Cassandra. Não, não. Faz muito tempo que fiz voto de castidade.

Tpm. Como assim?
Cassandra. Voto de castidade. Minha mãe estava na UTI e eu não sabia o que oferecer pela vida dela. Então fiz um juramento e disse "Deus, a coisa que mais tenho é amor". Fiz o voto de não ter absolutamente nada com ninguém, não ter relações sexuais, amor, nada. Também prometi fazer jejum toda segunda-feira. E minha mãe saiu da UTI *[a mãe de Cassandra morreu três anos atrás]*.

Tpm. Até hoje você jejua às segundas?
Cassandra. Não, parei de jejuar.

Tpm. E o voto de castidade?
Cassandra. Continuou. *[Silêncio.]*

Tpm. Você está tranqüila com esse voto?
Cassandra. Muito tranqüila, muito feliz. Estou vivendo muito bem comigo mesma. Acho que as pessoas que saem muito à cata de alguém não se gostam. Moro sozinha, vivo sozinha, adoro ficar sozinha, nunca senti solidão. É mais fácil você ser infeliz junto de alguém do que sozinho. Não precisa ficar agarradinho. Agarradinho é coisa de

Como é belo!

Em 1952, Cassandra Rios lançou *Macária*, contando a história de Zaira, mulher que descobre a própria homossexualidade depois de ser traída pelo marido, Augusto. É desse livro, fora de catálogo, a cena de sexo mais forte da obra de Cassandra – na opinião da própria autora.

"As mãos de Augusto arrancaram a blusa de Rosa, tirou-lhe a saia. Ela não vestia nada por baixo. A morena ficou nua. Estendeu a mão para ele numa sem-vergonhice nojenta, desabotoando-lhe as calças.

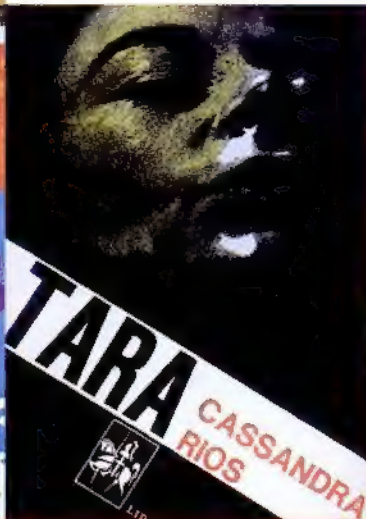
– Como é belo! – exclamou com os lábios úmidos resfolegando de desejo, bolinando o sexo do homem que se deliciava ao roçar dos bicos dos seus fartos seios.

Augusto riu diabólico, pondo-se todo em forma, ereto, pronto, excitado.

As palavras que ele proferiu feriram os ouvidos de Zaira, que sentiu no rosto um calor de vergonha e nojo. Foi uma revolta que soterrou qualquer ciúme. [...]

– Porra! Eu sou macho ou não sou?

Arrepanhou Rosa com as mãos, puxando-a pelos ombros, virou-a de costas, mordiscou-lhe a nuca, enfiando o rosto entre os cabelos perfumados, e vociferou sedento e bruto, forçando-a como um animal furioso:

– Agora vou pôr no seu cuzinho!"

quem está carente de sexo e de carinho.

Tpm. Você se apaixonou muitas vezes?
Cassandra. Para mim o amor é uma poesia rápida, às vezes um versinho, uma frase. Não passa daquelas frases, assim, piegas. Eu sou piegas.

Tpm. E você teve muitas chances de ser piegas?
Cassandra. Sempre tenho, é muito bom. Só que agora, com essa idade, preciso pendurar as chuteiras, né? *[Risos.]*

Tpm. Precisa mesmo?
Cassandra. O amor não envelhece, mas a cara feia aborrece! *[Risos]* O que mais aconteceu na minha vida foi eu ter me deixado influenciar pelo querer de alguém... mas foram coisas tão desagradáveis...

Tpm. As suas paixões foram desagradáveis?
Cassandra. É, porque gosto de amar livremente. Quando você se torna propriedade, quando vê sua liberdade limitada, quando até tem medo de escrever porque a pessoa cria problemas, tudo isso forma um amor feio. Por isso, é muito difícil de acreditar, já me aconteceu de amar muito uma pessoa e não ter nada, absolutamente nada com ela.

"Meu lugar na literatura brasileira? Na mão do leitor! Quero ser lida, mesmo que achem uma droga"

Tpm. Não lhe fez falta a parte física do amor?
Cassandra. Quando fazia, eu sonhava. Mas nunca acontecia, era um amor pleno... Você reclamou que na minha autobiografia não falei nada de sexo!

Tpm. Não reclamei, fiquei intrigado.
Cassandra. É que *[na autobiografia]* é a Odete *[o verdadeiro nome de Cassandra]* que está escrevendo.

Tpm. Mas a Odete não tem vida sexual?
Cassandra. *[Irritada]* Por quê?! Sou uma pessoa anormal, sou assexuada, sou defeituosa? Eu sou normal! Isso é uma coisa que fica para o meu próximo livro.

Tpm. Então vamos falar de literatura. Qual sua opinião sobre Hilda Hilst e Adelaide Carraro, mulheres que também produziram obras em que o sexo é um elemento importante?
Cassandra. Eu revisava os livros da Adelaide. Ela sempre foi muito corajosa, respeito muito a literatura dela. Gosto muito da Hilda Hilst, ela é séria, muito boa escritora.

Tpm. E Nélson Rodrigues?
Cassandra. Amo! Ele era muito objetivo nas coisas, muito claro, preciso. Lia os contos dele. A primeira vez que li Nélson Rodrigues, não sabia que era ele por causa do pseudônimo, Suzana Flag. Não me lembro a história, mas fiquei maravilhada. Pudor não existia para ele, existia a realidade. Pudor é falsidade. Se eu tivesse pudor, não seria a Cassandra.

Tpm. Qual é seu lugar na literatura brasileira?
Cassandra. Na mão do leitor! *[Risos]* Não quero receber troféus, honrarias ou méritos. Quero ser lida, mesmo que achem uma droga.

Tpm. Um livro recém-lançado, *Literatura da Cultura de Massa*, de Waldenyr Caldas, classifica seu trabalho como "paraliteratura"...
Cassandra. *[Indignada]* Paraliteratura é a mãe dele! Puta que o pariu! Ele não sabe o que é literatura e não sabe escrever. Não li e não vou ler esse livro. "Paraliteratura" é a mãe dele que pariu. Pronto, falei um palavrão! *[Risos.]*

Tpm. Você se incomoda tanto assim com críticas?
Cassandra. Para falar de um livro, o crítico precisa ler toda a obra do autor. Duvido que esse aí tenha lido todas as minhas obras. Du-vi-de-o-dó! Escrever todo mundo escreve, quero ver quem vende. Fico doida com esse tipo de coisa...

Tpm. O que você acha de seus livros serem classificados como literatura erótica?
Cassandra. Essa classificação surgiu por eu não ter medo de explorar determinados assuntos. Mas nunca escrevi sobre sexo, sempre fui amorosa. Agora, o amor é erótico!

Tpm. O escritor americano Henry Miller preferia ser chamado de obsceno, em vez de pornográfico. E você?
Cassandra. Ah, prefiro obscena! É uma palavra bonita, sensual. "Pornográfica" já é outra coisa. Devia ser "porco-gráfica"! *[Risos]* Meus livros não são pornográficos. São livros de amor. Falam da atração que uma pessoa exerce sobre a outra. Há aquele processo de se interessar, de namorar. Não acredito que uma mulher olhe para um homem e "tum!", vão lá direto. A não ser que esteja a fim do dinheiro dele ou ele do dinheiro dela ou que os dois sejam tarados.

Tpm. O que você acha de sexo sem amor?
Cassandra. Horrível.

Tpm. Por quê?!
Cassandra. É uma coisa animal, para que fazer sexo sem amor?

Tpm. Por prazer.
Cassandra. Não existe sexo sem amor. Quando uma pessoa faz sexo com outra pessoa, existe algum amor.

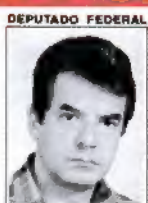
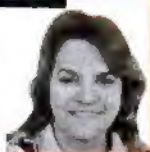
Tpm. O sexo não pode bastar a si mesmo?

REPRODUÇÃO

DOIS ADMIRADORES ILUSTRES: O BANDIDO DA LUZ VERMELHA ENVIOU A CASSANDRA O RECORTE DE UMA FOTO DA ESCRITORA COM AS INSCRIÇÕES "BEIJO"; O ESCRITOR JORGE AMADO DEFENDIA PUBLICAMENTE SEUS LIVROS PROIBIDOS (NA PÁGINA AO LADO)

AGÊNCIA FOLHA

FOTOS ARQUIVO PESSOAL

APRESENTANDO SEU PROGRAMA NA RÁDIO BANDEIRANTES, EM 1986, QUANDO FOI CONVIDADA NO AR A SE CANDIDATAR A DEPUTADA ESTADUAL. ABAIXO, OS SANTINHOS DA CAMPANHA

Cassandra. Não posso generalizar, não posso condenar uma coisa que não conheço. Eu não faria sexo sem amor. Sexo sem amor é sempre um estupro. Quando uma pessoa faz sexo com outra, existe um mínimo de atração visual. Então é o belo, é o amor. O amor pode surgir de uma atração física.

Tpm. Seus livros vendiam por causa do sexo?
Cassandra. Não, por causa do amor. Sexo é conseqüência.

Tpm. Não passou pela sua cabeça que seus livros poderiam causar controvérsia?
Cassandra. Não, absolutamente. Eu li a Bíblia de cabo a rabo. Escrevi à minha maneira.

Tpm. Por que você citou a Bíblia?
Cassandra. Porque quem condena meus livros tem que condenar a Bíblia. Ela tem passagens violentas. No "Cântico dos Cânticos" de Salomão está escrito: "Os teus dois peitos são como dois filhinhos gêmeos da cabra montesa". É lírico, eu achava lindo! O escritor é sempre inocente. Não pensei que fosse me deparar com tanta perseguição.

Tpm. Mas você escreveu para sua mãe uma carta, no dia 9 de maio de 1946, aos 14 anos, em que dizia "Eu sei que vou enfrentar o mundo"...
Cassandra. *[Continua]* "Tentarão prender-me e levar-me ao cadafalso." Sabia que estava cutucando um vulcão, só que não conseguia parar de escrever. Tinha coragem de fazer, mas tinha medo do que eu fazia. Não pelo que fazia, e sim pela interpretação que davam.

Tpm. Você chegou a ser presa?
Cassandra. Não, mas recebi ordem de prisão por *Eudemônia*, por usar "temas atentatórios à moralidade pública". Fui condenada a um ano de prisão. Algum santo foi contra isso e não deixou me caçarem.

Tpm. Qual a maior calúnia dirigida a você?
Cassandra. Foram tantas... O que mais me incomodou foi me encararem como personagem de livro. Então não tenho capacidade para ser escritora?! Diziam que eu era a Eudemônia!

Tpm. O que incomodava era dizerem que você era homossexual ou era a identificação entre vida e obra?
Cassandra. Não ligo se dizem que sou homossexual ou heterossexual. Mas sou escritora! Fere a mim como escritora acharem que só tenho capacidade de escrever aquilo que vivo. Sou ficcionista, eu crio! A Odete sou eu, a Cassandra sou eu quando escrevo.

Tpm. Não é estranho se referir a si mesma na terceira pessoa?
Cassandra. Não, porque sou a Odete. Quando falo da Cassandra é aquela que criei, aquela que as pessoas vêem. Foi muito difícil para mim separar a Cassandra da Odete. Hoje posso fazer isso.

Tpm. Seus amigos a chamam de Odete ou de Cassandra?
Cassandra. Hoje, tanto faz. Há uns três anos, quando falavam Odete eu estremecia. Pensava: "Me descobriram, me descobriram!". Parecia que estavam me desnudando.

Tpm. Por que você tinha tanto medo de ser Odete?
Cassandra. Odete é aquela coisa pura, quieta, encolhidinha. No fim das contas, sou uma senhora respeitável de 68 anos! *[Risos]* Eu tremia para assinar "Odete". Parecia que entregaria aos chacais aquilo que tinha de mais lindo. *[Silêncio.]*

Tpm. Você faz ou fez análise?
Cassandra. Nunca! Faço auto-análise. E até analiso minhas amigas, que telefonam pedindo conselhos. Sempre fui muito orgulhosa, muito dona de mim. Não admitia ser analisada por ninguém.

Tpm. É por isso que você não gosta de dar entrevistas?
Cassandra. Não precisa ser entrevista. Quando começam a perguntar muito de mim, não gosto. Sou fechada. Tudo que tenho para falar, escrevo. As pessoas que abrem a boca e falam tudo o que o repórter quer ouvir mentem a si próprias, mentem ao leitor. E não vou, para agradar o leitor, dizer que gozei, que fiz isso, que trepei... *[Nervosa]* Não vou falar nada dessas coisas.

Tpm. O que você achou de a modelo Ira Barbieri dizer em entrevista à *TRIP* que já havia transado com 150, 200 homens?
Cassandra. É o jeito dela de ser. Do mesmo jeito que falou que teve 200 homens, outras mulheres não querem contar nem que tiveram um. Eu, como Odete, não me exponho.

Tpm. Existe sexo demais na tevê?
Cassandra. Tem aquilo que o povo pede, aquilo que ficou muito represado. Quem quer assiste, quem não quer muda de canal. Tudo o que é proibido é procurado, há o sensacionalismo da proibição.

Tpm. Você acredita que teria feito o mesmo sucesso se não tivesse sido proibida?

Cassandra. Não fiz sucesso porque fui proibida. A proibição foi propaganda. Leram meu primeiro livro, gostaram e leram o segundo, leram o terceiro...

Tpm. Embora seu primeiro livro seja de 1948, você só foi proibida em 52. Por que, já que sempre houve sexo em suas obras?
Cassandra. Porque só eu vendia! Só dava Cassandra Rios nas livrarias. Isso causa uma coisa... hoje sei que era muita inveja.

Tpm. Então perseguiam seu sucesso, e não as cenas de sexo dos seus livros?
Cassandra. Claro! Se eu estivesse apagada, ninguém ouviria falar de mim! E quem não existe não é perseguido. Só cajueiro doce recebe pedradas. *[Risos]* Mas era defendida por gente como Jorge Amado. Ele estava lançando um livro em São Paulo e quis me conhecer. Ele se espantou com minha idade: "Tão jovem e escrevendo livros dessa envergadura?".

Tpm. Na época, Jorge Amado também tinha livros proibidos, como O *Cavaleiro da Esperança*. Isso criou uma identificação entre vocês?
Cassandra. Não. Nunca pensei nele como um escritor proibido. Para mim, ele significava um grande escritor.

Tpm. Ao contrário de Jorge Amado, você não atraía a simpatia da esquerda, por não escrever livros engajados. Você se sentia isolada?
Cassandra. Não. Nunca quis pertencer a nenhuma igrejinha. Uma vez até tiraram meu nome de um manifesto contra a censura, assinado por vários artistas. Por outro lado, Cassandra Rios era acusada de ser subversiva, comunista...

Tpm. De onde saiu o nome Cassandra? Foi da profetisa da mitologia grega?
Cassandra. Eu ouvia esse nome. Escutava alguém me chamar de Cassandra.

Tpm. Escutava?
Cassandra. Ouvia e tinha sonhos... Até hoje isso me deixa um pouco agoniada, é sombrio demais... Eu era menina e fui pegar um retrós para minha mãe. Abri a gaveta e ouvi atrás de mim uma voz, "Cassandra, Cassandra!". Joguei a gaveta longe, saí correndo! Tinha um sonho com um coche preto que me esperava, e também me chamavam de Cassandra. Eu tinha uns 9 anos. Peguei a coleção de Freud *[para tentar entender o que estava acontecendo]*...

Tpm. Você leu Freud aos 9 anos?!
Cassandra. Li de ponta a ponta, procurando o meu problema. Diziam que Freud era o pai da psicanálise, que explicava tudo. Sabia que estavam falando comigo, mas por que trocavam meu nome? Fui contar para minha mãe que me chamavam de Cassandra.

Tpm. Como ela reagiu?
Cassandra. Ela dizia "Você tem cada coisa na cabeça!". Bom, aí dormi um mês.

Tpm. Dormiu durante um mês?
Cassandra. Dormi por um mês. Chamava *[mentalmente]* as pessoas para ir lá em casa, e elas apareciam... Minha mãe, por causa disso, me levou no *[médium mineiro Zé]* Arigó. Estava cheio de gente lá, e ele disse: "Você aí, você que tem dois nomes. Vão te secar como uma rosa pela inveja, mas a tua raiz nunca vai secar". Não conto isso para ninguém, morro de vergonha.

Tpm. E vergonha de algo que você escreve, acontece de você sentir?
Cassandra. Acontece! Falo "Meu Deus, eu escrevi isso"! Quando pego um livro meu e vejo que os dois personagens estão num fogo total, pulo a página! *[Risos]* Mas arte é espontânea. Às vezes tento escrever um livro ameno e, de repente, a coisa vai.

Tpm. Você se considera uma pessoa liberal ou conservadora?
Cassandra. Conservadora.

Tpm. Cassandra Rios é conservadora? *[Risos.]*
Cassandra. Conservadora e moralista. Se você ler meus livros corretamente, vai ver que são conservadores.

Tpm. Por que então você não deixa suas amigas lerem alguns deles?
Cassandra. Alguns têm muito palavrão, cenas fortes. As primeiras coisas que escrevi eram mais sutis. A coisa vai evoluindo e, de repente, o personagem vem com mais ardência, com mais furor. *[Meu primeiro livro]* A *Volúpia do Pecado* não tem nada de mais! Uma personagem fala que "passou a mão na outra e deu um choquinho". Porque "deu um choquinho" condenaram meu livro! *[Risos.]*

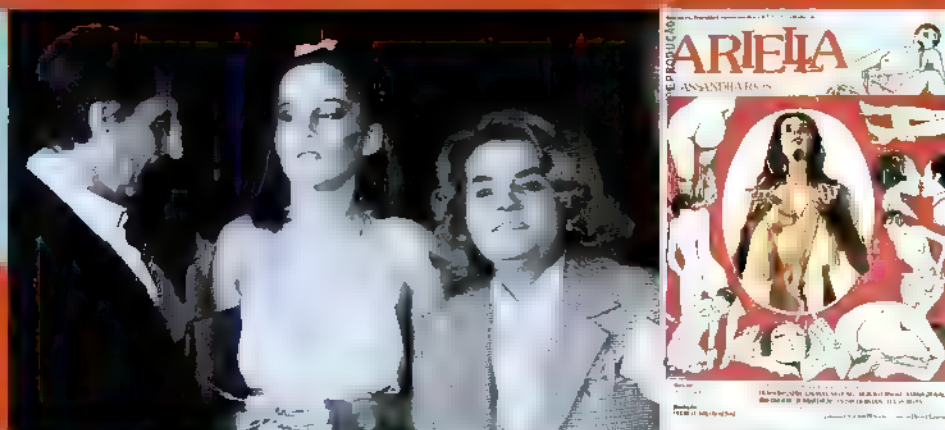
Tpm. Talvez uma menina passando a mão em outra menina tenha assustado mais do que o "choquinho"... Você também fez sua mãe prometer que não leria suas obras, não?
Cassandra. Minha família estava acostumada a ler minhas primeiras histórias em revistas como a *Capricho*. Tudo muito pueril, como "Tião, o Engraxate". Quando lancei A *Volúpia do Pecado*, surgiram as perseguições e as críticas terríveis em jornais e revistas. Aí comecei a maliciar meus livros, a achar que eles iriam chocar minha mãe, ferir a visão que ela tinha da vida.

Tpm. Quando você publicou A *Volúpia do Pecado*, aos 16 anos, já havia tido alguma experiência sexual?
Cassandra. Não. Eu tinha noção da vida sexual, você nasce com essa noção.

Tpm. Você se sentia muito reprimida quando era menina?
Cassandra. *[Rápida]* Se fosse reprimida, não teria escrito meus livros.

Tpm. Os livros poderiam ser uma sublimação...
Cassandra. Não, eu era livre, leve e solta. E o mundo que se explodisse.

Tpm. Qual a cena de sexo mais forte que você escreveu?
Cassandra. No livro *Macária*, quando Zaira surpreende o marido *[transando]* com a empregada. *[Leia trecho em "Como é belo!", nestas Páginas Vermelhas.]* Acho terrível, mas não podia ser diferente. Se não me chocasse com as cenas que escrevo, elas não teriam valor, não teriam grandiosidade. Meus

"O escritor é sempre inocente. Quem condena meus livros tem que condenar a Bíblia. Ela tem passagens violentas"

JOHN HERBERT, NICOLE PUZZI E CASSANDRA EM 74, NA ESTRÉIA DO FILME *ARIELLA*, BASEADO NO SEU LIVRO HOMÔNIMO

livros vieram para quebrar tabus, preconceitos. Pais agradeciam por eu ter feito com que descobrissem que seus filhos eram normais, que não deviam ser enfiados em um sanatório por serem homossexuais.

Tpm. O que você acha do modo como a homossexualidade é tratada hoje?
Cassandra. Há forças de ação e de retração. Alguns homossexuais estão saindo do subsolo em que viviam, se manifestam. A maioria ainda se esconde. Escrevi uns 30 livros sobre homossexualidade. É o máximo uma mulher ter coragem de falar que ama uma mulher, ou um homem falar que ama um homem... com pureza. Os homossexuais têm coragem de amar.

Tpm. Algumas facções do movimento gay defendem que homossexuais famosos devem revelar publicamente sua opção, pois isso diminuiria o preconceito. Você concorda?
Cassandra. Acho que estão certos em não revelar. A sociedade rotula o homossexual como cachaça de macumba, não como uísque! *[Risos.]*

Tpm. Você sabia que seu nome está no site Mídia GLS, numa galeria de "lésbicas famosas"?
Cassandra. Está lá? Não vi isso, pode ser que não seja eu...

Tpm. "Cassandra Rios, escritora" só pode ser você.
Cassandra. Ah, falaram Cassandra Rios, escritora?

Tpm. É...
Cassandra. Olha só, sabem mais de mim do que eu mesma! *[Risos]* Bom, me chamavam de "Papisa da Homossexualidade" por causa dos meus livros.

"Os homens preferem as prostitutas, senão não as procuravam. Elas são mulheres arejadas, abertas"

Tpm. Você declararia publicamente sua opção sexual, se isso fosse ajudar o movimento gay?
Cassandra. Se fosse ajudar... Como Cassandra Rios, sim. Como Odete, não.

Tpm. Qual a opção sexual da Cassandra Rios?
Cassandra. Cassandra Rios é uma homossexual, porque escreve defendendo a homossexualidade.

Tpm. E a Odete Rios?
Cassandra. A opção sexual da Odete é uma coisa... *[Bruscamente]* Acredito que você poderia respeitar minha privacidade! Acho que pelo menos a Odete deve ficar incógnita. Escritor é um mito, tem que se preservar, não tem que aparecer.

Tpm. Você dizia que estava escrevendo para o ano 2000. Agora que ele já passou, o que você espera do futuro?
Cassandra. Não tenho expectativa nenhuma. Continuo escrevendo, como se fosse o começo. É tão bom recomeçar. Se não for perseguida de novo, vai ser muito chato! *[Risos.]*

Tpm. Isso a estimula a escrever?
Cassandra. Claro. Sou movida a raiva. *[Ri.]*
Tpm. Havia a intenção de chocar com títulos como *A Piranha Sagrada* e *A Santa Vaca*?
Cassandra. Não era deliberado. Vieram junto com a história, como os personagens que vêm com sua bagagem, com seu registro.

Tpm. Certo, mas não é provocação publicar um título desses?
Cassandra. Escrevi *A Santa Vaca* de raiva. De tanto me perseguirem, resolvi fazer pornografia, então fiz esse livro. Na introdução está a minha intenção, *[mostrar]* a força da mulher ao ouvir o homem chamá-la de prostituta... ela acaba traindo o homem, torna-se uma prostituta, uma adúltera.

Tpm. Por que o homem, quando quer ser mais agressivo, xinga a mulher de prostituta, de vagabunda?
Cassandra. Porque no fundo ele gostaria que ela fosse prostituta. Pergunta para as mulheres como é que eles as tratam na cama: como uma santa-virgem-pura ou como uma puta? *[Ri]* Preferem as prostitutas, senão não as procuravam. Elas são mulheres arejadas, abertas, eram as cortesãs.

Tpm. Mas, na hora de casar, os homens preferem as santas-virgens-puras, não?
Cassandra. Porque homem não gosta de ser chifrudo. Mas é! *[Risos]* Então, escolhe uma mulher santa com senso moral, pudica, que pensa "sou mãe dos meus filhos, não posso dar um mau passo". Mas quando ela dorme, não terá um fantasma naquela cabecinha? Muitas se satisfazem com isso, são oníricos os momentos dela...

Tpm. Você estava dizendo que continua escrevendo...
Cassandra. Direto, todos os dias.

Tpm. Seus livros estão mais comportados?
Cassandra. Não, estão mais vibrantes! *[Risos]* *Entre o Reino de Deus e o Reino do Diabo [produzido como edição caseira em 1997]* é importante para os homossexuais. Homossexuais, leiam esse livro e fundem seus partidos!

Tpm. Por que você decidiu se candidatar a deputada estadual pelo PDT, em 1986?
Cassandra. Eu tinha um programa de rádio de muita audiência. Uma vez, entrevistei o *[ex-governador de São Paulo]* Adhemar de Barros e ele disse, no ar, que eu era sua candidata. Nem sonhava em me candidatar a nada! Não me elegi, naquele ano só deu PMDB.

Tpm. A campanha foi desgastante?
Cassandra. Foi maravilhosa, uma experiência fantástica. No começo me assustei, pensei que seria apedrejada! O Gugu Liberato apresentava o comício. As mulheres todas levavam vaias, então disse para ele não me chamar, porque já tinha sido muito perseguida. Quando ele chamou "Cassandra Rios", a multidão começou a gritar "já ganhou, já ganhou"! Foi muito especial, nem

conseguia falar. Via meus leitores ali, não aquela meia dúzia de pessoas me perseguindo.

Tpm. Você não sente falta da fama?
Cassandra. Escondiam meus livros debaixo do colchão, meu nome virou palavrão! Como poderia sentir falta desse tipo de fama? Não sinto falta de nada. Tudo que vivi, vivi bem. Fico feliz quando alguém chega e diz que leu meu livro. Antigamente era diferente. Fingia que não era comigo. Me beliscavam, puxavam minha roupa, pulava gente de trás do carro, era horrível. Incomodava.

Tpm. E o que a fama trouxe de bom para você?
Cassandra. Bons amigos. Tem gente que conta os amigos nos dedos das mãos, eu não consigo. Tenho muito mais.

Tpm. Você publicou 50 livros, todos fora de circulação. Sua obra não tem mais lugar no mundo de hoje?
Cassandra. Se eu ocupo um lugar no mundo, minha obra também vai ocupar um espaço. Não sei se vou ser recebida por um, por dois ou por três. Não estou preocupada com isso. Depois que o escritor termina sua obra, não importa se vendeu ou não vendeu. Por isso ele é explorado! *[Risos.]*

Tpm. Você foi muito explorada?
Cassandra. Putz, Nossa Senhora!

Tpm. Quantos livros você calcula ter vendido?
Cassandra. Não tenho idéia... *[Em 1976, o jornal alternativo] Pasquim* fez um levantamento e afirmou que eu já tinha vendido mais de um milhão de exemplares!

Tpm. Você chegou a ficar rica?
Cassandra. O que é ficar rica, quando se viveu sempre bem? Tinha um pouco mais de dinheiro, um pouco mais de autonomia. Cheguei a ter cinco carros, tinha casas. É bom não falar sobre isso, são coisas tão supérfluas.

Tpm. Você acha que seria capaz de vender um milhão de exemplares novamente?
Cassandra. Não sei. Hoje a televisão, a internet, o DVD e o videocassete diminuem muito a leitura. A vantagem não é ter vendido muito em 1948, quando não havia nada disso. Cada edição era de 100, 200 mil exemplares. Importante para mim é um livro lançado há 50 anos continuar vendendo.

Tpm. Qual a tiragem das edições caseiras que você faz de seus livros?
Cassandra. Faço só por encomenda. Fiz 57 cópias de *Entre o Reino de Deus e o Reino do Diabo.*

Tpm. Você ainda vive de direitos autorais?
Cassandra. Hoje edito meus autores, faço revisões de livros, sou ghost writer. Para sobreviver, vendi os bens que tinha. Terrenos, casas, automóveis, telefones. Mas não me desfaço deste apartamento *[um quarto-e-sala na Vila Buarque, bairro classe média no centro de São Paulo]*. Comprei depois de ganhar uma aposta de um editor, que duvidou que eu escrevesse um livro em uma semana. Escrevi *O Bruxo Espanhol* e ele me deu o dinheiro.

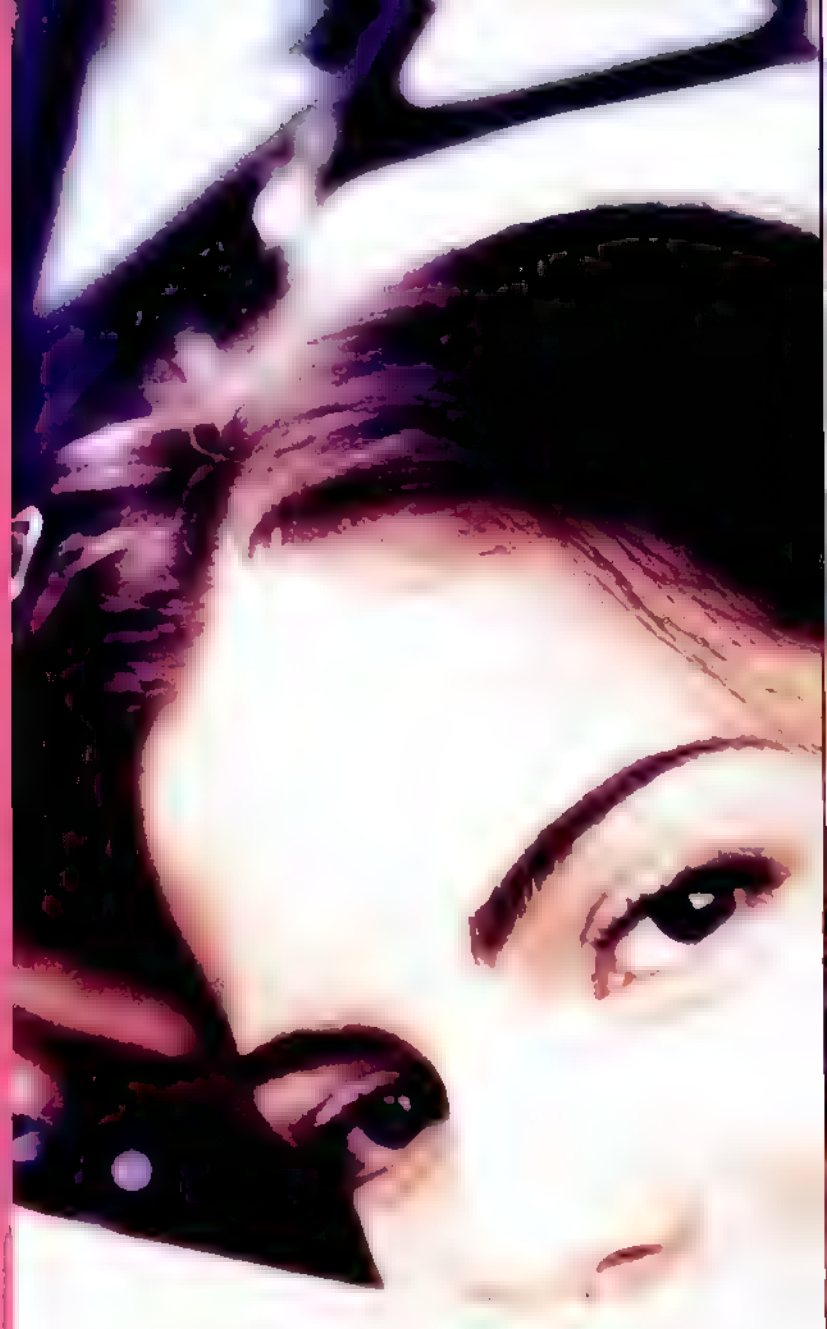
"CONTINUO ESCREVENDO, COMO SE FOSSE O COMEÇO. SE EU NÃO FOR PERSEGUIDA DE NOVO, VAI SER MUITO CHATO!"

Tpm. Como é o convívio com travestis e prostitutas aqui da região onde você mora, ao lado da Boca do Lixo?
Cassandra. Essas ruas parecem Paris, com todos os travestis desfilando. Uma vez fui reconhecida e os travestis deram as mãos e começaram a dançar em volta de mim, falando "Rainha, rainha"! Cada um mais bonito que o outro, e eu feia assim!

Tpm. Você se acha feia?
Cassandra. Não assusto ninguém, mas também não me acho bonita.

Tpm. Você é vaidosa?
Cassandra. Eu era vaidosa. De manhã punha uma roupa, de tarde outra, à noite outra. Tinha fileiras de botas, de sapatos, não dava para usar tudo. Hoje, não sou mais.

Tpm. Mas o seu cabelo está cuidadosamente pintado.
Cassandra. Ah, isso eu trato. Meu cabelo é um horror... *[Brinca]* É que tomei banho porque você vinha aqui. *[Risos]* Não vai botar aí que só tomei banho porque você veio aqui, hein, não é nada disso!!! Você sabe como é jornalista...

Tpm. Tá bom, tá bom...

A Contracepção de Emergência é o método que pode evitar a gravidez até 72 horas após a relação sexual. Por isso, se a camisinha furou, se você esqueceu de tomar a pílula ou errou na tabelinha ou se seu parceiro não interrompeu a relação antes de ejacular, você está correndo risco de engravidar. Vocês podem contar com a Contracepção de Emergência, um método recomendado pela Organização Mundial da Saúde. Converse com seu médico a respeito: sem dúvida, ele pode orientar você melhor.

Editor Paulo Lima tpm@zip.net
Diretor Superintendente Carlos Sarli sarli@revistatrip.com.br
Diretor de Negócios Marcos de Moraes mmoraes@revistatrip.com.br
Diretor Editorial Fernando Luna fluna@revistatrip.com.br

PLANEJAMENTO E GESTÃO
Diretores Antonio Carlos Soares e Patrick Lisbona
Diretor de Novos Negócios Marcelo Loureiro

REDAÇÃO
Diretor de Redação Fred Melo Paiva fred@revistatrip.com.br
Redatora-Chefe Nina Lemos nina@revistatrip.com.br
Subeditor Miguel Icassatti miguel@revistatrip.com.br
Chefe de Reportagem Mariana Sgarioni mariana@revistatrip.com.br
Repórter Especial Fernando Costa Netto fcnetto@uol.com.br
Reportagem Juliana Werneck e Renata Leão Bavaresco
Estagiários de Redação Eduardo Marçal e Thaila Moreira
Colunistas Mara Gabrilli e Marcelo Fromer
Correspondente no RJ Christian Gaul christiangaul@openlink.com.br

ARTE
Diretor de Criação Rafic Farah rafic@revistatrip.com.br
Projeto Gráfico Beth Slamek e Paola Bianchi (Rafic Farah Estúdio)
Diretora de Arte Paola Bianchi paola@revistatrip.com.br
Chefe de Arte Sérgio Brandão Cury sergio@revistatrip.com.br
Diagramador Gus Bozzetti gus@revistatrip.com.br
Estagiário de Arte Pedro Ruffin Pinhel

EDITORIA DE MODA
Editora de Moda Lara Gerin laragerin@revistatrip.com.br
Assistente Bibiana Kamimura bibiana@revistatrip.com.br

PRODUÇÃO GRÁFICA
Walmir S. Graciano walmir@revistatrip.com.br
Monica Yamamoto monicay@revistatrip.com.br

PRODUÇÃO
Coordenação de Produção Angela Caçapava angela@revistatrip.com.br
Estagiária de Produção Anita Castanheira anita@revistatrip.com.br

INTERNET web@revistatrip.com.br
Diretor Tiago Guimarães tiago@revistatrip.com.br
Coordenação e Design Eva Uviedo eva@revistatrip.com.br
Assistentes de Arte Daniel Motta Carvalho, Danilo Tamega Lataro e Eduardo Fernandes
Editor de Texto Luiz Cesar Pimentel cesar@revistatrip.com.br
Reportagem Erica Gonsales erica@revistatrip.com.br
Produtora Jadi Stipp jadi@revistatrip.com.br
Assistente de produção Isabel Campos bel@revistatrip.com.br
Apoio Tecnológico E-Nós 2

DEPARTAMENTO DE MARKETING
Gerente Ana Paula Wehba anapaulaw@revistatrip.com.br
Supervisoras Daniela Basile, Joana Dias
Assistente de Produção Alexandre Santos Betti
Atendimento ao Leitor Camila Oliveira 3081 4511

DEPARTAMENTO COMERCIAL
Diretora Comercial Débora Liotti dliotti@revistatrip.com.br
Gerente Comercial Rogério Rocha rogerio@revistatrip.com.br
Projetos Especiais Eduardo Rezende
Executivos de Contas Antonio Bonfá Junior (Totó) / ramal 235
Carmen Lúcia Mello/ ramal 236
Gabriella Gulla Batarce/ ramal 258
Karla Gonçalves/ ramal 258
Flavio Fernandes (mídia on-line)/ ramal 288
Assistente do Comercial Diego Gantous/ ramal 227
Representantes RJ Sandra Cortez (21) 9122 8294 e Mylene Zigoni (21) 7842 6074
Representante Sul Ado Henrichs ado@terra.com.br (51) 9962 0356 e (51) 348 1537
Representante Minas Gerais Bel Music Serviços Musicais Ltda. (31) 3221 8829

DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO/FINANCEIRO
Gerente Fábio Suda suda@revistatrip.com.br
Circulação Ana Paula Accica
Recursos Humanos/Administrativo Maria Helly Melloni (Tati)
Analista Financeiro/Circulação Rodrigo Lutfi
Recepção Bárbara Didio, Cibele Peres Horta
Assistente Financeiro Ricardo Braga
Serviços Externos Felicio Oliva Neto e Nivaldo Ferreira Alves
Manutenção e Apoio Cristian Bertholet, Francisca dos Santos Silva, Luciana Gisele Alves

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:
Texto: Andréa Estevam, Bia Abramo, Fernanda Lima, Guto Barra, Lia Medeiros, Pedro de Lara
Fotos: Ado Henrichs, Ali Karakas, Braga Junior, Bob Wolfenson, Christian Gaul, J.R. Duran, Erik Aeder, Joseph M. Lopez, Márcio Simch, Marcos Villas Boas, Mariana Jorge, Nino Andréas, Ugo Dabizzi
Ilustrações: Eduardo Hirama, Guto Bozzetti, Marcello Gaú, Sérgio Brandão Cury, Zed
Revisão: Maria Fernanda Alvares

BANCO DE IMAGENS
Jacy Muniz jacy@revistatrip.com.br (11) 3081 7100 ramal 247

DISTRIBUIÇÃO
Em todo território nacional DINAP S/A Distribuidora Nacional de Publicações
ENDEREÇO
Rua Lisboa, 78, Jardim Paulista, São Paulo, SP, 05413-000
PABX (11) 3081-7100
ASSINATURAS
Tel.: (11) 3038 1480
2ª a 6ª, das 9 h às 18 h
trip@teletarget.com.br
Fale com a gente
E-mail tpm@zip.net
Visite nossa cozinha
TRIP Para Mulher na internet: www.revistatpm.com.br
IMPRESSÃO
Padilla
A *TRIP* Para Mulher não aceita publicidade de cigarros. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião da revista *TRIP* Para Mulher, uma publicação mensal da *TRIP* PROPAGANDA E EDITORA S/A (ISSN 1414 350X)
Nós vendemos espaço, mas não vendemos opiniões.
Filiado ao IVC
Tiragem
mil exemplares

DISTRIBUIÇÃO
Em todo território nacional DINAP S/A Distribuidora Nacional de Publicações

À ESQ., IMAGEM DO INTERIOR DO NAVIO QUE TROUXE A JAPONESA KIYOE SEKIGUCHI, SOBREVIVENTE DA BOMBA DE HIROSHIMA, PARA VIVER NO BRASIL EM 1971. AO LADO, SEU FILHO, BRASILEIRO. AS HISTÓRIAS DE KIYOE E DE OUTRAS TRÊS MULHERES QUE VIRAM O FAMOSO COGUMELO ATÔMICO ESTÃO EM SEIS PÁGINAS DESTA EDIÇÃO

Outra cartilha

*Quando esta terceira edição da **Tpm** estava fechando, um quase escândalo estourou no meio jornalístico. Um dos até então mais respeitados jornalistas do país, com direito a coluna em* O Globo *e entrevistas com Jô Soares, foi pego por seus colegas de uma revista semanal numa troca de telefonemas no mínimo suspeita, e que induzia a pensar que o profissional escrevia movido por interesses bem distantes do que se chama de ética jornalística. No dia seguinte à divulgação da denúncia, o jornalista em questão foi demitido sumariamente depois de trinta anos de serviços prestados a* O Globo.

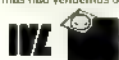
*Qual a relação desse episódio com a **Tpm** 3? É que não há como havia antes muitos jornalistas insuspeitos na grande imprensa brasileira e, arriscaria dizer, mundial. Não vou me aventurar a discutir os motivos em pretensas teses de teoria da comunicação. O que posso dizer, sem correr riscos porém, é que o editorialista da* Folha de S.Paulo, *Marcelo Coelho, está em qualquer lista que se produza sob esse critério.*

Com menos de sessenta dias de vida, a Tpm *foi alvo de análise na coluna de opinião assinada por Coelho, que, não por acaso, é publicada em espaço antes ocupado por Paulo Francis. A publicação da análise de Coelho pelo maior jornal do Brasil nos parece, junto aos números de vendas em bancas das duas primeiras edições, não só digna de figurar entre os maiores prêmios que já recebemos aqui e no exterior, mas, e especialmente, a melhor resposta à curiosidade manifestada pelo próprio Marcelo nos últimos parágrafos do artigo reproduzido na página ao lado.*

Como ele, há uma quantidade enorme de pessoas que se recusa a rezar pela cartilha do "meia-boca" que assola o país. Trabalhamos para elas.

Paulo Lima,
editor

PS: Dedicamos esta edição ao entusiasmo incondicional de Marcelo Fromer

Cada número da ***Tpm*** tem duas capas. Peça ao jornaleiro para ver as opções e escolha a sua.
Christiano Rangel por Christian Gaul. Mark Vanderloo por Joseph M. Lopez.

MARCELO COELHO

Feminilidade aparece como hobby em revistas femininas

FICO BASTANTE intrigado com a quantidade de revistas femininas à venda nas bancas de jornal. São de todos os tipos: há uma revista para adolescentes, outra para adolescentes um pouco mais velhas, uma terceira para as que ainda não são adolescentes, outra para as donas-de-casa com 30 anos, outra para as donas-de-casa com 30 anos de baixo orçamento, outra para as solteiras de 35...

As variações são infinitas e resultam em produtos praticamente iguais. Ao menos para um observador leigo, tornam-se milimétricas as diferenças de "perfil" entre as leitoras de "Elle" ou de "Cláudia", de "Ana Maria" ou de "Marie Claire". Não há como fugir das matérias sobre moda, cozinha, decoração, amor.

Falei em diferenças milimétricas, e talvez esse termo possa trazer um início de explicação para o fenômeno. É que um componente significativo da ideologia das revistas femininas está justamente no pressuposto de que qualquer diferença entre as mulheres possa ser minimizada com facilidade.

Por exemplo: não existem mulheres gordas e magras no mundo das revistas. Há apenas o problema dos "quilinhos a mais". Filhas, mães e avós podem compartilhar quase sem trauma o mesmo guarda-roupa. A saia plissada da colegial vai bem na mulher mais, digamos, "madura", mas até esse termo está provavelmente proibido nas revistas.

A dona-de-casa tem tempo para trabalhar e preparar jantares românticos, mas a sobremesa irresistível não haverá de engordá-la graças aos novos truques para perder a barriguinha, que, apesar de infalíveis, não impedem que também se discuta a eventualidade de uma lipoaspiração.

Esse mundo da total igualdade feminina —em que toda leitora pode comprar o vestidinho curto de meia-estação e posar (com um calcanhar à altura da cintura, como que chutando uma bola) para as "lentes" do fotógrafo famoso— sobrevive a todo o processo de emancipação da mulher e de corrosão de sua imagem tradicional.

Talvez porque as revistas sirvam, na verdade, menos para atender às reais necessidades de consumo da mulher do que para reforçar uma "identidade feminina" que, há cerca de 30 anos, julgávamos que a esta altura já teria desaparecido.

De alguma forma, parece que nessas revistas o "mundo feminino" ou a "feminilidade" surgem quase sob a forma de um hobby, uma ocupação para as horas vagas, uma fantasia ou uma roupa que a leitora irá vestir no dia em que precisar estar especialmente "produzida".

Dentro desse quadro tão restrito, acho interessante que venham surgindo revistas femininas com a intenção de mudar e de acabar com os clichês da "dona-de-casa moderna" e da "moda chique, mas prática". Mas essas iniciativas tendem a ser bastante arriscadas.

Já há um bom tempo acontece uma coisa estranha: as revistas femininas com pretensões mais ousadas —como "Nova"— vão assumindo um tom de revista tipicamente masculina. O número de junho de "Nova" traz um "manual quente para iniciar uma paquera", que é pouca coisa, entretanto, perto das "cem idéias explosivas de sexo" que os homens têm a revelar para as leitoras.

Outras revistas seguem, com adaptações, esse caminho. Talvez simplesmente passem a uma nova fantasia. Da fantasia que reforçava a "identidade feminina", passariam à fantasia da mulher voraz, da mulher que "ataca", que substitui o homem na paquera e no desejo.

Já "TPM", ou "Trip para Mulheres", é uma aposta mais arriscada, que será interessante ver se vai dar certo. Se as revistas femininas "ousadas" investem nessa substituição de papéis, mirando sua leitora no modelo do homem que lê "Playboy", "TPM" adota uma outra oposição. Em vez de procurar no macho conquistador o "outro lado" da mulher, busca sua identidade em apresentar-se como o negativo de qualquer revista feminina que se pudesse imaginar.

Contra a idéia de um "editorial de moda", fizeram, por exemplo, um "editorial de modess", em que modelos deixavam o absorvente aparecer por baixo da calcinha. O "outro lado" da leitora típica é também revelado na entrevista impressionante de uma mulher que fez parte do bando de Lampião. Na seção de presentes, há uma camisinha dotada de uma escala de centímetros, que "baixa o moral de qualquer folgado".

Um empenho anti-romântico toma conta de "TPM", num deboche que se volta tanto contra as revistas para donas-de-casa quanto contra as revistas para a mulher mais moderna. O mais interessante é que a maioria dos cargos de direção da revista é ocupada por homens.

O resultado é muito original. Mas talvez indique —o que não seria má idéia— mais um passo numa crise das identidades sexuais que, levada ao extremo, significaria o fim de todas as revistas "femininas" ou "masculinas". Pois, se toda identidade se reforça por meio de clichês, o impulso para destruí-los tenderia a arrastar consigo, em benefício de maior liberdade individual, os próprios papéis habitualmente atribuídos a cada sexo. Claro que isso —fiquemos tranquilos— há de levar muito tempo.

www.osklen.com
Franquia e atacado (21) 219 8965
Osklen
Fashion Mall Rio · Iguatemi Porto Alegre · Parkshopping Brasília · BH Shopping · Iguatemi São Paulo

Badulaque

1. Superdiferenças

Por Juliana Werneck

A MULHER MARAVILHA TRABALHAVA COMO SECRETÁRIA E SOMENTE EM MOMENTOS DE PERIGO PODIA EXERCER SEU PAPEL DE SUPERMULHER

DUAS HEROÍNAS, DUAS GERAÇÕES MUITO DIFERENTES. *Tpm* CONFRONTA A PERSONALIDADE DA MULHER MARAVILHA COM A DE LARA CROFT, DO GAME TOMB RIDER, E CONCLUI: O MUNDO ANDOU PARA FRENTE, MAS PERDEU A FANTASIA. VEJA O PERFIL DAS MUSAS NESTA E NA ÚLTIMA PÁGINA DESTE CADERNO E COMPARE VOCÊ MESMA

Nome: Diana.
Profissão: Princesa da Paradise Island e secretária da Força Aérea Americana.
Criador: Willian Moulton Marston.
Estréia: Revista *All Star Comics*, nº 8, 1941.
O que disse o criador em 1941: "As garotas de hoje não querem apenas ser graciosas, submissas e amáveis. O remédio é criar uma personagem feminina com toda a força do Super-Homem mais as qualidades de uma boa mulher."
Poderes: Possui força, velocidade, reflexos e pode voar – portanto, poderes fictícios (naquela época, mulheres poderosas eram totalmente fictícias...).
Armas: Laço mágico que obriga quem está amarrado por ele a dizer a verdade, tiara de cabelo que é um bumerangue e avião invisível.
Contras: Em meados dos anos 40, o dr. Frederic Wertham, escritor do clássico anti-HQ *Seduction of Innocent*, levantou uma bandeira nos EUA contra ela, que foi chamada de lésbica por estar levando as mulheres a serem fortes e independentes.
Figurino: As cores do traje são as mesmas da bandeira americana, o que não é coincidência, já que a heroína surgiu para atrair o público feminino dos EUA à leitura dos quadrinhos. Ela usa collant vermelho e azul com estrelas brancas, cinto dourado, braceletes e botas vermelhas. Seu estilão nunca esteve tão em moda.
Ser heroína em 1941: Poucas mulheres trabalhavam na década de 40 e todas deveriam se casar. Alheia aos estereótipos, Diana trabalhava como secretária e somente em momentos de perigo podia exercer seu papel de supermulher.
Se fosse verdade: A Mulher Maravilha era mesmo esperta. Ter um laço mágico que obrigasse os homens a nos dizer a verdade não seria nada mau: imagine perguntar "você vai me ligar amanhã?" e depois amarrá-lo para receber uma resposta.
Próximas aventuras: Nos EUA, algumas atrizes já estão sendo chamadas para viver uma versão moderna da Wonder Woman no cinema. Até agora, a mais cotada é Sandra Bullock.

VOCÊ JÁ REPAROU COMO A APRESENTADORA ANA PAULA PADRÃO, DO *JORNAL DA GLOBO*, MANTÉM SEU CABELO SEMPRE NA MESMÍSSIMA POSIÇÃO, SEM QUE UM ÚNICO FIOZINHO SE MEXA NUNCA? TAMANHA IMPARCIALIDADE CAPILAR INTRIGOU NOSSA REDAÇÃO: AFINAL, QUE DIABO DE PRODUTO ELA USA PARA MANTER TÃO INTACTO PENTEADO? TRÊS DOS MELHORES CABELEIREIROS DO PAÍS TENTAM DECIFRAR O MISTÉRIO

por Renata Leão

"Com certeza ela usa doses exageradas de spray todos os dias. Se continuar nesse ritmo, os fios vão cair um a um. Assim, vai acabar ficando careca."
***Silvana Gurgel**, cabeleireira de celebridades*

"Além das sobrancelhas arco-íris, não dá para agüentar essa escovinha estilo bola de gude... Quem penteia a Ana Paula deve colocar uns bóbis enrolados para baixo, o que gera o efeito capacete. Lamentável."
***Adriano Hargan**, First Galpão*

"O corte clássico envelhece demais: a musa do telejornal da Globo merece um corte mais natural, que dê movimento aos cabelos. Desse jeito, parece uma pedra. Haja silicone ■ gel!"
***Eron Araújo**, C. Kamura*

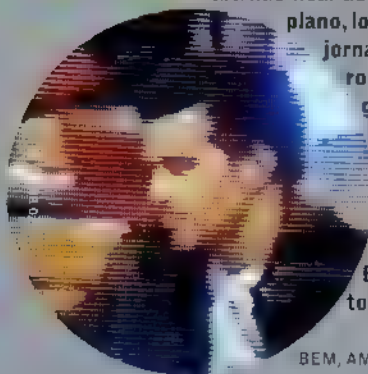
A CABELEIRA DE APP É, DIGAMOS, "IMEXÍVEL"

ANA PAULA ■ SEU CABELO PADRÃO. À ESQ., ■ RAPAGÃO BOCARDI

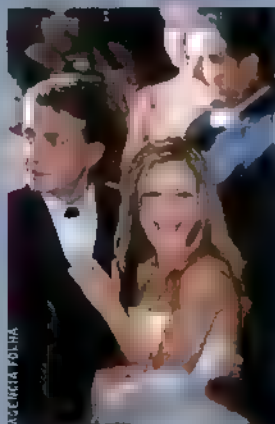
R[illegible]

O MOBILIÁRIO HUMANO QUE COMPÕE O CENÁRIO DO *JORNAL DA GLOBO* RESERVA UMA BOA SURPRESA: À ESQUERDA DE ANA PAULA PADRÃO, INJUSTAMENTE DESFOCADO, O GATÍSSIMO RODRIGO BOCARDI SEGUE NA INCANSÁVEL LABUTA QUE ENVOLVE OS ASSUNTOS DO APAGÃO. FOCO NELE!

Para não ficar deprimida com tanta notícia séria, preste atenção na figura masculina que fica em segundo plano, logo atrás da apresentadora. O nome do mocinho é Rodrigo Bocardi. Ele ■ editor de texto do jornal, tem 25 anos, é moreno, tem 1,85 metro ■ é gostoso (não o vimos sem camisa ainda, só com roupa de repórter e sem nenhum foco, mas...). Além disso, usa gelzinho no cabelo, joga tênis, gosta de caminhadas ecológicas ■ anda de moto nas horas vagas. Quando o jornalista atraiu a atenção da nossa reportagem, pensamos que ele pudesse ser apenas um figurante. Mas não: é jornalista ■ está cuidando dos assuntos relacionados ao apagão. Ao ser abordado por telefone, Bocardi garantiu que sua mesa fica no foco das câmeras (ou quase nele, que injustiça!) "por acaso", mas caiu em contradição: "Os feiosos a gente joga de escanteio", brincou. Bom, quem quiser encontrá-lo ao vivo é só aparecer no Blen Blen às quartas ou no Espaço Urbano às segundas, casas noturnas de São Paulo nas quais o gatinho bate cartão todas as semanas. Ah, ele está sem namorada!

BEM, AMIGOS DA REDE GLOBO: FOCO NELE!

4. A não-entrevista do mês

PATRÍCIA DE SABRIT

AGÊNCIA FOLHA

A LOURA SABRIT CASOU E DESCASOU EM 779 PUBLICAÇÕES. ABAIXO, PEDRO DE LARA COMENTA O ENTREVERO DO CASAL

A escolha da não-entrevista deste mês foi bastante difícil. Páreo duro! Até ■ final do fechamento da edição, a escolhida era a Sasha, que tinha aprendido ■ passinho do peixe e, claro, a informação crucial – capaz de conter o dólar ■ acelerar ■ crescimento da Argentina – consumiu páginas e páginas da imprensa nacional. Além da Sasha, há dentro de nossa Redação uma barulhenta corrente que insiste em homenagear os trigêmeos da Fátima Bernardes pelo conjunto da sua obra. No entanto, a cizânia entre Patrícia de Sabrit e Fábio Jr. se impôs como o grande espetáculo e Patrícia, sem dúvida, é a rainha do show da vida. Em uma capa de revista, ela exibiu as olheiras. Em outra, os óculos escuros. A moça disse que não queria que sua separação de Fábio Jr. virasse um evento. É mesmo? Ela casou nas capas de revista, abriu a sua casa nas revistas, disse que estava aprendendo a fazer arroz nas revistas e... saiu do país para se esconder das revistas nas próprias páginas delas! Entre um café e um croissant em Paris, diss■ coisas do estilo: "Eu não nasci para sofrer". Hospedada na cidade-luz, "fugindo do assédio da imprensa", atendeu um telefonema da *IstoÉ Gente* (uai, ■ a fuga do assédio?) ■ declarou: "Estou me sentindo uma heroína por não ter me descabelado como as outras mulheres dele fizeram". Por essas frases e por seu amor incondicional aos holofotes, Patrícia de Sabrit é a pessoa que não entrevistamos este mês. De jeito nenhum. Nem que ela aparecesse por aqui implorando ■ chorando de óculos escuros.

Pedro de Lara, ■ oráculo das celebridades

"O culpado de tudo é sempre ■ sexo"

O JURADO-MOR ANALISA A RELAÇÃO DE FÁBIO E PATRÍCIA

Quem dá com amor, dá melhor! Comer sem fome, dormir sem sono e dar sem querer, é melhor morrer! Amor fingido é tempo perdido! Nem sempre querer é poder! Tentar é produto da tentação.

■ nome Fábio significa plantador de fava. Isso não quer dizer que tenha boa colheita. Quero dizer que, quando se trata de casamento, o personagem em apreço sempre teve safras tempestuosas. Algumas lhe pareciam seguras, porém terminaram com enchentes perigosas. Mesmo assim, não deixou de ser um insistente plantador, tentando sempre uma safra definitivamente abundante.

Este meu pensamento é a afirmação de que se trata de uma criatura só, solitária, sem ninguém e sem nada. Seu mundo é um tremendo espaço de escuridão capaz de fazê-lo girar num imenso vazio onde sua vida só encontra paz e alegria quando está diante das câmeras, dos microfones ■ das platéias. Se esses bálsamos não existissem, o fantasma da solidão já ■ teria liquidado.

A sua mais recente tentativa foi um desastroso mergulho nas águas revoltas de uma jovem plena de desejos diante de um nadador já cansado, numa travessia em que ■ erotismo é ■ ponto alto da escalada. O sexo é, na verdade, o culpado de todos os desastres sentimentais dos casais precipitados. A voz do querer nem sempre corresponde aos anseios dos seus estímulos eróticos. Portanto, a jovem Patrícia de Sabrit certamente não sentiu na intimidade do Fábio (o plantador de fava) os apetrechos sexuais da sua imaginação.

Fizeram muito bem: chegaram a tempo a uma inevitável separação. Esse é um exemplo para todos aqueles que pulam sem medir distância. Não esqueçam que o culpado de tudo é sempre o sexo.

5. Rolam as pérolas...*

INFELIZMENTE AINDA NÃO FICOU DIFÍCIL ENCONTRAR TRECHOS NAS REVISTAS FEMININAS QUE NOS FAÇAM SENTIR MAIS INÚTEIS QUE OS TUBOS DE CREMES PARA ESTRIAS. CONFIRA

"Você está mais que tentada a colocar uma prótese de silicone nos seios, afinal, todo mundo – da musa da novela à sua colega de escritório – está fazendo o mesmo!"
Revista B.F., junho 2001

"Sim, é possível esculpir o corpo e ganhar contornos de deusa em apenas dezesseis sessões."
Revista B.F., junho 2001

"Para comunicar más intenções você deve sustentar o olhar por três segundos ■ desviar."
Revista N., junho 2001

"Fantasie-se para levá-lo ao delírio. Que tal uma oncinha? Ou então uma pantera, uma enfermeira, uma garçonete..."
Revista N., junho 2001

"Para o homem da sua vida, sofá; para ■ caso rápido, paçoquinha. Antes de definir a verba para 12 de junho, pense: ■ romance rende ou é investimento de risco?"
Revista E., junho 2001

"Seu amor é do tipo amigo, ilha ou colo? Faça este teste e descubra que espécie de relacionamento você e seu parceiro estão construindo, o que há de bom nisso e quais os perigos que podem ser evitados desde já."
Revista E., junho 2001

* Por compaixão com os familiares dos funcionários dessas revistas femininas, omitimos os nomes completos das publicações. Para quem duvidar, guardamos os originais.

Negócio de milhões [de fios de cabelo]

UMA FAMÍLIA DE PAULISTANOS SE DEDICA A FAZER PERUCAS DE LUXO PARA EXPORTAÇÃO HÁ TRÊS GERAÇÕES. "COM OS NOSSOS PRODUTOS, DÁ PARA FAZER PENTEADOS E ATÉ PERMANENTE."

por Andréa Estevam e Nina Lemos

Uma fábrica de perucas é um ambiente estranho. Os cabelos estão espalhados por todos os lados, na sala, no ateliê e até na cozinha. O que ■ vê na casa de Maria Helena Grigio, 50 anos, a Kika, que tem uma das empresas peruqueiras mais reconhecidas do Brasil (a Kika Perucas, claro), é isto: sacos de cabelos dos mais variados tipos e cores.

A família tem tradição no negócio, que foi iniciado pela sua mãe há 35 anos. Hoje, Kika já não dá mais conta do trabalho sozinha e acaba de convidar a terceira geração a ingressar no maravilhoso mundo do cabelo postiço.

A empresa produz perucas de luxo, que fora de sua fábrica podem ser vendidas por até R$ 1 000. Mas ■ que é uma peruca de luxo? Kika conta com orgulho: "Eu só uso fio de cabelo natural, não uso nada sintético, essa peruca é muito melhor, mais confortável de usar ■ dura muito tempo, porque é como se fosse cabelo da pessoa. Dá para fazer penteados ■ até um permanente."

As perucas mais sofisticadas levam até três dias para serem feitas. Os fios são costurados um a um no gorro (por onde a peruca é presa na cabeça). O trabalho é tão artesanal que parece a produção de um vestido de alta-costura. O fio, assim como um tecido, é escolhido com cuidado. Os mais nobres são os louros naturais, e os grisalhos, os mais difíceis de encontrar. Um saco de um quilo desses fios custa cerca de R$ 1 500. "O grisalho é difícil porque a velhinha que tem ■ cabelo comprido usa coque", explica Kika. "Ela não corta o cabelo, então existem poucos desses fios no mercado."

Os cabelos utilizados na fábrica vêm principalmente do interior de Minas Gerais. "Os compradores passam nos salões e avisam que compram cabelos. Os cabeleireiros guardam e vendem depois". Por isso, se você mora em Minas, cuidado quando o seu cabeleireiro te propor um corte curto. Ele pode estar querendo apenas vender o seu cabelo!

Kika faz cerca de 30 perucas por mês. Algumas delas já são vendidas em Portugal ■ Miami. Por causa disso, sua filha, a designer Patrícia Grigio, pensa em deixar de lado a carreira para gerenciar a empresa – que, segundo ela, "só não está crescendo mais porque a mãe não está conseguindo dar conta do recado sozinha". Mais do que a grana, ■ que a move é a ideologia. "Sou a única neta que se interessa pelo negócio", diz. "Se eu não o levar adiante, a tradição da família vai morrer." Força, Patrícia: a saga peruqueira não pode parar!

ESTE É UM DOS MODELITOS MENOS NOBRES VENDIDOS NA KIKA PERUCAS. OS MAIS CELEBRADOS SÃO OS LOUROS E OS MAIS INCOMUNS, OS GRISALHOS (MOTIVO: HÁ POUCOS FIOS DISPONÍVEIS NO MERCADO, JÁ QUE "VELHINHAS USAM COQUE ■ NÃO CORTAM ■ CABELO")

■ perguntas cabeludas para Kika, a peruqueira

Qualquer um consegue envergar com charme uma peruca?
Ah, não. Tem que saber usar! Tem gente que tem porte e fica muito bonita de peruca, pessoas que sabem fazer um tipo e que não são inseguras. Quem é inseguro não consegue. Fica ■ tempo todo colocando a mão na cabeça achando que a peruca vai cair.

Como fazer para não deixar a peruca cair?
Peruca boa não cai assim, não. A pessoa pode ficar tranqüila, ela fica bem firme na cabeça, não há motivo para se preocupar. Só se a peruca for muito vagabunda...

Que conselho você daria para quem vai usar peruca pela primeira vez?
Passe naturalidade. O sucesso de uma peruca depende 50% da pessoa que está usando. O melhor é que ela esqueça que está com peruca. Aí, fica linda.

Você já usou peruca?
Sabe que nunca na minha vida? É estranho, né? ■ porque já passo o dia inteiro olhando para cabelo, lavando, cortando, pensando nessas coisas. Aí dá enjôo.

O que você seria se não fosse fabricante de perucas?
Ah, eu queria ser piloto de avião! Eu até comecei a fazer curso, uns cinco anos atrás. É uma maravilha. Parei porque custava muito caro. Mas vou fazer de novo. É incrível você ver tudo lá de cima e sentir que está segurando o avião. Dá sensação de poder. Acho que foi importante para liberar meu lado masculino, já que o meu trabalho é muito feminino.

DONA KIKA: "SÓ OS INSEGUROS NÃO CONSEGUEM USAR UMA PERUCA"

NINA NO INCONFUNDÍVEL
PADRÃO ANA PAULA

7. Capacete de madame

DEPOIS DE TESTAR VÁRIOS MODELOS DE PERUCA (E DESCOBRIR QUE AS LOURAS NÃO CHAMAM MAIS NENHUMA ATENÇÃO), NOSSA REPÓRTER FOI ACOMETIDA POR UMA ESTRANHA NECESSIDADE DE RECUPERAR IMEDIATAMENTE A SUA BARBIE PERDIDA

por Nina Lemos

Eu nunca fui loura. E também nunca tive o cabelo longo e grudado na bunda. Bem, eu nunca TINHA sido assim. Eu estava muito feliz com os meus cabelos curtos e pretos até que a *Tpm* me ofereceu mais este exercício de vida: testar as perucas e seus efeitos sobre a coletividade.

Como qualquer garota que gostava de brincar de Barbie, tive um surto de alegria dentro da fábrica de perucas. Perdi a vergonha e me empolguei tanto que, quando dei por mim, estava almoçando no McDonald's com uma cabeleira loura e comprida. Ainda prendi tudo com elástico e fiz um gracioso rabo-de-cavalo.

Estava ridícula, mas parece que ninguém reparou (será que eu sou ridícula sempre e ninguém repara?). Entrei na loja, fiz o pedido, tudo normal. Ninguém ficou apontando e gritando: "Olha só aquela maluca usando uma peruca loura!". Quando eu tinha o cabelo pintado de rosa reparavam mais. A peruca também não ficou coçando nem esquentando loucamente a minha cabeça. É como se estivesse usando um lenço. E só. Acho que me adaptaria facilmente à vida sem cabelo.

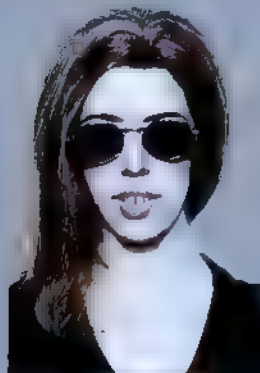
Estranho mesmo, para mim, é ter cabelo muito comprido. Por que as pessoas precisam de tanto cabelo? Não consigo entender. Quando coloquei uma peruca castanha, bem longa, ficava caindo tudo na minha cara e parecia que eu ia engasgar com aquelas madeixas todas. Gostei mesmo foi de experimentar uma chanel ruiva, com um corte ótimo, estilo Winona Rider. O cabelo era bem mais fino e liso que o meu. Quase comprei. Só que custava muito caro: R$ 350. Com desconto.

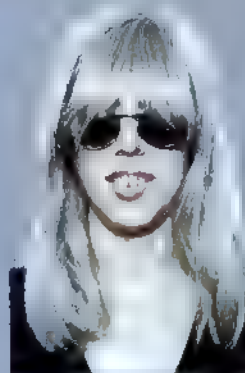
De qualquer forma, visitas a lojas de perucas deviam ser programas obrigatórios para moças. É o paraíso na Terra: quase tão bom quanto brincar de boneca!

Tpm +

Faça um test drive de perucas em Ana Paula Padrão no www.revistatpm.com.br

A cabeça aberta de Nina Lemos

AO LADO, NOSSA REPÓRTER TRAVESTIDA DE ELEMENTOS EMINENTES NA NOSSA SOCIEDADE

PATRÍCIA MELO

JOEY RAMONE

BRIGITTE BARDOT

RINGO STARR
(OU REGINA GUERREIRO)

Fromer: adeus, valeu!

por Fred Melo Paiva

Esta é a terceira e última coluna de Marcelo Fromer na *Tpm*. Que pena. Para chegarmos neste modelo de texto sobre gastronomia, uma de suas paixões além da música e do futebol, foram seis meses de contato entre ■ redação da revista e ■ guitarrista dos Titãs. A primeira vez que ele sentou na minha frente, disparou: "Eu quero escrever aqui porque essa revista chama *Tpm*. Tpm, bicho *[bitchu, ele dizia]*. Eu preciso escrever num negócio que chama *Tpm*". Começamos então uma série de exercícios. Descobri nele uma pessoa que recusava ■ inércia. Poderia ser o eterno titã, mas queria fazer diferente, encontrar um caminho paralelo no qual sentisse o vigor das coisas que estão se lançando. Era um cara engraçado, humilde, muito espirituoso. Curiosamente, tinha uma tendência a me sugerir como tema da coluna coisas de paladar um pouco duvidoso. Na minha opinião, é claro. Queria escrever sobre maionese (como escreveu na *Tpm* #02), planejava um editorial de almôndegas para mais logo. Da minha parte, dava corda, olhava sua careca brilhante (perfeita para uma boa foto) e vislumbrava um showman da gastronomia – ele próprio já tinha sugerido confeccionar um troféu que fosse a mistura de gato e lebre para entregar aos donos de restaurantes que vendem o primeiro pelo segundo. Que pena que não deu tempo. Na noite do dia 11 de junho, como vocês sabem, ele foi atropelado. Morreu três dias depois. A coluna que você lê a seguir ele tinha entregado quinze dias antes do "acidente", com recomendações ao nosso subeditor para que ficasse à vontade para mudar esta ou aquela palavra que julgasse inadequada. Nada foi mudado, e a coluna vai sem título, tal qual o texto que o Fromer nos enviou. Ela está aqui, em um caderno recheado de notas divertidas porque era assim que ele olhava a vida. Por uma dessas coincidências que nos tira o sono, lá está, na última nota de seu último texto: "O Conselho dos XV decidiu recomendar o baixo consumo de canela por suspeitar de possíveis efeitos cancerígenos atribuídos ■ um aromatizante natural denominado cumarina. Pela quantidade de Trident de canela que já triturei, creio que esta seja minha última coluna. Adeus, valeu!". Adeus, amigo!

A ÚLTIMA COLUNA DO TITÃ PARA A *TPM*

Armazém

Tem coisas que me tiram do sério. Não sei se você aí tem filhos. Se por acaso não, tenha o mais breve possível. Dá um trabalho do cão, uma preocupação danada, mas, enquanto os monstrinhos ainda são monstrinhos, é bem legal – depois eles crescem e aí sabemos no que a coisa dá. Tenho uma filha de 17 anos. A bichinha come bem, mas seu repertório é reduzidíssimo – desculpa lá, Susi. Culpa minha, você não tem nada a ver com isso, querida. Te amo. O tempo passou e me deu mais duas pérolas: a Alice, com 7 anos agora, e o Max, um visigodo mirim, loiro frenético, bárbaro, cheio de vida, genial.

Com eles consegui um feito ■ tanto: eu os introduzi na arte do experimentar. Nunca ouvi daquelas pequenas e adoráveis boquinhas ■ maldita máxima que só de pensar arrepia:

– Já experimentou?

– Não, nunca comi mas não gosto.

Ou então aquela que vem na seqüência, quando seu filho já está mais esperto e responde:

– Eu adoro alface. É que agora não tô com vontade...

Não existe hora para ter vontade de alface! A verdinha é nosso pasto, temos que comê-la assim como a vaca come capim, a toda hora, comer sem fim. Mas vamos aumentar o fogo e cozinhar de vez as idéias. É de pequenino que se torce o pepino e, se não educarmos nossos rebentos desde os tempos da fralda, podem crer, vamos privá-los do que há de melhor nesta vida.

"Comer, comer é o melhor para poder crescer", já dizia o careca-aladim da banda Gengis Khan. Não há de se obrigar nunca ■ nada, mas a ciência da arte do experimentar, essa sim, é a grande jogada para que possamos viajar com mais alegria ■ destreza pelo saboroso universo lúdico-mágico-gastronômico. Sei que é difícil, estamos acostumados a entuchar as crianças com Macs e danoninhos. Mas pelo menos poderíamos combinar o seguinte, sem radicalismos. Uma lista inicial de comidas proibidas de não gostar: batata frita, pão, arroz, chocolate, maçã, pizza, pastel, brigadeiro, nhoque, bife, sorvete, queijo, molho de tomate, manteiga e o javali ao vinho Dão recheado com foie gras e castanhas portuguesas, ladeado de tiras de bacon e banhado com molho de trufas brancas e vinho do Porto. Além de maionese, é claro. É a lição número zero da "Arte do Experimentar".

GGB – GUIA GASTRONÔMICO BRASIL

Belo Horizonte (MG) – Xapuri (Rua Mandacaru, 260, Pampulha, 31 3496 6198) é o nome da casa comandada pela encantadora dona Nelsa, chef brasileiríssima que assina com letras maiúsculas um cardápio de se apaixonar pela comida de maior sotaque no Brasil: a mineira. Muito espaço, lingüiças delirantes na chapa, frango com quiabo de arrasar e, de sobremesa, a ambrosia. Jóia rara.

Guarapari (ES) – Guaramare (Av. Meaipe, 17, Nova Guarapari, 27 272 1300): nascido na Macedônia, o proprietário Vicente é uma fera. Lugar bacana, agradável, peixes graúdos e frescos. Coma a paella, o misto de peixe ■ o arroz guaramare.

Recife (PE) – Restaurante da Mira (Av. Dr. Eurico Chaves, 916, Casa Amarela, ■■ 3268 6241): instalado no antigo beco do Quiabo, a casa estremece com sua culinária caseira, nativa, mais que viva. Experimente o sarapatel, que é preparado com fígado, rim e coração de porco, e a inestimável galinha cabidela, preparada com o sangue dela.

Rio de Janeiro (RJ) – O Da Bambrini (Av. Atlântica, 514, Leme, 21 275 4346) preza muito a relação entre o custo e ■ benefício. Local pequeno, lá no Leme, onde a praia quer acabar. Frutos do mar, massas deliciosas com porções generosas. Um robalo nas ervas de tirar ■ chapéu e a insalata del mare leve como ■ ar.

DE FOGO – COZINHANDO SEM FOGO

Aprendi com ele, o avô: antes dos trabalhos na cozinha, nada melhor que um drinque. Toma-se um pequeno fogo e depois faz-se algo que não vá ao fogo. Num copo pequeno, daqueles de pinga do boteco, despeje uma bela dose de Jack Daniel's. Corte uma lâmina da casca de uma laranja e esprema no copo.

Receita sem fogo: compre tiras de um bom pimentão vermelho em conserva para não ter ■ trabalhão de descascar. Sobre cada uma, coloque meio filete de aliche italiano em lata, caro mas bom, depois de bem escorrido. Enrole como se fosse canelone e atravesse um palito no centro com uma alcaparra espetada. Enfileire num prato e sirva. Belo aperitivo.

Fromer

DICAS DUCA I

O melão com presunto é um clássico. O grande segredo reside na escolha do melão, esta delícia da família do pepino e da melancia. Depois de colhido, o melão continua amadurecendo. Portanto deve ser consumido depressa. Para se certificar da qualidade, dê uma pancada delicada no bichinho. Se ■ som for seco, o.k.; do contrário, vá bater em outro melão.

DICAS DUCA II

Para evitar que algum alimento frito grude na escumadeira, aqueça-a previamente no óleo bem quente; experimente.

ABOBRINHA

Em ocasiões festivas, os romanos teciam grinaldas com folhas de aipo ■ colocavam na cabeça como coroas. Acreditavam que essas toucas anulavam os efeitos do forte vinho que serviam. Portanto, ficavam protegidos da ressaca. Se você for convidada para uma festa à fantasia, vale a pena testar.

MAIS ABOBRINHA

No ano de 1968, disputou-se em Paris o primeiro campeonato mundial dos comedores de salsicha. O vencedor foi o mecânico francês Michel Lamy, de 25 anos. Ele comeu três metros em apenas 18 minutos. Na disputa feminina, destacou-se a austríaca Rosa Pock, que mandou ver um metro e oitenta. Sem mostarda.

LENTILHAS

"Os franceses invariavelmente assumem como seus os pratos que são inventados no resto do planeta. Em mais uma década se dirão os criadores dos sushis e dos sashimis."
Silvio Lancellotti, no livro *Cozinha Clássica* (L&PM Editores, R$ 22)

CULTURA (IN) ÚTIL

Os novilhos, entre 20 e 24 meses de idade, são castrados para que deles se obtenha uma carcaça mais uniforme. No Sul, castram usando a faca carneadeira que é desinfetada ao cortar uma batatinha. A castração se dá no mês de setembro, na lua minguante. Para os peões, uma festa. Para o novilho, humilhante.

BOM GOSTO BOM

"Aprendi desde criança que a comida era sagrada. Não podíamos jogar fora nenhum pedaço de pão sem que o beijássemos ■ o erguêssemos à altura dos olhos, como se faz com todas as coisas sagradas."
Attia Hosain, escritor indiano

FRASE GASTROCÔMICA

Se ■ seu colesterol estiver alto, é você que está frito. Não ■ ovo.

LIGHTLIGHTLIGHT LIGHTLIGHT...

Encha uma taça de azeite e coloque-a no congelador. Quando o azeite atingir uma consistência que permita barrar o pão, utilize-o como aperitivo no lugar da manteiga.

CHUGAR

Esta receita é do mestre Celso Freire, que comanda o delicioso restaurante Boulevard (Rua Voluntários da Pátria, 539, Centro, tel. 41 224-8244), em Curitiba.

INGREDIENTES:
700 gramas de polpa de goiaba
150 gramas de açúcar (+ 100 gramas para polvilhar)
25 mililitros de água
6 claras em temperatura ambiente
60 gramas de manteiga

À PARTE:
200 gramas de mascarpone
1 colher de sopa de açúcar

MODO DE PREPARAR:
Ferva a polpa da goiaba em fogo baixo até adquirir a consistência de um purê. Em outra panela, junte o açúcar à água e deixe ferver. Acrescente a goiaba e cozinhe, mexendo sempre, até a polpa soltar do fundo da panela. Esfrie. Bata as claras em neve. Junte ao purê e misture delicadamente. Unte forminhas de suflê com a manteiga e o açúcar e encha cada uma até a borda. Asse em forno baixo preaquecido (150 graus) de 12 a 15 minutos. Em um potinho, misture o mascarpone com o açúcar. Sirva o suflê imediatamente com o mascarpone ao lado. Conselho meu: coma e babe!

WINE O'CLOCK

Muito se discute qual seria a bebida ideal para acompanhar uma pizza. Na Itália, o espumante é muito usado. Mas creiam que um vinho tinto seco italiano, como um Barbera d'Alba, um shiraz australiano ou um zifandel californiano vão cair como uma luva. Vinho é uva!

Mundo, demônio e carne. Abre o teu porco, conhece o teu corpo, e lá vai a faca do matador a desmanchar, a retirar os órgãos internos, as tripas, o fígado, o coração, o toucinho. E, para incrementar, para detonar, citamos ainda um trecho da "Ode Marítima", de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa: "De leste a oeste do meu corpo riscai de sangue a minha carne". (*Ficções de Interlúdio*, Companhia das Letras, R$ 26,50.)

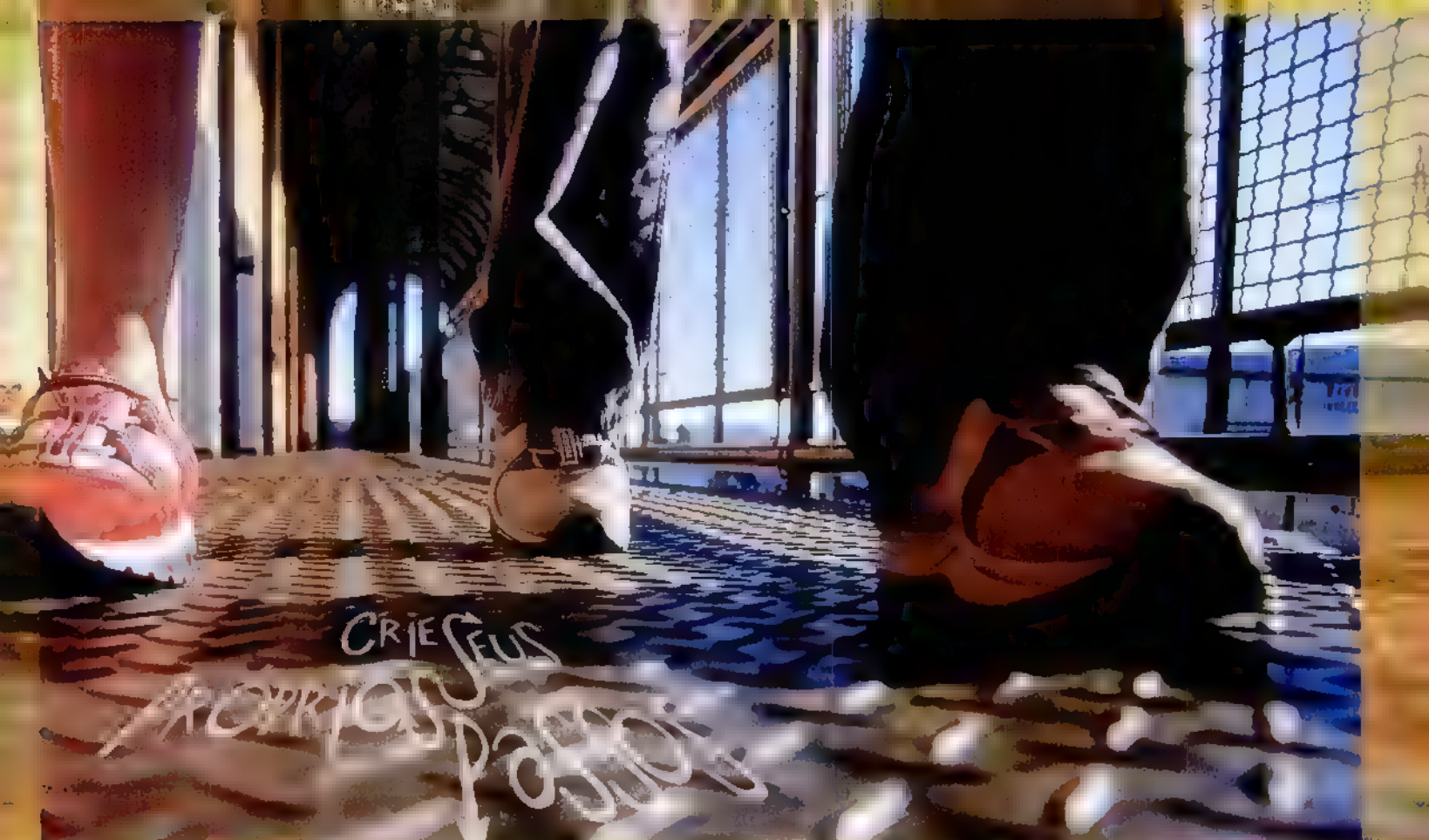
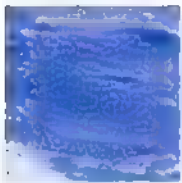
ATENÇÃO-CONCENTRAÇÃO-PERIGO!

O futuro do arroz-doce, da canjica ■ do apfelstrudel, aquela deliciosa torta alemã, está ameaçado. Em Bruxelas, o Conselho dos XV decidiu recomendar ■ baixo consumo de canela por suspeitar de possíveis efeitos cancerígenos atribuídos a um aromatizante natural denominado cumarina. **Pela quantidade de Trident de canela que já triturei, creio que esta seja minha última coluna. Adeus, valeu!**

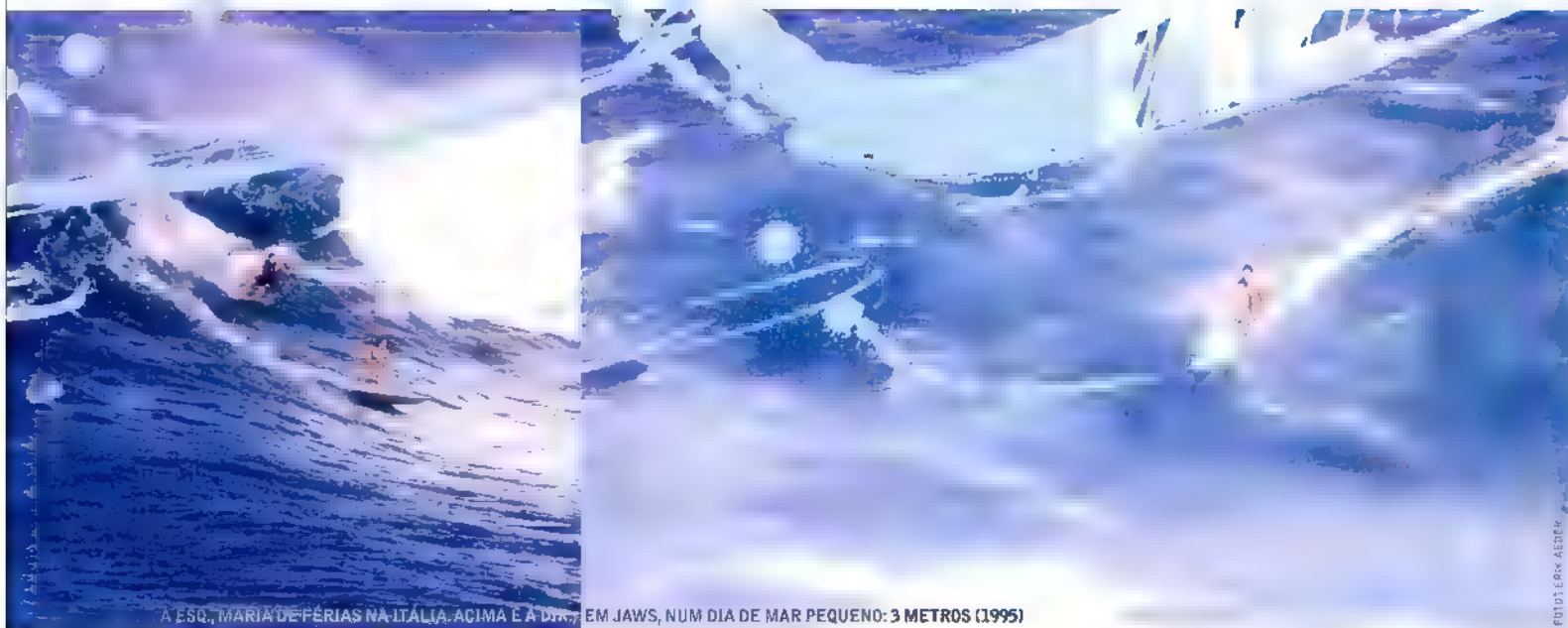
Nome: Lara Croft.
Profissão: Escritora, arqueóloga e caçadora de recompensas.
Criadores: Eidos e Core, empresas especializadas em criações para videogame.
Estréia: Jogo de videogame Tomb Rider, em 1995.
Quem é: Uma personagem virtual de um jogo que está sempre em busca de objetos perdidos. Uma espécie de Indiana Jones da era digital.
Poderes: QI acima do normal, especialista em alpinismo e tiro ao alvo. Muito diferentes dos da Mulher Maravilha, os poderes da heroína moderna podem ser desenvolvidos por qualquer mortal comum.
Armas: Inteligência e um par de pistolas para emergências.
Ser heroína em 1995: Lara surgiu em uma época em que a mulher já tem seu espaço conquistado e pode mostrar sua força e habilidades fora da cozinha e do quarto, sem precisar de disfarces.
Figurino: Lara Croft usa cores próprias para safáris e aventuras radicais. Coturno do exército, short marrom, cinto de couro, camiseta branca ou verde justa (que deixa seus peitos, digamos, naturais, ainda mais em evidência com um decote no estilo garota-camiseta-molhada) e um coldre onde carrega suas pistolas.
Se fosse verdade: Por ser uma mulher criada para videogame – cujo público principal é o masculino –, Lara Croft é uma mulher que tem tudo o que a maioria dos marmanjos admira: é rica, solteira, bonita, sarada, inteligente, descolada, não tem celulite e, principalmente, NUNCA aparece com nenhum homem. Vai entender!
Próximas aventuras: O filme *Tomb Rider* vai ser lançado em 15 de julho, nos EUA, e logo depois chega ao Brasil. A atriz Angeline Jolie ganhou a briga com Demi Moore, Cindy Crawford e Sandra Bullock, e foi a escolhida para representar o papel.

Fonte: Kathia Castilho – mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-São Paulo e coordenadora de projetos on-line de moda da Universidade Anhembi Morumbi-SP

ILUSTRAÇÃO GUTO BOZZETTI

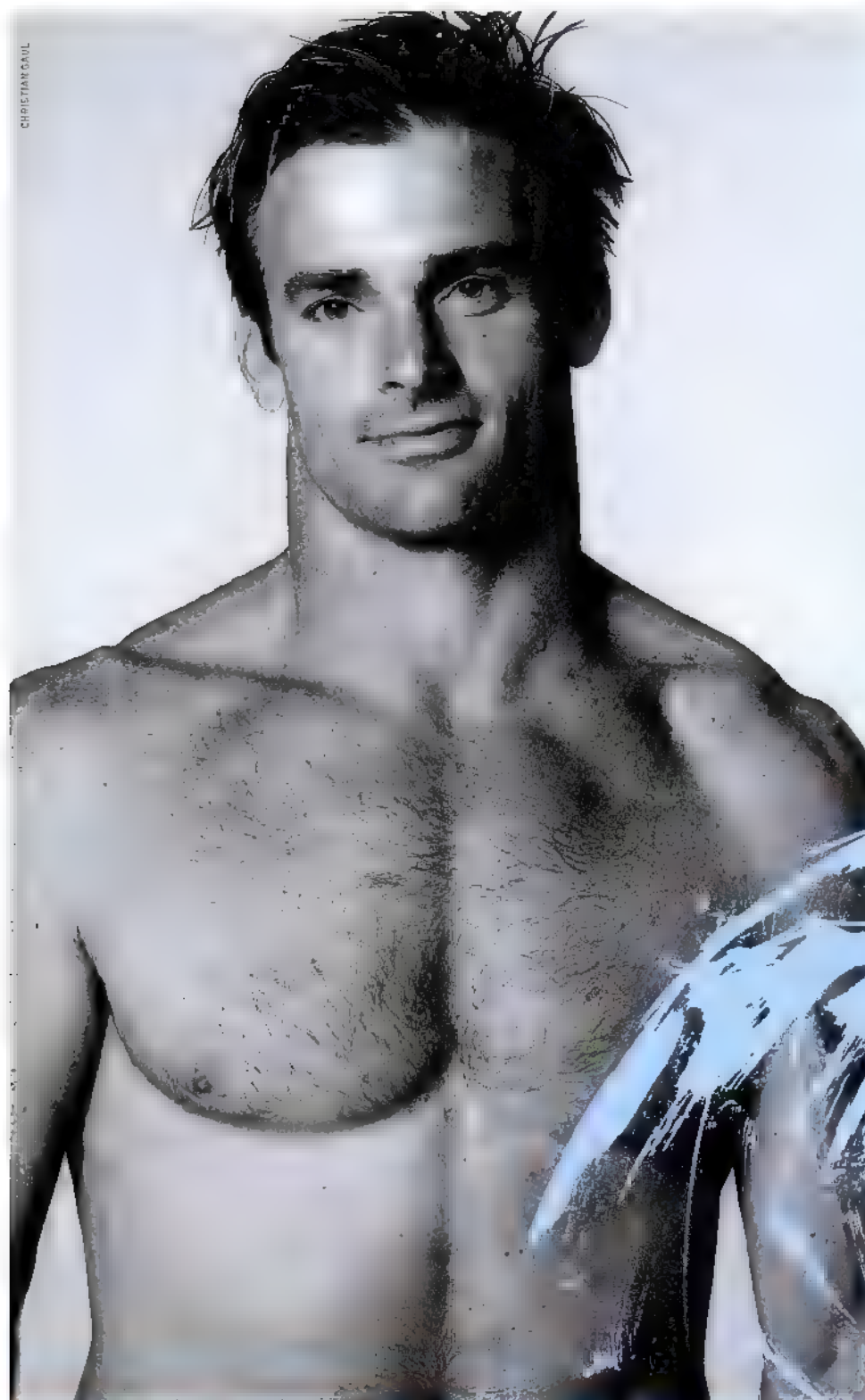
LARA CROFT NUNCA APARECE COM NENHUM HOMEM. VAI ENTENDER...

Crie seus
mary jane
footwear for girls

)) Texto **Miguel Icassatti**

Maria vai

MAR-
com as ondas

A ESQ., MARIA DE FÉRIAS NA ITÁLIA. ACIMA E À DIR., EM JAWS, NUM DIA DE MAR PEQUENO: 3 METROS (1995)

FOTOS ERIK AEDER

A pernambucana Maria Souza foi o primeiro brasileiro – e única brasileira – a desafiar Jaws, uma onda que chega a 15 metros de altura. Numa delas, sobreviveu a um caldo de milhões de litros sobre seus ombros. Emergiu sabendo que tinha acabado de perder um filho, o herdeiro de Laird Hamilton, o surfista mais completo do mundo

CHRISTIAN GAUL

Era um final de tarde no início de 1995 e o céu estava nublado, feio. No horizonte viam-se raios. Todos que estavam com ela – Laird Hamilton, Dave Kalama e Pete Cabrinha, três especialistas em descer ondas de, no mínimo, 4 metros – já haviam surfado naquele dia e queriam ir embora. Maria começou a ser puxada pelo jet ski, mas nada de onda. Cansada, pediu um tempo e sentou-se na prancha. "Lá fora, lá fora", apontou Kalama para o caroço que crescia em sua direção. Maria soltou a corda, pegou velocidade, mas entrou errado na onda. E, quando ficou por baixo dela, não teve força para subir de novo. Como uma cachoeira, a onda de 7 metros de altura caiu sobre seus ombros e a atirou para o fundo. "Só tive tempo de encher o pulmão", diz ela, que julgava estar preparada para suportar a voracidade dos turbilhões de até 15 metros e 10 milhões de litros de água – ou o equivalente a cinco piscinas olímpicas – que vêm do Pacífico Norte e se espatifam nas pedras.

Embaixo d'água tudo era negro por causa dessas pedras. Sem saber para que direção nadar, Maria custou a voltar à superfície. "Foi o suficiente para pegar meio ar e outra onda veio", lembra. **À medida que a onda a levava outra vez lá para baixo, ela sentia o corpo amolecer, sem oxigênio. Em segundos, viu a vida passar pela cabeça em flashes.** "De repente, comecei a perceber uns golfinhos dourados nadando junto de mim", descreve. "A coisa mais linda que já vi, uma sensação de felicidade incrível." Nesse mesmo instante, abriu os olhos e juntou forças para tentar subir. Novamente uma onda a pegou e a arremessou para perto das pedras que ultrapassavam

O EX-MARIDO LAIRD HAMILTON: "FOI A PRIMEIRA VEZ QUE TIVE MEDO DE UM HOMEM"

HÁ 4 ANOS, NO CATÁLOGO DA FÁBRICA DE BIQUÍNIS DA IRMÃ 1991: DUZENTOS DÓLARES POR NOITE

MAUI, 1995: NO FINAL DA GRAVIDEZ DE ISABELA, HOJE COM 5 ANOS

a superfície. Os amigos a encontraram boiando com a boca fora d'água, da mesma forma que um peixe busca oxigênio quando está em um rio poluído. Já no barco, mandaram-na vomitar, mas ela não conseguia. Sentia o corpo fatigado, sem vida. E a cabeça viajava a mil, como que em êxtase pelo que acabava de experimentar. Laird Hamilton, seu marido e o atleta de esportes com pranchas mais completo do mundo, estava transtornado. Ficaria pior ainda ao saber que Maria engravidara e perdera o bebê justamente enquanto tentava se salvar.

Jaws: mandíbulas

Não são poucos os homens que se tornaram heróis graças ao mar: na lista há grandes navegadores, personagens da literatura, mergulhadores e esportistas. Santiago, o pescador que Hemingway criou em *O Velho e o Mar*, sobreviveu à luta contra o gigantesco marlim azul a bordo de um barquinho de madeira. Na década de 1920, o havaiano Duke Kahanamoku deu o primeiro passo para mostrar o surfe ao mundo quando difundiu o hábito que seus ancestrais tinham de deslizar nas ondas sobre pranchas de madeira. Pelo pioneirismo ou, simplesmente, por terem fé na própria capacidade de superar limites, esses homens entraram para a história. Precursora e obstinada, a pernambucana Maria Souza pode ser considerada, também, uma heroína do mar. Aos 32 anos, vivendo no Havaí há quatorze, ela foi o primeiro brasileiro – e única brasileira – a surfar Jaws, isso em 1995.

Jaws é o nome dado pelos havaianos às ondas gigantes que quebram na bacia de Pe'ahi, na Ilha de Maui, em não mais do que dez dias durante todo o inverno. Em inglês, a palavra quer dizer mandíbulas. Para vencê-las, só mesmo sendo rebocado até elas por jet ski ou lancha. Qualquer bobeada e até o melhor do mundo pode morrer afogado.

Para ter uma idéia da dimensão do feito de Dizinha, como Maria é chamada desde a infância, basta saber que, segundo o big rider Dave Kalama – um dos que descobriram o pico em 1993 e testemunha do feito de Maria –, apenas cerca de trinta pessoas surfaram Jaws. Dessas, só três são mulheres. E, além de Maria, nem dez brasileiros – homens – surfaram lá.

Havaí 125 dólares

Ter experimentado Jaws foi o ápice de uma vida que se confunde com o esporte. Maria faz body board, kite surfe e longboard. "O esporte é o ar que respiro", dispara. "Através dele, sinto-me tão forte como qualquer homem." Dos 5 aos 13 anos, fez ginástica olímpica no Recife, onde nasceu, e até tentou vaga para representar o Brasil nas Olimpíadas de Los Angeles. Não conseguiu, mas desembarcaria de qualquer jeito na Califórnia em 1987, aos 18 anos, a fim de estudar inglês. Ainda no Brasil, pegou muita onda "de peito", sem prancha, até que, finalmente, descolou uma – partida ao meio. Pediu a um amigo que a consertasse e, com ela, tomou os primeiros caldos. *Paitrocinada*, Maria chegou à maioridade entre os bancos do curso Científico e as poltronas de avião nos quais viajou incontáveis vezes pelo país. Deitando o corpo miúdo de 1,64 metro e 52 quilos em seu bodyboard, encarou ondas de Floripa a Natal. A vida na estrada quase lhe custou o diploma do colégio – se tivesse perdido, teria de adiar os planos de zarpar para os States. Mas passou raspando e se mandou.

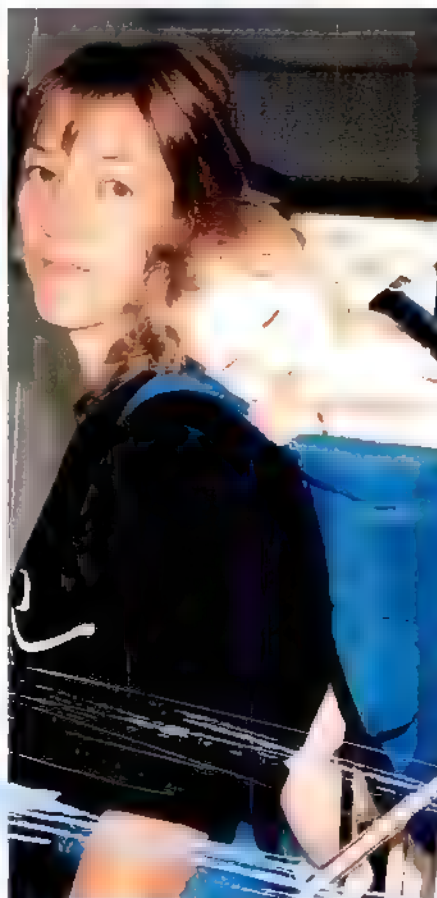
Nos primeiros dias em terras americanas, sacou que seu sonho era, na realidade, havaiano. "Fui para lá na deprê, com 125 dólares na carteira", conta. "Assim que cheguei, a grandiosidade das ondas afetou o meu espírito." Para se virar, já que os planos iniciais resumiam-se à estadia de uma semana, Maria fez faxina num condomínio. Depois importou e revendeu biquínis e maiôs da fábrica que a irmã tocava no Brasil. Foi garçonete e vendeu flores em bares. "Tirava uns 200 dólares por noite", recorda.

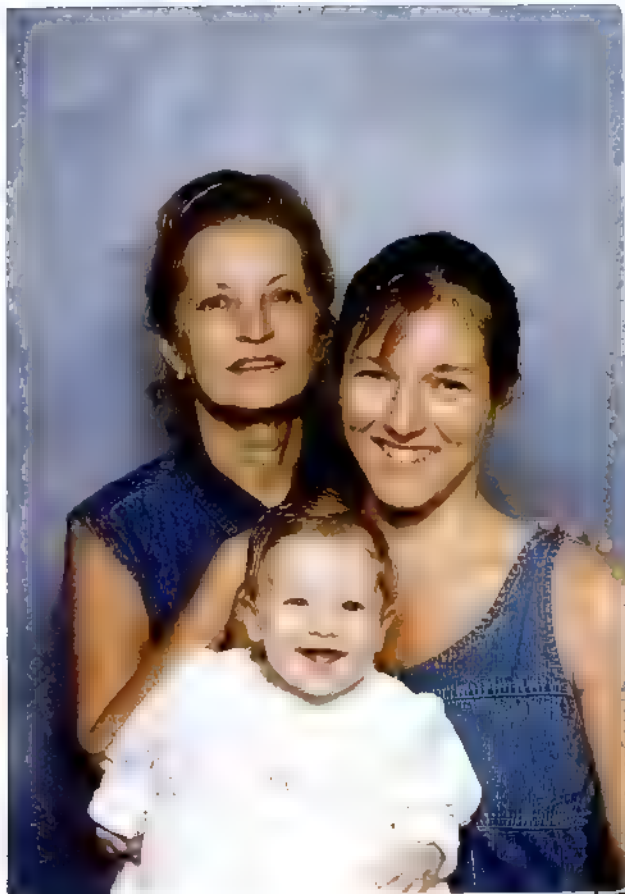
BEBE-MAMÃE: EM CASA 1996

Laird, "o salvador"

Dividia-se entre o trabalho e as ondas de Waimea, no North Shore de Oahu. Foi na água dessa baía que Maria conheceu Laird Hamilton, hoje ex-marido, em 1993. Maria esperava uma onda quando Laird se aproximou e puxou conversa. Ela o cortou na hora, dizendo que o mar estava grande e não podia se desconcentrar. "Depois, só vi a figura à noite, enquanto corria na praia perto de Pipeline". **Na época, ela namorava um cara de quem, dizem, apanhava.** O próprio Hamilton, em entrevista à *TRIP* #82, afirma que foi para ela "um tipo de salvador". Maria nega. O fato é que, na tal noite, na praia, conversaram e se beijaram. Não demorou e Maria foi viver com Laird.

A vida ao lado de um ícone dos esportes de risco como Laird Hamilton só fez com que a necessidade de se superar cada vez mais crescesse dentro de Maria. Desde o final de 1993, ela acompanhava Hamilton nas primeiras investidas em Jaws, mas ficava no barco ajudando no resgate – hoje usa-se o jet ski, muito mais apropriado. "Eles não me deixavam pegar onda de jeito nenhum", conta. "Aos poucos, fui entrando nos dias em que elas estavam menores." Enquanto isso, observava como as ondas quebravam, de onde vinha o swell e mergulhava para conhecer o fundo. Ao ver aquelas ondas "assassinas", Maria desafiava a sua própria dose de sanidade. "Se você não tiver facilidade de enfrentar o medo e a morte, você não desce", diz. **"Mas quem não tem medo não é uma pessoa muito inteligente."** O medo, para ela, nada mais é do que um componente do cotidiano, tanto quanto a meditação e a ioga. A julgar pelo que dizem alguns dos que já se aventuraram em Jaws, a coisa pega mesmo. "Fiquei me sentindo meio dormente", descreve o baiano Alfredo Vilas-Boas, salva-vidas no Havaí e um dos primeiros a ter encarado a onda.

De tanto implorar, Maria finalmente conseguiu que a puxassem naquele fim de tarde. Não

"BELA SE AMARRA NUMA AGÜINHA"

EM 1999, NA ESCOLA DE ISABELA EM MAUI

Trapa, Taizinha, Bibi e Taíssa

Happy Holidays

1995

Feliz Natal e Próspero Ano Novo Deus os proteja estaremos pensando em vocês. Beijos mainha Bela, Dizinha e Laird

poderia ter escolhido ocasião pior. Além de não ter levado sua própria prancha, tendo de pegar a do marido, o tempo fechou. Acabou como acabou, quase abatida pela voracidade das ondas. Nos dias que se seguiram, uma surpresa: a menstruação estava atrasada. Maria comprou um kit de exame de gravidez e, em casa mesmo, descobriu que esperava um bebê. Laird ficou eufórico. Dois dias depois, foi ao ginecologista e soube do pior: **sofrera um aborto espontâneo, provavelmente enquanto tentava se salvar em Jaws.** Já estava no segundo mês. "Rezei e me conformei de que aquela não era a hora", desconversa. Para se convencer, trataria de voltar a Jaws no segundo swell seguinte e encará-la novamente, dessa vez mais bem preparada fisicamente, com sua própria prancha e com o mar em condições perfeitas. "Foi um alívio", diz.

Outra vez grávida

Logo planejaram outra gravidez. Veio a gestação de Isabela, mas, diferentemente do que ocorrera na primeira vez, Laird não parecia tão feliz. Numa conversa, ele teria lhe dito que estava com medo de se apaixonar pela filha e não conseguir encarar o esporte da forma extrema como fazia. "Ele achava que não teria mais a liberdade de morrer", diz Maria. Segundo ela, Laird começou a pirar, beber, fumar, chegar em casa de madrugada.

As brigas começaram, até que ele saiu de casa quando Isabela tinha três meses de vida. Qualquer tentativa de diálogo era inútil. Numa delas, os dois se pegaram. De acordo com Maria, Laird chegou à sua casa dizendo "que se não fizesse o que queria, levaria a filha" e um mundo de baixarias. Na mesma hora, Maria pegou uma câmera de vídeo e começou a filmar o chilique do ex. "Fiquei com a câmera num braço e minha filha no outro." Maria só teve tempo de filmar uns três minutos: "ele tirou a câmera da minha mão e virou meu braço quase a ponto de quebrá-lo", diz ela, que caiu no chão protegendo a filha. Laird acabou preso. "Foi a única vez que fiquei com medo de um homem", resigna-se.

Seguiram-se dois anos de briga na Justiça. Laird queria ficar com Isabela todos os fins de semana e nas férias, mas, conforme o juiz determinou, pôde vê-la apenas a cada dois fins de semana e em metade das férias. Depois disso, conta Maria, ele ficou muito tempo sem aparecer. Só mais recentemente tem se dedicado à filha. "Nessa briga, todos saímos perdendo", lamenta Maria. Hoje, ela diz, eles se dão bem "porque isso dá prazer à filha".

Casca-grossa

Atualmente, Maria organiza eventos para um hotel de Maui. No dia-a-dia, não pára. Medita, faz ioga, leva a filha – hoje com cinco anos – à escola. Faz longboard e cuida da casa. "Há dias em que são dez da noite e eu ainda estou lavando ou cozinhando para o dia seguinte", diz. Não come doces nem alimentos gordurosos. A dieta é mantida à base de vegetais, peixes, frutos do mar e alimentos integrais.

Maria só sai de Maui quando visita o Brasil ou passa férias na Itália – terra natal do namorado, o windsurfista Vittorio Marcelli. É com ele que está, este mês, na Sardenha praticando kite surfe – modalidade em que o praticante fica preso pelos pés a uma prancha enquanto é puxado por um tipo de pára-quedas. "Ela tem 'guts' *[algo como ser casca-grossa]*", diz a surfista Andréa Moller. "Pequenininha, delicada, mas surfa muito." Enquanto vive um período de calmaria, Maria pensa no que fazer daqui para frente. Quer curtir a filha, vê-la crescer. Sabe que a vida é como o mar: depois de uma onda, vem sempre outra.

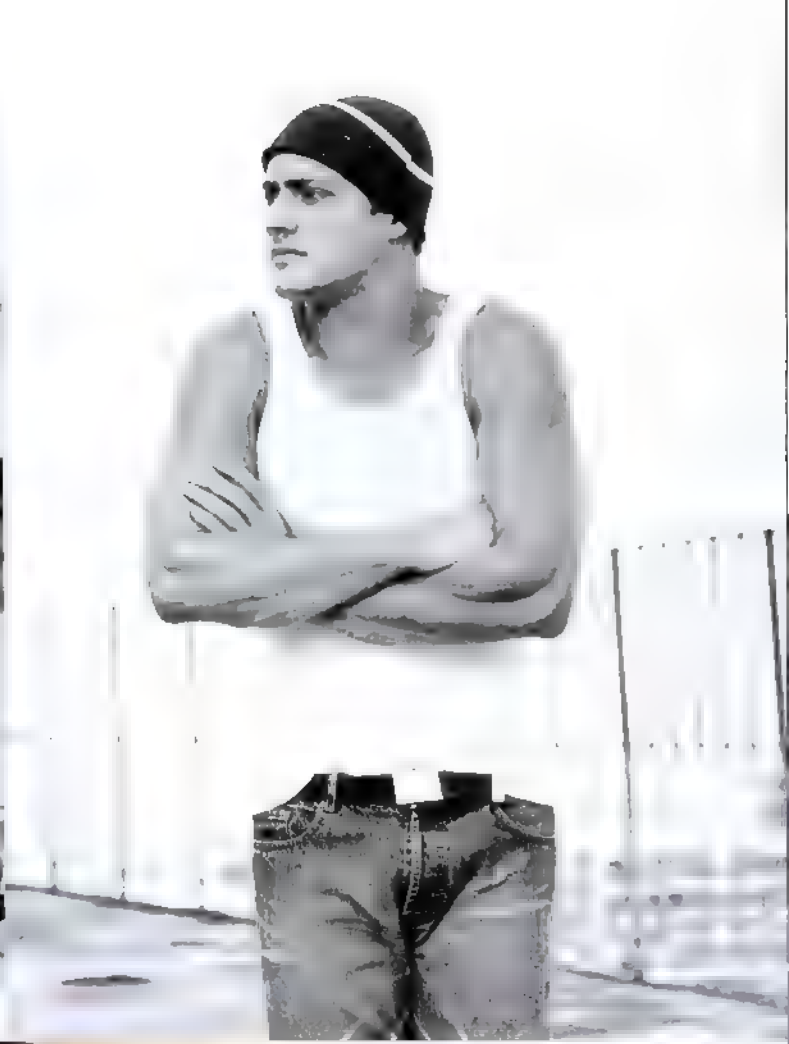
TOW-IN: PARA PEGAR JAWS, SÓ REBOCADA POR UM JET-SKI

tos Christian Gaul Texto Fred Melo Pa

CHRIS-

O QUE É QUE O BAIANO TEM?

Christiano Rangel não é famoso. Também não é rico. Nasceu e mora em Salvador, longe do eixo Rio–São Paulo, onde "tudo acontece". Bonito e estiloso, ele tampouco é padrão convencional de beleza masculina. Não é figurinha carimbada em grandes festas ou capas de revista. Aos 28 anos, Chris é o namorado de Luana Piovani. Aliás, não é só o namorado da Luana. É o produtor que tem levado a música brasileira para os quatro cantos do país. Nas próximas oito páginas, ele abre a guarda para a *Tpm* e mostra que o interessante é justamente não ser nada do que se espera

“Não sou hipócrita: a primeira coisa que olho numa mulher é a beleza”

"Uma repórter da *Veja* entrou no camarim. Quando ela se despediu, falou: 'Tchau, Rodrigo'"

"Chega um momento na vida em que você pára com essa história de querer trepar na rua. Por enquanto, nós ainda estamos nessa, muita loucura"
ANO-

Tpm. Como é namorar uma garota famosa?

Christiano Rangel. Cara, tem de ter cabeça para segurar a barra. Tem de ser homem. Porque sua vida passa a ser pública do dia para a noite. Você abre a *Caras* desta semana tem duas páginas comigo e com a Luana. Abre a *Quem Acontece*, tem mais duas. Abre a *Chiques & Famosos*, outras duas. Na *Contigo!* é a mesma coisa. É complicado segurar a onda porque a mídia a coloca sendo melhor do que eu. Ela é melhor, sim, mas é melhor no que ela faz. E eu sou melhor no que faço, entendeu? Forçam a barra, e eu não estava acostumado.

Tpm. Rolam ciúmes, é isso?

Christiano. Já tive várias crises. Inclusive já rompemos uma vez por causa de ciúmes. Estou me tratando.

Tpm. Tratando como?

Christiano. Estou me cuidando, trabalhando a cabeça para aceitar isso. Faço terapia uma vez por semana quando estou no Rio. Já fazia em Salvador, aliás. Eu tenho muita energia, cara. Então tenho que focar essa energia.

Tpm. A Luana agora está morando em Nova York. O que você faz quando te dá vontade de transar? Para onde você foca a energia?

Christiano. Fico esperando vinte dias para transar com a mulher que amo. Porque daí a gente não precisa usar camisinha, né? É melhor, minha mulher, eu já sei como é. Já dei tantas, brother, o que é que custa esperar? Porque sempre que traí, também sofri. Traição é um fantasma que todo ser humano vai carregar a vida toda. No nosso caso, tem de ter mais cuidado ainda: não posso fazer nada porque ela é uma mulher pública. Se eu fizer, vou me foder. Vão publicar e vou perder a mulher que amo.

Tpm. Pois é, tem aquela história da Luana ter traído o Rodrigo *[Santoro]* **com você e o cara ficar sabendo pela capa da revista...**

Christiano. Não. O que aconteceu foi o seguinte, rolou uma parada...

Tpm. Flagraram vocês...

Christiano. Pegaram a gente na praia num sábado. Na segunda-feira, ela terminou o namoro com ele. A gente estava junto desde quinta. Já tinha acabado, brother, o namoro deles. Havia um mês que a mulher estava na Bahia e o cara não foi lá visitá-la. A relação às vezes termina muito antes de você chegar e falar: "Olha, acabou".

Tpm. Você tem medo disso?

Christiano. De traição?

Tpm. Não. Do tempo de namoro. Da coisa ficar um pouco entediante...

Christiano. Eu vou te falar a verdade, brother, todo namoro esfria depois de um tempo. Mas você tem de estar sempre regando. Aprendi isso. Estou sempre mandando flores...

Tpm. Qual foi o tempo máximo que você ficou com uma pessoa?

Christiano. Namorei a Mariana por quatro anos.

Tpm. Ela era bonita?

Christiano. Era bem bonita. Uma pessoa interessante, com chegada, charme, personalidade. Não sou hipócrita: a primeira coisa que olho numa mulher é a beleza, depois vou ver se ela é do bem. Não gosto de mulher gostosona, popozuda. Mas gosto de mulher bonita.

Tpm. E quando começou a ficar chato com a Mariana?

Christiano. Quando eu fiquei com a Luana pela primeira vez. *[Risos]* Larguei a Mari em cima do trio elétrico para ficar com ela. E sumi. Desapareci. Só voltei depois de um mês e meio. Aí, estragou tudo.

Tpm. Conta essa história direito. Como foi que vocês se conheceram?

Christiano. Eu conheci a Luana em dezembro de 97, em Natal *[RN]*, num desses carnavais fora de época que eu promovia. Ela estava num dos blocos e cheguei muito doido de birita. No camarote, neguinho falou: "Ah, tem uma menina aí chamada Luana Piovani, da Globo". Eu cheguei nela e falei: "E aí, tudo bem? Eu quero você para mim". Pouco tempo depois, encontro com ela no Carnaval, em Salvador. Chamei, ela olhou, e falei: "Vem aqui, eu quero conversar com você". Ela foi. E eu: "Você está linda. Lembra de mim lá de Natal? Lembra que eu falei que você ia ser minha?". Quando chegou no último dia do Carnaval, arrumei um jeito, dei uma sumida, encontrei com ela e ficamos juntos. Aí esqueci namorada, esqueci tudo. Fiquei com a Luana um mês e meio na Bahia, musa, linda, perfeita...

Tpm. Ela é linda...

Christiano. Maravilhosa. Daí, ela precisou voltar para o Rio. Isso há quatro anos. Solteiraça. Eu fiquei na Bahia, prometendo que ia para lá encontrar com ela. Mas começou a bater uma depressão sempre que eu via minha ex. Não teve jeito, voltamos. Só que eu ficava ligando para a Luana, dizendo que ia para o Rio, aquela coisa. Tudo mentira. Nesse meio tempo, ela começou a namorar o Rodrigo.

Tpm. E vocês continuaram se falando?

Christiano. Nunca mais. Voltei para minha vidinha na Bahia. Encontrei a Luana depois, num show da Ivete *[Sangalo]*, mas ela não quis nada comigo, porque naquela época estava com o Rodrigo. No verão de 99, terminei com a Mariana e comecei a namorar uma modelo, a Camila Espinosa. Eu a levei para Salvador e, de repente, a Luana aparece, do nada.

Tpm. E aí? O que você fez?

Christiano. Ela estava com uma peça de teatro em Salvador. E eu com a Camila. Senti aquela coisa assim, mal resolvida. Aí, falei: "Caralho, eu estou com a mulher errada" *[risos]*.

Tpm. Pelo visto, você já sentiu isso várias vezes.

Christiano. É. Nesse caso, fui para cima da Luana com tudo. Ela me deu o maior chicote, me horrorizou, nem quis saber. Deixei quieto, só que logo depois encontrei com ela de novo no Rock in Rio e não teve jeito, ficamos. E já começamos a namorar. Como você vê, a verdadeira história é que sempre rolou, sempre foi assim, sempre teve um *affair*. Eu não posso dizer se a Luana vai ser a mulher para minha vida inteira, mas pelo menos a primeira ela já é. Pode vir outra, ou outras, porque ninguém sabe. Mas é ela. Ela foi a primeira mulher de minha vida.

Tpm. É, mas pelo que você conta nunca conseguiu ter um relacionamento mantendo o tesão por mais de um ano e meio...

Christiano. Não, brother, não é isso, não. Eu comecei a namorar essa menina, a Mariana, quando eu tinha 23 anos. É uma judiação você com essa idade pegar um namoro de quatro anos. Não dá. Eu estou hoje com 28 anos, a Luana está com 25. É diferente, uma idade em que a gente pensa em sossegar, ter filho. Sei lá *[silêncio]*... Não sei. Eu acho que o ser humano é poligâmico...

Tpm. Verdade?

Christiano. Claro. Você acha que uma leoa só trepa com um leão? Uma cadela trepa com quantos cachorros?

Tpm. Dá para encarar essa vida de cada um trepar com quantos quiser?

Christiano. É muita modernidade para o meu gosto. Imagina chegar para sua mulher e falar: "Pode trepar, mas sou o seu homem" *[risos]*. O que é isso? Ela chegar em casa e te dizer: "Eu trepei hoje com o Paulo ali da esquina". E você: "Tudo bem. Então vamos trepar de novo?". Não tem essa de machista, é humano. Nenhuma mulher aceitaria isso. A sua mulher aceitaria uma combinação desse tipo?

Tpm. Não.
Christiano. A gente vê tanta sacanagem, por aí, né? A putaria está no mundo desde o tempo de Roma, de Nero. Nero era suruba. Tomava no cu, comia buceta. O ser humano é puto por natureza. Vê o Museu do Sexo, lá em Amsterdã. Doideira, cara. Você já foi lá?

Tpm. Já.
Christiano. Você vê aquelas fotos antigas e pira, brother. Desde aquela época, neguinho já tirava foto de putaria. Mas acho que chega um momento na vida em que você pára com essa história de querer trepar na rua. Por enquanto, nós ainda estamos nessa, muita loucura. Mas, depois que você está velhinho, não fica mais querendo foder toda hora, trair. A vida é muito maior. Vai trabalhar, malandro.

Tpm. Você trabalha muito?
Christiano. Pra caralho. Nunca fui rico, não.

Tpm. Quando foi seu primeiro emprego?
Christiano. Eu tinha 18 anos, estudava Economia na Universidade Católica e fui trabalhar na Company *[uma das marcas mais conhecidas de moda jovem]*. A Ivete *[Sangalo]* é minha amiga do shopping. Ela trabalhava numa outra loja e nós tínhamos uma turminha. A gente enchia a cara e depois tocava o terror nas boates.

Tpm. Foi nessa época que você transou pela primeira vez?
Christiano. Muito antes... Foi com 13, 14 anos. Ia para todos os puteiros

da cidade. Eu não gostava, não curtia, preferia azarar as gatinhas. Mas eu era viajandão quando mais novo. De gostar de bagunça, festa todo dia, farra, vida dinâmica. Aliás, foi por isso que, mais tarde, acabei largando a loja. Minha viagem era a seguinte: quero crescer, não vou ficar nessa vidinha mais ou menos. Aí eu me mandei para Miami.

Tpm. Largou a faculdade?
Christiano. Fui passar um mês, tinha ganhado uma grana na loja. E trouxe seis celulares de lá. Vendi esses aparelhos em Salvador para uns amigos de meu pai, ganhei uma grana e resolvi entrar no negócio. Em pouco tempo era o segundo lugar em vendas no Estado todo.

Tpm. Quanto dinheiro você fez?
Christiano. Não sei porque gastei tudo. Nas quintas-feiras, pegava um avião, ia para São Paulo, me hospedava em hotel cinco estrelas e ia para as boates. Tinha 21 anos, ganhava 5 mil, 10 mil dólares! Gastei tudo, mas curti o que ninguém curtiu.

Tpm. Quanto tempo mais ou menos durou isso?
Christiano. Tipo um ano e meio só esculhambando. Estava a fim de dar uma zoadinha na vida e aí foi. Chegou um momento em que o negócio do celular já não era mais uma boa e parti para outra. Virei sócio do "Nu Outro", um bloco de Carnaval alternativo. Botava duas mil pessoas na rua!

Tpm. Você foi então ganhando o seu dinheiro...
Christiano. O abadá custa, em média, uns 200, 250 dólares. Mas a gente não vendia para qualquer um que quisesse entrar no bloco. Tinha de estudar em colégio bacana.

Tpm. Vocês iam pela aparência?
Christiano. É. Pela foto. Nunca tivemos preconceito com negros. Nunca. Mas a gente tinha de saber. "Esse negro estuda onde?" Se o cara mora na periferia, não vai entrar no meu bloco. É um público que não me interessa. Entra na Armani quem tem dinheiro, concorda? Quem não tem, não entra. Todos os blocos lá são preconceituosos. Todos. Sem exceção nenhuma. Daí para a frente comecei a ganhar dinheiro na vida. Franquias de blocos, micaretas, carnavais fora de época.

Tpm. Hoje, por causa da Luana, você sente falta da liberdade de ser um anônimo?
Christiano. Eu estou acima disso aí. Mas já tive de ameaçar alguns fotógrafos. A Luana até deu porrada em um. O cara seguiu a gente por três dias, em todos os lugares, ia metendo a máquina. Eu avisei mil vezes. Teve uma hora que ele meteu a máquina por cima e pegou na cara dela, e ela já saiu dando. Deixei. Tenho pena dessa imprensa, cara. Outro dia, a menina da *Contigo!* foi tentar uma entrevista e falei que não dava declaração para essa revista porque acho suja, mentirosa, de quinta. A *Caras* ainda fala a verdade...

Tpm. Mas o público delas gosta disso...
Christiano. O que eu posso fazer? Paciência. Sei que a minha mulher é uma top nacional, que amanhã ou depois vai fazer uma matéria para a *Caras*. Mas está vendendo a si mesma, não precisa vender nós dois. Eu não sou galã da novela das oito! Brother, outro dia eu estava no show da Karina, cantora que estou produzindo, e veio uma repórter da *Veja* pedindo para entrar no camarim. Quando ela se despediu, falou: "Tchau, Rodrigo".

Tpm. E como você se sentiu ao ser chamado de Rodrigo?
Christiano. Dei uma gargalhada na cara dela. Não conheço o Rodrigo, nunca tive nada contra o Rodrigo, nunca falei com o Rodrigo, nunca cumprimentei o Rodrigo. Ele teve uma história com ela que não deu certo. Ela queria estar comigo. Ninguém toma ninguém de ninguém. Disse para ela que o Rodrigo já era.

Tpm. Fofocas vendem revistas, está certo, mas as revistas promovem muitos artistas que não sobreviveriam sem essa exposição, não é?
Christiano. Eu curto a Marisa Monte. Você já viu ela abrir a casa para mostrar de que cor é o sofá? E ela vende dois milhões de discos, ganha todos os prêmios. Já viu o Brad Pitt fotografar o casamento dele? Nunca. Nem a Madonna. Não concordo com essa linha de "ah, artista precisa disso". Quem precisa são os medíocres. O Roberto Justus ganha dinheiro trocando de mulher. Mas o Nizan Guanaes é diferente. O cara, quando é bom, não fica se vendendo.

Tpm. Você já foi para a Ilha de Caras?
Christiano. Você está maluco, rapaz? Eu vou é para a Ilha de Fernando de Noronha. Pago minha passagem e vou ficar no sossego com minha mulher, andar descalço, mergulhar, pegar onda e fazer amor. Gosto de andar de chinelo Havaianas na praia. Lá neguinho vai para a praia parecendo que está indo para casamento, meu camarada. Com roupinha *Dolce & Gabanna*, óculos *Gucci*. Vamos parar com isso...

Tpm. Qual é o seu sonho, Christiano?
Christiano. Meu sonho é casar e ter uma família maravilhosa, filhos felizes. Pode ser em Noronha, Praia do Forte, Maresias, Bali. Uma casinha de praia, com a mulher que amo. E essa mulher vai ser a Luana. Vai ser ela. Eu estou trabalhando para isso, para que seja. E, se for, o sonho está perfeito.

Tpm. Você já foi para a Ilha de Caras?

C.R.: Cê tá maluco, rapaz? Eu vou é para a Ilha de Fernando de Noronha. Pago minha passagem e vou ficar no sossego com minha mulher, andar descalço, mergulhar, pegar onda e fazer amor. Gosto de andar de chinelo Havaianas na praia.

GEL

Estilo: Roberta Stamatto
Assistente de fotografia: Daniel Pinheiro
Assistente de produção: Flávia Jorge
Make up: Muka de Souza (M2 Rio)
Agradecimentos: Foch, Index, Blue Man

festa trip

patrocínio: **CLOSE·UP**

O mentor Paulo Lima

firma reunida: Piti, Bianca, Endrigo, Totó

Fernanda Lima dá o tom com a voz mais aveludada do rádio brasileiro

Ira Barbieri

Lounge

A bela Jadi Stipp

Renata Leão e Marcelo Noronha só no sapatinho

Anjinhas distribuíam mensagens: umas de amor, outras de pura safadeza

As revistas TRIP e Tpm, com patrocínio da Close-Up, comemoraram o dia dos namorados e o lançamento das edições de junho com uma balada de peso no Love Story, a casa de todas as casas, no centro de SP. Ira Barbieri, que não dispensa uma festa clássica, marcou presença. E que presença

O novo Love Story foi tomado por 1 200 pessoas felizes em busca de entretenimento noturno. A sonzeira selecionada pelos DJs convidados foi o ponto de partida: Alex Cecci soltou a cintura da massa com samba-rock. Na seqüência, Patife impôs ritmo frenético ao rebolado com muito drum'n'bass.

Joana Ceccato seca a cervejinha

O DJ Alex Cecci dispara samba-rock de responsa

Fabiana Saba

Mariana Dente e Marino participam da gincana da linguinha

Arthur, endiabrado como sempre, comeu até as plantas

Lilian ... viu e ficou surpresa

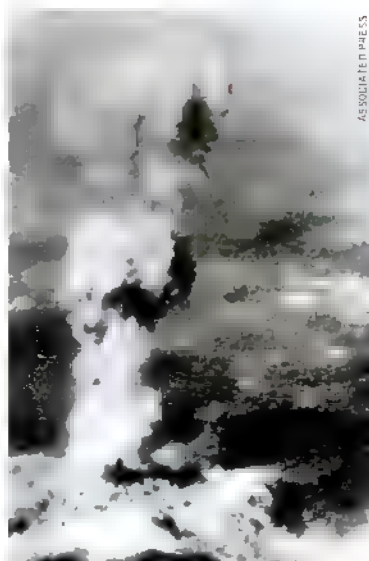
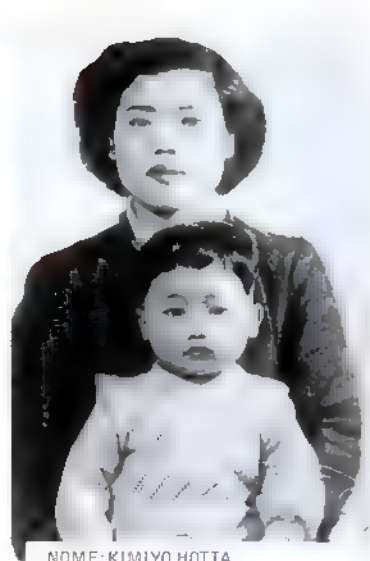
Luize Altenhofen impõe moral na quebrada

)) Texto **Fernando Costa Netto** Fotos **Rui Mendes**

Rosas de Hiroshima

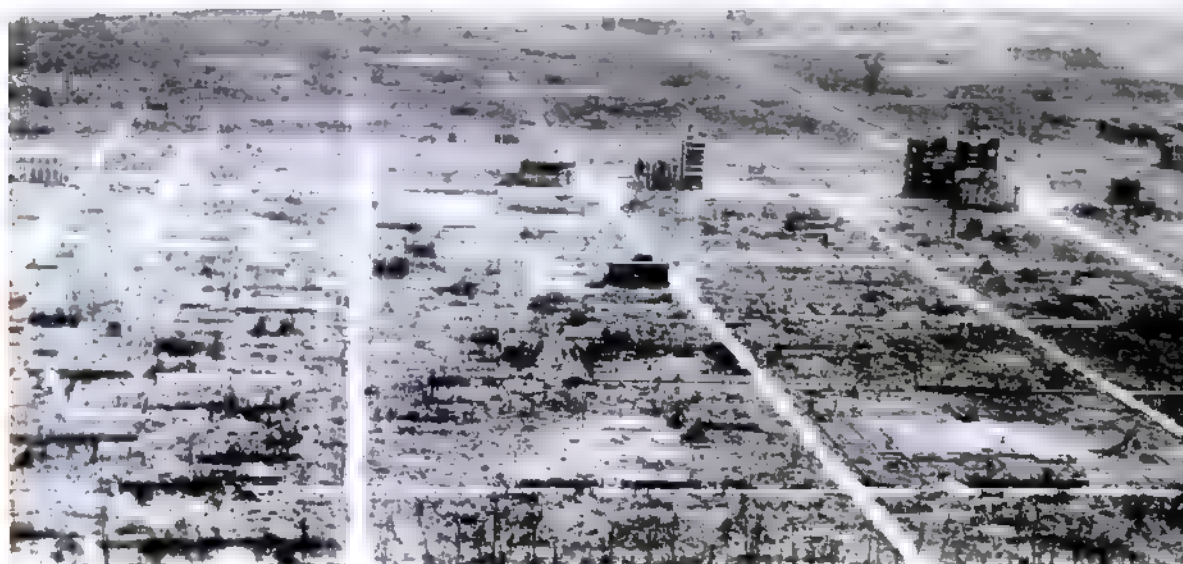
NOME: AYAKO MORITA
DISTÂNCIA DA EXPLOSÃO: 1,2 km

NOME: YOSHIKO OKADA
DISTÂNCIA DA EXPLOSÃO: 5 km

ASSOCIATED PRESS

NOME: KIMIYO HOTTA
DISTÂNCIA DA EXPLOSÃO: 3 km

Essas quatro mulheres que você vê em fotos de arquivo pessoal estavam em Hiroshima quando jogaram a bomba atômica sobre a cidade. Todas elas viram o cogumelo que se formou, a chuva negra de radiação que caiu logo em seguida, as pessoas caminhando pelas ruas com a pele se soltando inteira de seus corpos. ***Tpm*** localizou Ayako, Yoshiko, Kimiyo e Kiyoe em São Paulo. Elas contam como viveram aquele dia – e por que nunca mais vão se esquecer do cheiro de carne humana que impregnou a cidade

Em 8 de maio de 1945, a Alemanha assinou a sua rendição. Em 6 anos, de 1939 a 1945, a Segunda Guerra tinha matado 50 milhões de pessoas na Europa e no mundo. Mas ainda restava aos aliados vencer o Exército japonês, que contava 2 milhões de soldados e outros tantos kamikases. O *gran finale* foi reservado para os dias 6 e 9 de agosto de 1945, quando os aliados jogaram uma bomba atômica sobre Hiroshima e outra sobre Nagasaki. "Eles deviam ter explodido uma bomba de aviso, não tê-la jogado sobre uma cidade com crianças, senhoras", lamenta Ayako Morita, 76 anos, uma das 160 sobreviventes do ataque que migraram para o Brasil depois da tragédia. "Mas eles chamavam a gente de macacos amarelos e acho que não se importavam."

NOME: KIYOE SEKIGUCHI
DISTÂNCIA DA EXPLOSÃO: 20 km

"Primeiro veio um clarão", lembra Yoshiko Okada, 77 anos, outra sobrevivente. "Depois veio um rugido muito forte, o vento, e o dia virou noite." Num raio de 3 quilômetros do local onde a bomba caiu, a temperatura teria alcançado um pico de 9 mil graus celsius. O deslocamento de ar causado pela explosão alcançou 800 quilômetros por hora, varreu Hiroshima, disseminou o incêndio e demoliu quase toda a cidade. Pelo menos 80 mil pessoas morreram na hora – outras 40 mil morreriam mais tarde vítimas das queimaduras e da radiação.

O famoso cogumelo provocado pela bomba subiu a uma altura de 15 quilômetros. Não chegou a atingir o avião B-29 batizado Enola Gay – uma homenagem à mãe do coronel que o conduzia, Paul Tibbets –, que despejara o artefato de 4 toneladas sobre a cidade minutos antes. Eram 8h45 da manhã quando "Little Boy" (este é o codinome da bomba) explodiu, 600 metros acima das casas. Pelo rádio da aeronave, Tibbets tentou descrever o que via: "uma fervura negra que continua a mover-se". Mas vai mesmo ficar na história a voz do co-piloto Robert Lewis: "Meu Deus, o que nós fizemos?".

Para responder à pergunta, *Tpm* localizou em São Paulo quatro senhoras que sobreviveram à explosão em Hiroshima. Yoshiko Okada, Kiyoe Sekiguchi, Kimiyo Hotta e Ayako Morita contam o que viram naquela manhã.

NOME: Yoshiko Okada
IDADE ATUAL: 77 anos
IDADE NO DIA DA BOMBA: 21 anos
DISTÂNCIA DO EPICENTRO DA EXPLOSÃO: 5 km – o comprimento da avenida Atlântica, no Rio de Janeiro.
HISTÓRIA: Nasceu em Ibitinga, no interior de São Paulo, mas cresceu no Japão. Foi para lá com 7 anos estudar e esperar os pais que nunca chegaram por causa do início da guerra.
ALÍVIO: "Tive dois filhos saudáveis. Ainda bem. Eu nunca falava que era de Hiroshima para não sofrer preconceito. Todo o mundo tinha preconceito porque tive contato com gente contaminada pela radiação."

"Ninguém sabia onde estava o que na cidade. Só sobrou um prédio em pé, então a gente se baseava nele para saber onde era a casa dos amigos, onde procurar alguém..."

"Pikadon... Desde cedo a gente se refere à bomba como Pikadon *[Pika quer dizer brilho, don é barulho]*. Foi tudo destruído, as escolas, os prédios, as casas... Nesse dia, eu acordei, tomei café e fui trabalhar. Eu era escriturária e morava com outras 20 meninas numa repartição no local do meu trabalho. Aí soou o alarme avisando que ia ter bombardeio. Toda vez era a mesma coisa: ■ gente saía correndo, se protegia, usava até roupas mais grossas. Mas nesse dia não aconteceu nada. Agosto no Japão é época de calor, então, depois do alarme, a gente saiu do abrigo, eu tirei as roupas e voltei para a minha mesa. Peguei os meus papéis para começar a trabalhar e foi nessa hora que a bomba explodiu. Lembro do barulho muito forte e das janelas quebrando, vidros estourando... Eu me protegi e, quando saí para ver o que tinha acontecido, vi aquele cogumelo enorme de longe, e logo tudo ficou escuro parecendo noite. De manhã tinha sol, ■ céu estava azul... depois ficou noite, né? Ninguém sabia o que tinha acontecido. Eu acho que a sirene até tocou depois que ■ bomba caiu... Não sei. A cidade inteira pegou fogo. Primeiro, pelo calor da bomba, o carvão dos fogões ajudou a queimar as casas, que eram quase todas de madeira. E depois começou a chuva preta, e os caminhões do Exército chegavam sem parar trazendo as pessoas feridas. Quem podia tinha de ajudar. Cada local do Exército tinha um médico e serviu como enfermaria, mas sem remédio, não tinha como tratar das pessoas. Eles lá vivos, com a pele saindo, e a gente tentando ajudar. A pele apodrecia e as larvas apareciam nos braços, nas pernas, no pescoço... Depois da bomba, o povo foi liberado para fazer o que quisesse da vida. Eu fui para outra cidade onde meus avós moravam e fiquei muito tempo sem motivação para fazer nada, sem referência. Uma semana depois eu voltei a Hiroshima com um militar conhecido. Tudo queimado e ainda queimava! E um cheiro muito forte na cidade toda. O pessoal recolhia os cadáveres. E, como não dava para reconhecer quem eram os mortos, eles faziam uma montanha de gente e botavam fogo. Ninguém sabia onde estava o que na cidade. Só sobrou um prédio em pé, então a gente se baseava nele para saber onde era a casa dos amigos, onde procurar alguém... Tudo queimado..."

ARQUIVO PESSOAL

"Fui arremessada com a explosão, machuquei a perna, cortei o rosto todo com ■ vidro da janela do escritório, mas me salvei porque o prédio era forte. Acho que sou uma das sobreviventes que estavam mais perto do epicentro. Não escutei nada, mas o clarão foi muito forte. Logo depois veio o vento que me jogou no chão, arrastou as mesas, as cadeiras e destruiu tudo. O prédio onde eu trabalhava era mais ou menos grande. Eu consegui levantar e desci pela escada para ir embora. Lá embaixo eu vi uma pessoa que trabalhava no prédio sentada e chorando. Eu cheguei perto, ela me viu e começou a gritar que estava com medo de mim. Eu passei a mão no meu rosto, olhei para a minha roupa e estava tudo vermelho de sangue. A moça estava em estado de choque. Eu tentei puxá-la para a gente ir embora, mas ela olhava para mim e berrava. Então eu saí sozinha e vi um senhor que trabalhava no prédio preso debaixo de um montão de pedras. Lembro que tentei socorrê-lo, eu puxava e ele nem se mexia. Ele me disse para eu ir embora, que ele era velho e que eu era mocinha e devia fugir senão ia morrer. A primeira coisa que pensei foi ir embora da cidade, mas, como a minha casa era perto, fui para lá, mas não encontrei ninguém. Então segui outras pessoas que estavam deixando a cidade. Hiroshima tem 7 rios e 7 pontes. Numa das pontes, eu vi alguns meninos fugindo, eles deviam ser estudantes. De longe parecia que todos arrastavam alguma coisa. Quando cheguei perto, foi que eu vi que aquilo que eles arrastavam era a pele dos braços que ia saindo e ficava presa pelas mãos. A pele das pernas também, ela ficava presa pelos pés e eles iam arrastando aquilo no chão, estava descolada do corpo, eles fugiam. Acho que hoje à noite eu vou sonhar com isso de novo! Na época eu sonhava muito com isso, agora não mais. Quando lembro ou conto para alguém a imagem vem à minha cabeça. Depois de muitos anos, eu já casada, ainda saía vidro do meu rosto."

"eu vi alguns meninos fugindo. De longe parecia que todos arrastavam alguma coisa. E quando eu cheguei perto foi que eu vi que aquilo que eles arrastavam era a pele dos braços que ia saindo e ficava presa pelas mãos..."

NOME: Ayako Morita
IDADE ATUAL: 76 anos
IDADE NO DIA DA BOMBA: 20 anos
DISTÂNCIA DO EPICENTRO DA EXPLOSÃO: 1,2km – mais ou menos 12 quarteirões.
HISTÓRIA: Em 1946, ela casou com Takashi Morita, outro sobrevivente de Hiroshima, que há 15 anos fundou ■ Associação das Vítimas de Bomba no Brasil.
ALÍVIO: "Muitas vezes, eu e meu marido nos recordamos da bomba e perdemos ■ sono. Aí, levantamos de madrugada e vamos comer. É bom porque a gente tem muito assunto em comum: a bomba atômica."

"No caminho eu vi três mulheres que tinham tido os filhos na beira da estrada. Muita gente entrou em trabalho de parto com o susto da explosão"

NOME: Kimiyo Hotta
IDADE ATUAL: 73 anos
IDADE NO DIA DA BOMBA: 17 anos
DISTÂNCIA DO EPICENTRO DA EXPLOSÃO: 3 km – é como estar numa ponta da avenida Paulista, em São Paulo, e a bomba explodir na outra.
HISTÓRIA: Passado o pesadelo, ela casou, teve dois filhos e, aos 28 anos, veio embora para o Brasil. Aqui, trabalhou na lavoura no interior de São Paulo.
ALÍVIO: "Eu já fiz duas cirurgias no Hospital do Câncer em São Paulo. Quando os médicos descobriram que eu sou sobrevivente da bomba atômica, eles ficaram ouriçados."

"Eu estava trabalhando na fábrica da Mitsubishi. Na minha sala tinha uma vidraça e voou um monte de vidro para cima de mim. Eu me cortei um pouco, mas a minha sorte foi ter pisado nos cacos e ter ido parar na enfermaria. Fiquei lá um tempo, bem na hora que a chuva preta caiu. Quando saí, vi as pessoas com a roupa manchada da chuva, uma água misturada com cinza e um óleo, mais a radiação. Todas as minhas amigas que foram embora mais cedo morreram. Foi sorte ter ido para a enfermaria. Eu fui para casa andando pelos trilhos, toda machucada, e uma multidão vinha da cidade no sentido contrário. Todos queimados, não dava para saber se eram homens ou mulheres... Tudo rasgado e queimado, né? Nessa caminhada eu vi várias casas com 5 ou 6 pessoas com o corpo dentro de caixas d'água. Estavam mortos. Eu olhava para os lados ■ estava tudo incendiado. Fui andando com o pé machucado e me lembro que passou um caminhão no meio dos escombros ■ jogou pão duro para a gente que andava. Não dava para não parar e ver as pessoas no chão, umas iam caindo, eu estava com fome, com o pé sangrando, com medo e ânsia. Não podia fazer nada, né? Todo mundo que sobreviveu lembra do cheiro de queimado da carne. Um cheiro que a gente nunca esquece. E, como não tinha o que fazer, o pessoal colocava os mortos em uns buracos que ficavam cheios de moscas. As crianças estavam fora da cidade naquela época, mas no caminho eu vi três mulheres que tinham tido os filhos na beira da estrada. Elas e os recém-nascidos mortos estavam jogados na beira da estrada. Muita gente entrou em trabalho de parto com o susto da explosão. Existia na época uma campanha do governo para ter mais e mais filhos, tinha até prêmio especial para quem tivesse 12 filhos! E muitas mulheres estavam grávidas. Eu cheguei em casa só à noite. Minha mãe estava muito preocupada e contou que os vizinhos passavam para dizer que eu devia estar morta. Duas semanas depois da bomba atômica, eu fui convocada para ajudar a cuidar dos feridos e tive contato com pessoas contaminadas pela radiação. Fiquei com muito medo que meus filhos nascessem deformados. Graças a Deus os cinco vieram fortes e inteligentes."

A CARTEIRA DE SAÚDE DADA PELO GOVERNO JAPONÊS AOS SOBREVIVENTES DA BOMBA

ARQUIVO PESSOAL

"Lembro do barulho dos aviões americanos sobrevoando a cidade. Faziam vrrruuuuuuuu, depois vinham as sirenes e todo o mundo ia para os abrigos. Mesmo com 8 anos de idade, a gente se acostumou, né? Primeiro ■ sirene avisando que o avião ia chegar, depois um sinal dizendo que tinha ido embora... Eu estava tomando café da manhã e ouvi uma explosão muito forte. Minha avó, mamãe, meu irmãozinho ■ eu saímos para ver ■ que era e, de longe, vimos aquele cogumelo gigante sobre Hiroshima, do outro lado do vale de Kure, a cidade onde eu morava. Uma montanha separa as duas cidades e foi ela que livrou a gente do impacto da bomba ■ da radiação. Foi a nossa sorte. Não fomos atingidos diretamente, mas tivemos uma visão total do cogumelo subindo ■ se mexendo. Depois me contaram que o calor da bomba era tão forte que as pessoas corriam para se molhar nos rios que cruzam a cidade. Eles ficaram cheios de cadáveres. Depois da bomba atômica, chegaram os americanos em Kure. Eles eram altos e me diziam que eles comiam as crianças. Por isso, eu fiquei 2 anos sem querer sair de casa. Como o Japão já estava muito pobre por causa da guerra, a mamãe vendia quimonos e bonecas para esses soldados. E eles davam balas para as crianças. Teve muita prostituição também. Algumas mulheres passaram a trabalhar na casa dos soldados americanos de alta patente. Minha mãe nunca fez isso. E papai, que era da Marinha e tinha ficado 4 anos como prisioneiro de guerra na Sibéria, ficou tão comovido que deixou de beber quando voltou. Lembro da minha escola e dos jogos no intervalo das aulas. Passada ■ guerra, guardei na minha memória o som dos aviões, a explosão da bomba atômica e a boneca americana que meus pais compraram para mim."

"Tivemos uma visão total do cogumelo subindo e se mexendo. O calor da bomba era tão forte que as pessoas corriam para se molhar nos rios que cruzam a cidade. Eles ficaram cheios de cadáveres"

NOME: Kiyoe Sekiguchi
IDADE ATUAL: 64 anos
IDADE NO DIA DA BOMBA: 8 anos
DISTÂNCIA DO EPICENTRO DA EXPLOSÃO: 20 km. Ela estava no município vizinho de Kure, um trajeto equivalente a um pouco mais do que uma ponte Rio–Niterói do local da bomba. São 20 minutos de ônibus.
HISTÓRIA: Desembarcou no porto de Santos em 1971. "Tinha escutado que o Brasil tinha mato, árvore ■ vaca. E que era um lugar para se viver sossegadamente."
ALÍVIO: "Vou ao Japão todos os anos. Hiroshima está muito bonita."

Colaboraram: Arthur Verissimo e Yasuko Saito

O japonês autêntico.
JAPENGO
Aberto para almoço e jantar. Delivery. Disponível para eventos. R. Dr. Mario Ferraz, 3032-0404

)) Fotos Joseph M. Lopez

MARK-

BONITO DO MUNDO

MARK VANDERLOO, O MAIOR TOP MODEL MASCULINO, foi clicado em Nova York para a nova campanha de uma marca brasileira de cuecas. *Tpm* penetrou na sessão de fotos e mostra, **em ensaio exclusivo, a Gisele Bündchen de calças (sem calças)**

Mark Vanderloo, o homem que ilustra estas páginas, é uma espécie de Gisele Bündchen com cromossomo Y. Aos 33 anos, é o maior supermodelo do planeta. Participa de cerca de 50 desfiles por ano e faz trabalhos para os principais nomes da moda. Já emprestou sua imagem a marcas como Hugo Boss e DKNY, cujas campanhas estrelou por várias temporadas – em esquema de exclusividade e sempre ao lado da ex-mulher, a top model Esther Canãdas, de quem se separou no ano passado.

Vanderloo é do tipo que diz não ligar para beleza. Mas certamente tinha mais do que "beleza interior" quando foi descoberto, por acaso, por um fotógrafo de Amsterdã que o colocou numa propaganda de leite na Holanda. Seu 1,89 metro de altura, olhos azuis e corpo sarado garantiram alguns trabalhos, enquanto continuava *bartender*. Até que foi contratado pela agência Willemina e apareceu na campanha da Banana Republic. Em 1992, apenas quatro meses depois de ter resolvido se dedicar integralmente à carreira de modelo, chamou atenção nas passarelas de Milão, Paris e Nova York. Dois anos depois, estava na campanha do perfume Obsession, de Calvin Klein. E assim se tornou o primeiro supermodelo masculino.

Em seus mais de dez anos de carreira, período em que foi eleito modelo do ano no "VH-1 Fashion Awards", espécie de Oscar da moda, e ilustrou a capa de inúmeras revistas, Vanderloo viu o padrão estético masculino do mercado de moda mudar várias vezes de cara. Ele, no entanto, parece não sair de moda.
(por Guto Barra)

POBRES MENINOS LINDOS

PROFISSÃO MODELO: uma das poucas em que as mulheres ganham muito (mas muito) mais do que os homens por Nina Lemos

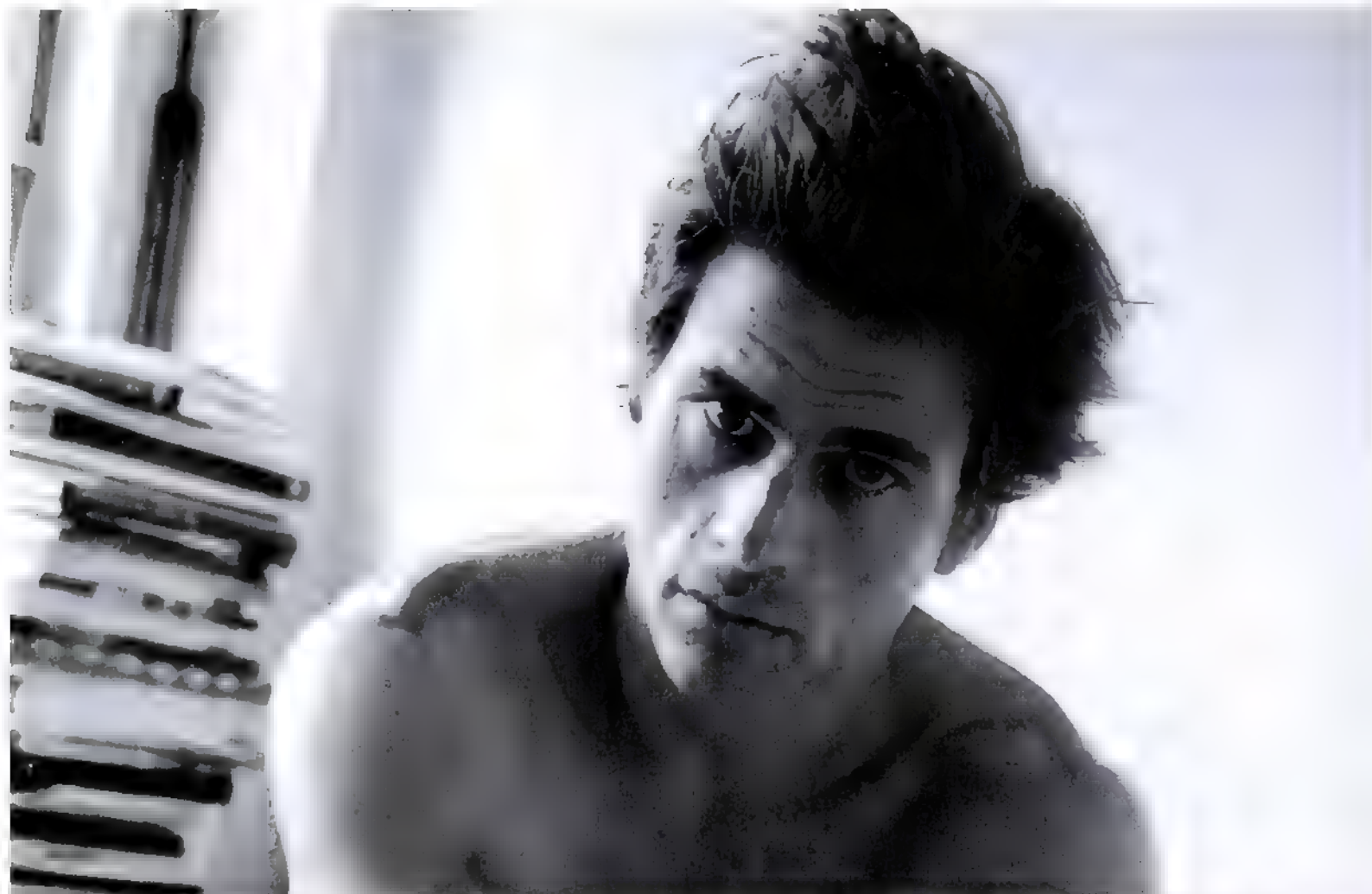
Em quase todas as profissões, as mulheres reclamam porque ganham menos que os homens. No mundo da moda é diferente. A discrepância de salário também existe, só que quem ganha mais (e muito) são as mulheres. Mark Vanderloo, por exemplo, é o maior modelo do mundo. E o mais bem pago também. Mas isso não quer dizer que ele esteja tão milionário quanto uma Gisele Bündchen.

Uma top de primeiro escalão (não estamos falando da Gisele porque o que ela recebe já atingiu a cifra do "incalculável") ganha algo entre 5 e 10 milhões de dólares por ano. Um modelo masculino fatura cerca de 10% desse valor. Não adianta. Por mais que exista um mercado para homens bonitos, a beleza ainda dá mais dinheiro para as mulheres.

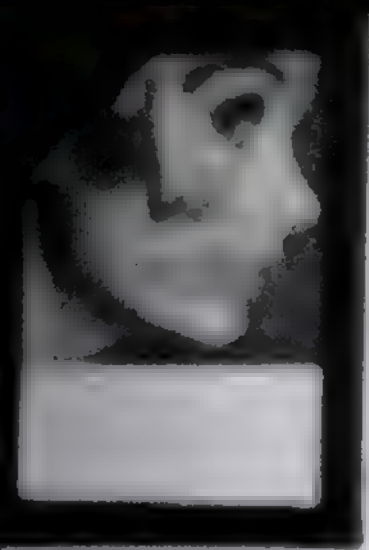
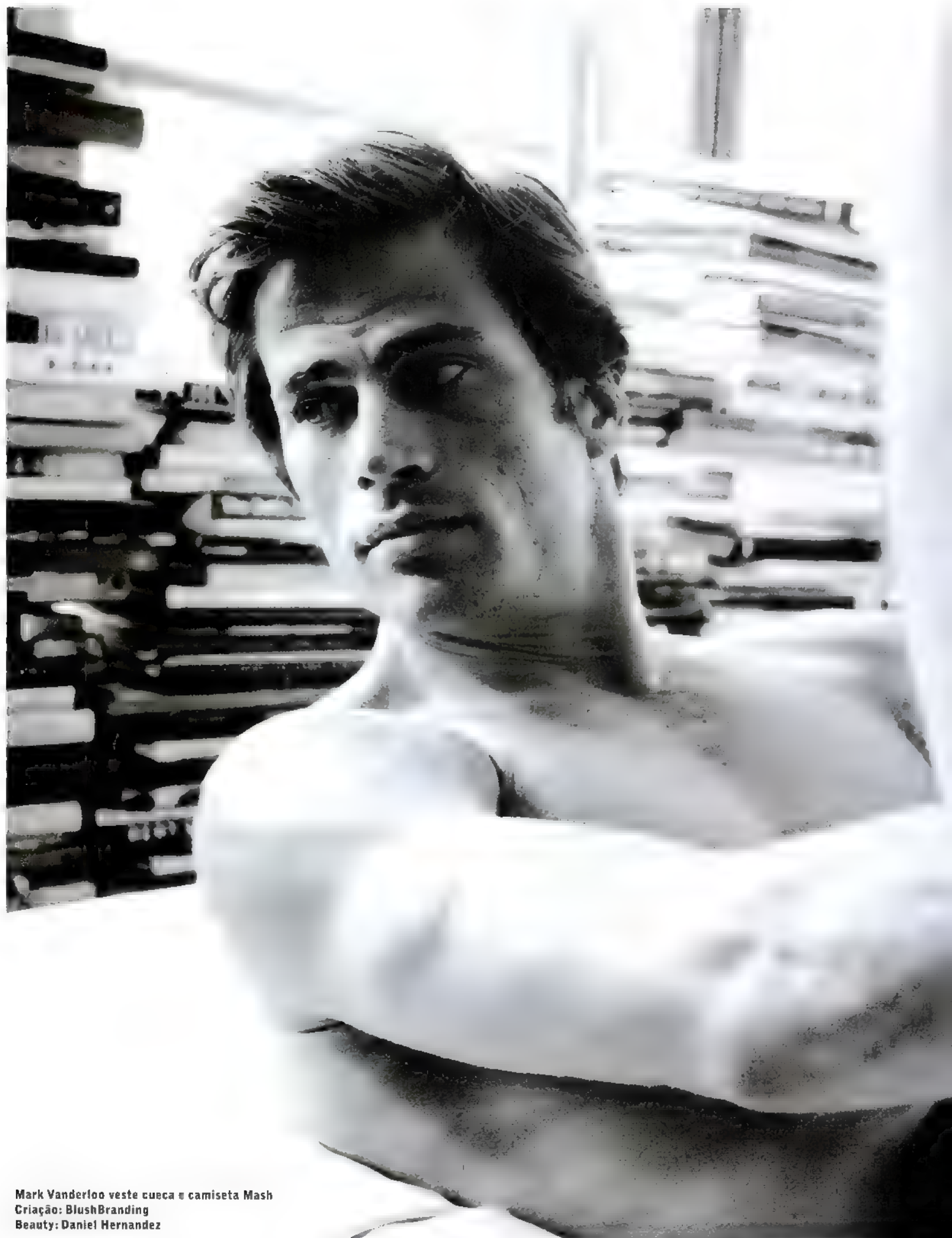
"Um modelo que consiga tirar uns 5 mil dólares por mês está ganhando bem", diz Andréa Dapieri, booker da agência Elite. "Enquanto isso, uma garota ganha 50 mil em uma tarde." Segundo Andréa, a campanha de uma grife internacional de primeira grandeza, como a Dior, paga cerca de 200 mil dólares para uma garota. E modestos (pelo menos para esse mundo de contas inacreditáveis) 20 mil para os moços.

Homem não repara em homem

E por que essa falta de igualdade acontece? "A lei do mercado é assim", diz Karen Gimenez, da agência Mega. "As coleções são direcionadas para as mulheres. Existem mais marcas para elas, elas consomem mais roupas e, conseqüentemente, as modelos são mais valorizadas." As explicações para essa diferença de "valor de mercado", segundo o psicanalista Alexandre Sadeh, vão um pouco mais além. "A mulher bonita atrai ao mesmo tempo o olhar de cobiça do homem e o de admiração e inveja das mulheres", explica. Os homens, de acordo com ele, não perdem muito tempo reparando e admirando a beleza de outros homens. Se é assim, o que faz Mark Vanderloo em anúncios de uma marca brasileira de cuecas? Nada de mais: os comerciais de cuecas são tradicionalmente voltados para quem as compra – as mulheres.

quando foi descoberto, por acaso, por um fotógrafo de Amsterdã que o colocou numa propaganda de leite continuava *bartender*.

Os homens não perdem muito tempo reparando e admirando a beleza de outros homens. Se é
os comerciais de cuecas são tradicionalmente voltados para quem as compra – as mulheres.

DER-

assim, o que faz Mark Vanderloo em anúncios de uma marca brasileira de cuecas? Nada de mais:

Mark Vanderloo veste cueca e camiseta Mash
Criação: BlushBranding
Beauty: Daniel Hernandez

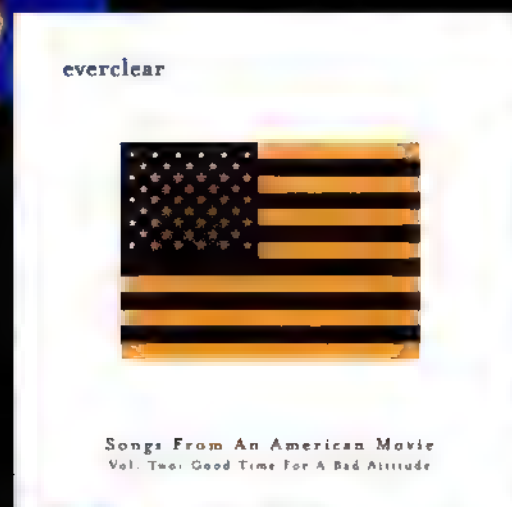
LOO

O filho do filho

Foi em frente ao computador, escrevendo, que Pedro Verissimo decidiu que não seguiria os passos do avô nem do pai. No caso, sua linhagem vem de dois dos mais importantes escritores da literatura brasileira: ele é neto de Érico e filho de Luis Fernando Verissimo.

Até tentou enveredar pelo caminho das letras, mas disse não. Depois de trabalhar seis anos como redator publicitário em uma das maiores agências de Porto Alegre, resolveu largar tudo e ir atrás de outra coisa que, pelo visto, gostava bem mais: música. Desde 97, é líder e vocalista da banda de rock Tombloch, um sonho que surgiu meio de brincadeira e que já é realidade em forma de CD, site, videoclipe e várias apresentações na bagagem. "Uma banda reunia tudo que me interessava: música, vídeo, texto e fotografia", diz o gaúcho, do alto de seus 31 anos. "E, finalmente, me envolvi em algo que não poderia largar de uma hora para outra porque tenho outras pessoas dependendo de mim." Para alguém que foi criado em uma "casa-biblioteca", onde até o banheiro é repleto de prateleiras com livros, fugir da literatura não era o caminho mais fácil. "Para mim foi um alívio quando minha irmã resolveu escrever. Assim, desviaram o foco." A salvadora da pátria, Mariana, é hoje roteirista do programa *Retrato Falado*, da Rede Globo. A outra irmã, Fernanda, é daquelas estudantes profissionais, há anos estuda milhões de coisas na França e não pensa em voltar para cá tão cedo.

"Meu pai sempre nos carregou nas suas viagens. Moramos em Nova York, Paris e Roma, e sempre nos demos muito bem." Durante as estadias fora, os filhos muitas vezes viraram personagens das crônicas de Luis Fernando e fizeram rir toda uma população de fãs que desconhecem a seriedade do escritor. "Comentam com a gente que deve ser engraçado conviver com meu pai", lembra. "Ninguém tem noção do quanto ele é calado e do tempo que passa trancado trabalhando. Já até pensamos em colocar um buraco na porta do escritório só para entregar comida para ele." Quanto a carregar o sobrenome famoso para o palco, tranqüilo. "As pessoas podem ir ver um show nosso só para saber o que o filho do Verissimo está fazendo. Mas ninguém vai assistir duas vezes se não gostar."

(por Juliana Werneck; foto Márcio Simch)

QUIKSILVER
BOARDRIDERS CLUB
www.quiksilverbrc.com.br

uma Vida, uma Paixão

Luciene Bispo, mulher do traficante Marcinho VP, passou a adolescência entre tiroteios e perseguições. Esteve junto com ele em fugas desesperadas pelos morros do Rio de Janeiro. Chegou a dormir noites seguidas no meio do mato para escapar da Polícia, que oferecia uma pequena fortuna pela cabeça de VP. Hoje, com apenas 19 anos de idade, ela se prepara para os 42 anos de reclusão a que Márcio já foi condenado – enquanto isso, passa o tempo digitando a autobiografia dele, um dos traficantes mais poderosos do Brasil

por Renata Leão
ilustrações Marcello Gaú

DOMINGO, 23 DE ABRIL DE 2000, CINCO HORAS DA TARDE, 41 GRAUS DE FEBRE

"'Aconteceu alguma coisa com o Márcio, estou sentindo.' Era só isso que eu pensava, enquanto ardia em convulsões. Não tinha gripe, não tinha nada. Só maus presságios. Não tinha noção de onde ele estava. Na verdade, nem sabia se ele estava vivo. Já fazia dois meses que a gente tinha se separado e que eu não tinha mais notícias dele. Tudo o que sabia era aquilo que a televisão não cansava de mostrar o tempo inteiro: "A polícia carioca continua no rastro do traficante foragido Marcinho VP", dizia a repórter do *RJTV*, com um ar insolente. Odeio aquela repórter. E minha febre aumentava junto com a música do *Jornal Nacional*, que não cansava de agulhar meus ouvidos."

SEGUNDA-FEIRA, 24 DE ABRIL DE 2000, DUAS DA TARDE, 38 GRAUS DE FEBRE

"A televisão me deixa louca. Decidi não ligar esse maldito aparelho com aqueles repórteres que parecem urubus em cima de carniça. Meus primos, um de três e outro de um ano, estavam dormindo. Eu deitei com eles. Tinha um pressentimento muito estranho. É incrível como ficar perto das crianças me deixava muito bem, parecia que aliviava um pouco minha tensão. Precisava ser forte.

De repente, o telefone tocou. Era minha prima.

– Luciene, a TV está ligada?

– Não. Estou com as crianças.

– Então, fique calma. Ele foi preso."

Atônita, ela jogou o telefone no chão e saiu correndo para ver o noticiário. Nessa hora, sentiu como se um angustiante filme de suspense tivesse chegado ao fim. Por dois anos, a ex-secretária Luciene Bispo, de 19 anos, viveu um romance com Márcio Amaro de Oliveira, o Marcinho VP, chefe do tráfico de drogas do morro Santa Marta, em Botafogo, região sul do Rio de Janeiro, e um dos traficantes mais famosos do Brasil.

O namoro era um tanto fora do convencional. No mínimo, não dava para reclamar de rotina e mesmice. No lugar de praia – apesar de estarem tão perto dela –, cinema e beijos no meio da rua, o casal passava os dias entre fugas, noites de amor no meio do mato e drible constante da polícia.

Com a prisão de Márcio, no ano passado, a adrenalina virou algo que mais parece uma eterna espera na vida de Luciene. Daí para a frente, ela viu o companheiro uma só vez, no dia em que foi capturado, na delegacia. "Uma pessoa algemada parece um bicho", lembra a moça, que briga para conseguir autorização judicial para visitá-lo. Por ser menor de 21 anos e não ser casada oficialmente com ele, a liberação da visita depende de um dos juízes da Vara de Execuções Penais. "Se demorar muito", ameaça, "a gente se casa".

Condenado a 42 anos de prisão por tráfico de drogas, Marcinho VP cumpre pena no presídio de segurança máxima Bangu I. E ainda aguarda julgamento por uma acusação de homicídio, o que pode lhe render mais alguns anos de cadeia – embora a legislação brasileira permita que ele cumpra no máximo 30 anos de detenção.

Amor impossível? Para ela, nem um pouco. Mesmo todo o mundo insistindo no velho jargão de "você vai esperar esse tempo todo até ele sair?", ela se conforma em construir uma relação, digamos, dominical. "Só porque ele está lá dentro a gente não pode viver junto?", revolta-se. "Claro que pode. A gente vai se ver todos os domingos, vai se falar. Vamos convivendo na medida do possível. Por enquanto, a gente se fala por carta. Ele me manda coisas lindas, é muito romântico." É mesmo por correspondência que Luciene supera a falta do companheiro.

É ela que está digitando o livro que Márcio escreve de dentro do presídio e no qual pretende contar sua vida e a trajetória no mundo do crime. Esse trabalho impôs a Luciene certa reclusão. "Nossa, será que essa menina não sai de casa?", comentou uma vizinha mais intrometida. Pudera a indignação, ninguém a conhece por lá, ninguém sabe de sua história. Depois de 35 anos vivendo na favela Santa Marta, a família da ex-secretária foi obrigada a se mudar para o Recreio dos Bandeirantes, bem longe de perseguições – principalmente da polícia.

MÁRCIO VEADO PUTO

Filha de uma servente e de um copeiro, Luciene e seus três irmãos cresceram na favela Santa Marta. Nunca soube como seria morar em um lugar onde as pessoas não tivessem de vencer becos, vielas e escadas para subir um dos morros mais íngremes do Rio de Janeiro. Um lugar onde não circulassem garotos armados dia ■ noite. Um lugar onde a polícia não invadisse casas sem ser convidada. Um lugar que estivesse sob as asas do chefe Marcinho VP, do temido Comando Vermelho. Um lugar onde esse chefe não tivesse certo encanto. "O Marcinho sempre foi um cara calmo, não andava com arma para cima e para baixo, sempre circulando com um livro debaixo do braço. Dava bom-dia e boa-tarde para todo mundo, ajudava os idosos a subirem o morro", define André Fernandes, amigo de infância do traficante e padrinho de seu filho mais velho. Ele lembra com graça o dia em que o apelido foi dado ao colega: "Coisa de moleque, jogando futebol. Alguém gritou: 'Passa a bola Márcio Veado Puto!' Acabou pegando o VP".

O poder de VP começou a ficar conhecido nacionalmente em 1996 quando o cineasta americano Spike Lee teve de negociar com ele a permissão para a gravação do videoclipe da música "They Don't Care About Us", de Michael Jackson, no Santa Marta. O gesto parece ter aproximado para sempre o bandido do mundo artístico. Há cerca de três anos, Marcinho ajudou o cineasta João Moreira Salles a fazer um perfil do tráfico no Rio para o documentário *Notícias de uma Guerra Particular*. O contato virou amizade, tanto que Salles teve de responder à Justiça por ter bancado um salário mensal de R$ 1200 para que Márcio pudesse escrever sua autobiografia – essa mesma que Luciene agora ajuda a confeccionar.

O charme do traficante e a pose que estava mais para intelectual do que para bandido chamaram a atenção de Luciene, menina de então 16 anos, recatada, estudiosa, que completava o ensino médio. Nem pensava em se envolver com ele, onde já se viu, uma vida perigosa como essa. Mas o achava bem bonitão, na dele. Ela era aquele tipo de adolescente que ia direto de casa para a escola, como ela mesma se define. Bem, quase direto. No dia 4 de outubro de 1997, ela resolveu dar uma esticadinha ao forró do morro, afinal ninguém é de ferro.

– Vem me ensinar ■ dançar, menina, eu vi você dançando – Era Márcio, "O Cara", como ela diz. Pausa. Frio na barriga. "Não vou", pensou. "O que 'O Cara' vai querer comigo? Ah, não, longe de mim." Acabou indo:

–Tá bom, eu te ensino o que eu sei – Nossa, como ele era duro!

A amizade foi indo ■ o traficante ficou encantado com a beleza da mulata, uma coisa assim natural, nada de maquiagem, roupas discretas, jeito de menina. Nem se importou com a diferença de idade – ele é 12 anos mais velho. Tanto que não cansava de pedir a moça em namoro nos bailes seguintes. E ela fugia, jogava duro. Bem, quase duro. Algumas aulas, ou melhor, arrasta-pés, e... pronto. Ele lançou o tradicional convite "Vamos para um lugar mais calmo?". No caso, o lugar calmo era uma praça do morro. "Pensei: 'Caramba, o que eu vou falar com ele agora? Não dá mais para fugir!'. Logo ele chegou por trás, me pegou e, quando fui ver, a gente já estava se beijando. Sabe aqueles beijos de cinema, demorados, que não acabam mais?" Humm, sei.

Até que no começo o casal tinha uma rotina assim, normal. Depois que a mãe dela quase infartou ao ver a filha abraçada com um traficante, que, de quebra, tem três filhos com três mulheres diferentes, benza Deus. Ficou aporrinhando por um tempo, mas depois o genro conversou com ela, disse que gostava da filha, enfim, acabou se conformando, fazer o quê. Afinal, Luciene continuou trabalhando e estudando, como de costume. Era secretária num escritório de advocacia de manhã e à noite ia para ■ escola. **Pouco antes das aulas, passava para dar um beijo no namorado. Era sempre um encontro rápido e, na volta, também não dava porque ela tinha horário para chegar em casa. E ele, bem, ele tinha lá seus compromissos. Depois das onze, jamais.**

Marcinho sempre respeitou a condição – e a idade – de Luciene com certa consciência. Ela jura, por exemplo, que ele nunca fez nenhuma de suas "negociações" e jamais usou drogas na sua frente. Procurava esconder dela suas armas,

embora ela achasse perfeitamente natural conviver com isso. Virgem até conhecê-lo, eles nunca transaram sem camisinha. "Na primeira vez, eu estava um pouco nervosa, mas confiava muito nele. Fomos conversando e foi rolando naturalmente", conta. "No meio dos amassos, de repente, ele falou: 'Peraí que vou ali buscar uma coisa'. Era a camisinha, ufa, que alívio! Então aquilo me deu mais segurança, fiquei com menos vergonha, foi mais espontâneo. Nossa, como ele era experiente, fiquei impressionada. Aí, gamei de vez, né?"

VP não cansava de mandar bilhetinhos de amor, flores, bombons, ursos de pelúcia. Elegeu a música "Amor sem Limite", de Roberto Carlos – aquela que o cantor fez para a finada mulher, Maria Rita, com um refrão mais ou menos assim: é assim nosso amor sem limite, o maior e mais forte que existe, lálálá... –, como a trilha sonora do casal. E isso ia conquistando a garota cada vez mais.

DEPOIS DO CASAMENTO, A ARGENTINA

Em 99, ■ cerco começou ■ fechar para Marcinho. Ele já tinha fugido da prisão uma vez e agora o Bope (Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar) não saía mais do morro, pois a CPI do Narcotráfico estava atrás justo do nome dele. Policiais correndo com metralhadoras, jornal ■ televisão noticiando ■ caça ao traficante. Continuar morando ali seria perigoso demais. Ele fugiu para um esconderijo, uma casinha em outro morro, bem longe do Santa Marta, um lugar onde a vizinhança não fazia idéia de quem ele era. Só Luciene e alguns de seus "funcionários" sabiam seu paradeiro.

No início, ela visitava o namorado todos os dias. Só que começou a ficar complicado porque estava sempre sendo seguida. Os guardas apareciam em todo lugar, na porta da escola, na porta do trabalho. **A menina não podia mais nem atravessar a rua sem ter a certeza de que estava sendo observada. "Eles ficavam esperando eu sair da aula, andavam atrás de mim", diz. "Eu pegava um ônibus que não tinha nada a ver com meu caminho, saltava, pegava outro, depois outro, até despistar.** Entrava e saía de loja, andava para lá e para cá."

Até o dia em que resolveu largar o emprego ■ ir morar de vez com ele. Por segurança, não deu seu novo endereço à família. Só avisou aos pais que continuaria freqüentando a escola e que daria notícias de onde estivesse. "Foi a melhor época da minha vida. Nós éramos um casal de verdade", suspira. "A gente brincava muito, jogava travesseiro um no outro, corria pela casa. Às vezes, ele me jogava de roupa no chuveiro, parecíamos duas crianças. Ele me ensinou a cozinhar, a gostar de ler." O tal casamento perfeito não teve muito tempo de vida. A CPI corria a todo vapor e as buscas por Marcinho estavam cada vez mais acirradas. Ele só pensava em um lugar tranqüilo para viver com Luciene e escrever seu livro.

Os dois resolveram então fugir para a Argentina. O plano era ele ir antes ■ ela o encontraria na seqüência. Pronta para embarcar, a surpresa: dois policiais estavam na sua cola. Ainda dava tempo de desistir. E ela desistiu. "Se eu

Forró

tivesse conseguido ir, nós não teríamos voltado nunca mais. Estaríamos por aí, pelo mundo."

Foram dez meses separados. Ele lá, ela aqui, de volta à casa dos pais. Márcio ligava todos os dias, queria saber tudo sobre ela, até mesmo a roupa que estava usando. Luciene ficou esperando e garante uma fidelidade insuspeita. "É dele que eu sinto falta. Do beijo dele, do abraço dele, do sorriso dele, da voz dele, das palavras. Dele. Eu espero numa boa porque eu sei que vou conseguir. Isso não vai durar para sempre."

"SE ELE MATOU, NÃO FOI POR PRAZER"

Em janeiro do ano passado, Márcio resolveu voltar – no pior momento. A Associação Rio Contra o Crime e o governo federal ofereciam R$ 20 mil a quem o denunciasse. Luciene não pensou duas vezes em largar novamente a família e ir morar com VP. Dessa vez, não em uma casinha e sim no mato, em barracos, em qualquer lugar. A recompensa era alta, eles não podiam arriscar e passaram a viver como verdadeiros nômades urbanos. **Não ficavam duas semanas no mesmo lugar. Se tivesse um abrigo para dormir, ótimo. Se não, era mato fechado mesmo. "Chuva, frio, floresta, bichos, a gente ficava se escondendo, se entocando"**, diz. "Na hora de dormir, era na relva, que nem um pão de fôrma dobrado, sabe? Juntinhos, abraçadinhos, com medo das cobras. Tudo isso foi uma grande aventura, eu nunca vou me esquecer."

Nessa época, a casa de Luciene no Santa Marta chegou a ser invadida pela polícia. Não encontraram ninguém, mas reviraram tudo. "Levaram só uma foto minha." A situação estava cada vez mais incontrolável. A imprensa divulgou entrevistas com João Moreira Salles, que estava bancando uma mesada a VP para que ele pudesse escrever o livro em paz. Estava na hora de se separarem para facilitar a fuga.

– Você vai para a casa de algum parente seu e eu vou para outro lugar. Você está correndo risco ao meu lado a partir de agora – disse Márcio.

– Quero ir junto com você.

– Lu, esse problema é meu, é a minha vida e não é justo botar você para correr perigo.

– Como é que eu vou fazer para te achar?

– Eu te procuro, prometo.

"Foi o pior dia da minha vida. Horrível. Não sabia se aquele seria o último abraço ou o último beijo. Podia ser a última vez que eu estava tocando nele, podia ser o fim de tudo. Choramos muito, não dissemos nada. A gente só se abraçava, no meio da rua. Virei as costas e saí andando, sem olhar para trás. Quando olhei, ele já não estava mais. Se estivesse ainda lá, eu teria voltado. Estava tudo tão bom, vivíamos em lua-de-mel, apaixonados, de repente fomos obrigados a nos separar. Eu fiquei dois meses sem saber onde ele estava, sem saber se estava vivo ou morto. Ele ficou fugindo por aí. Eu só chorava. Na vida que ele tinha, ou você mata ou você morre. Duvido que tenha matado alguém. Se matou, não foi por prazer, sei disso. Só fui vê-lo de novo detido, na TV, dois meses depois. Barbudo, cabeludo. E lindo."

TERÇA-FEIRA, 25 DE ABRIL DE 2000, MEIO-DIA

"Consegui entrar na delegacia e ele estava lá, algemado. Passou o braço por cima de mim, me abraçou forte, chorando, e disse: 'Foi melhor assim. Pelo menos, agora a gente vai poder se ver uma vez por semana, sem precisar ficar fugindo ou correndo'. Quando eu ouvi isso, foi um tremendo alívio no meu coração. Eu pensei que ele estaria nervoso, querendo fazer uma loucura. Ele sempre dizia que, se fosse preso, se matava. Mas, quando eu vi que estava calmo, me deu uma superforça. Ele já estava cansado."

Depois de quatro horas de entrevista, Luciene Bispo se ajoelhou em frente ao Convento de Santo Antônio, no Rio de Janeiro, local de encontro com nossa reportagem, e suplicou: "Santo Antônio, me ajuda a casar com o Márcio, pelo amor de Deus". Ela também estava cansada.

A FUGA*

LEIA A SEGUIR UM TRECHO DO LIVRO DE MARCINHO QUE ESTÁ SENDO DIGITADO POR SUA NAMORADA. FALA SOBRE O MOMENTO DE SUA PRISÃO E A VONTADE DE FUGIR PELOS TELHADOS DO MORRO

por Márcio Amaro de Oliveira, o Marcinho VP

Era uma manhã de domingo. Enquanto eu fazia um alongamento forçado, naquela manhã, a lembrança da minha amada me vinha à cabeça. Ela tentando me ensinar, sem saber, a forrozar (dançar forró). Deu tão certo que só sabia dançar do jeito dela. Me fez sorrir esta lembrança. Estava amando minha alma gêmea, definitivamente, estava feliz.

De repente uma rajada de G3 e outra de AK 47. Não era normal tiro às 6 horas de uma manhã de domingo. Sabia que era um aviso sinistro, e a confirmação foi tão rápida que não deu nem tempo para finalizar o raciocínio. O estrondo de uma porta sendo arrombada fez meu coração tocar na boca. Tentei me acalmar. O meu corpo fervi... o suor brotava denunciando o choque térmico emocional. Um sentimento de medo veio junto com a sensação de que não tinha saída, eu ia morrer. Mesmo que me entregasse, eles me matariam. Eram capitães-do-mato, e estavam na missão de me eliminar.

O grito "é a polícia", o apelo da dona-de-casa de "pelo amor de Deus" e as vozes de suas filhas pedindo calma me deixavam sufocado. Eu já estava com minha pistola na mão, uma Glock rajada, com dois pentes sobressalentes de dezesseis tiros cada. Respirei fundo. Eu sabia que tinha uma chance de sobreviver, pois para toda casa que eu ia arquitetava antes um plano de fuga. Sabia que, 100% concluído, teria 50% de chance de rever meu filho. Eu estava em um barraco de alvenaria, ainda por embolsar, de dois andares e com uma laje murada. No primeiro andar: sala, cozinha e banheiro. No segundo, onde eu estava, apenas um quarto. Lá tinha material de construção (areia, pedra, tijolos e cimento), mais parecia um depósito. Neste quarto ainda havia uma janela (...) e a vista dava para um beco de onde vinham os policiais. Aliás, eles já estavam lá e a saída naquele momento era chegar na laje, mas para isso teria que chegar até as escadas que interligavam os andares por um vão reto, formando um corredor.

Respirei fundo e fui de uma só vez, corpo inteiro, para o corredor. Nesse exato momento, quase como um reflexo num espelho, dei de cara com um policial apontando sua HK para mim. Ele levava a arma apoiada no ombro, segurando-a firme com as duas mãos. Ele não atirou, nem eu. Nunca acreditei nesses enquadramentos quando assistia filmes de ação. Agora lá estava eu, nesse mesmo enquadramento, só que real. Não falávamos nada. Ninguém veio ajudá-lo e nem haveria espaço para mais um. Não dava para voltar nem para sair da linha de tiro. Um movimento brusco desencadearia um tiroteio com uma possibilidade de ser, na verdade, um duelo de dois mortos. (...)

** publicado originalmente no site no. (www.no.com.br)*

"SOU PREDESTINADO A SOFRER"

DE BANGU I, O TRAFICANTE MARCINHO VP FALA SOBRE A "SEPARAÇÃO" DE LUCIENE QUANDO FOI PARA A CADEIA: "É UMA GUERRA INTERIOR"

Ao saber da matéria com sua namorada, Marcinho VP entrou em contato com a redação. O atual megastar de Bangu I agora é conhecido lá dentro como Mao – uma referência ao ex-líder chinês Mao Tsé-Tung – de tanto falar em revoluções sociais.

Em pouco mais de um ano de prisão, ele já soma 32 sanções disciplinares diferentes. De dentro da galeria B do presídio, onde estão 12 dos principais líderes do tráfico de drogas ligados ao Comando Vermelho, VP nos fez alguns educados pedidos: livros, revistas e a não-publicação das fotos da moça.

Tpm - Por que não as fotos?

Mao - Porque ela é muito nova, não quero imagens dela, é uma coisa que me preocupa. A Lu é uma mulher muito forte, fico receoso com essas coisas. A reportagem, por si só, é um destaque. Não há necessidade de imagens.

Tpm - Você é ciumento?

Mao - Claro, não dá para não ser ciumento com uma mulher dessas. Sem ciúmes não tem amor. O relacionamento que eu tenho com ela é intenso demais, um amor pleno. A gente passou por muitas coisas juntos.

Tpm - Vocês vão se casar?

Mao -Assim que tudo se ajeitar.

Tpm - Como você está aí, está bem?

Mao -Estou preparado para isso aqui. É uma base de sofrimento. Sou uma pessoa predestinada a sofrer.

Tpm - Como foi se separar da Luciene?

Mao -Foi uma guerra interior. Saber que você está saindo de perto da pessoa que você ama é foda. Mas a saudade me faz sobreviver.

Tpm - Como você está segurando a onda aí?

Mao -Lendo, lendo, lendo. Falando nisso, dá para me mandar alguma coisa do Carlos Nader *[colunista da TRIP]*? Esse cara tem uma visão clara do século.

Tpm - O que você acha de ela ficar te esperando, querer casar, ter filhos? E se você demorar para sair daí?

Mao -Eu quero mais é que ela viva a vida dela. Eu amo muito a Lu, mas, se ela quiser me deixar para viver a vida dela, tudo bem. Eu quero que ela seja feliz. Não quero que abra mão de nada. Quero muito que ela faça faculdade. Queria que pelo menos 80% da população fizesse faculdade.

Tpm - Quando vocês se casam?

Mao -Quando a gente conseguir autorização para ela me visitar, vamos conversar e marcar uma data.

edição de texto Mariana Sgarioni

Tpm +

Leia a íntegra da entrevista com Luciene Bispo e ouça trechos da conversa em www.revistatpm.com.br

Loducca®

AVENTURA, PAIXÃO, ADRENALINA

HOMEM OPCIONAL.

O NOVO **PAJERO iOSE** JÁ NASCE COM A TRADIÇÃO DA FAMÍLIA PAJERO, TODA A RESISTÊNCIA E QUALIDADE QUE A FAZEM VITORIOSA NOS MAIS DIFÍCEIS RALIS DO MUNDO. ÚNICO NA CATEGORIA COM UMA TRAÇÃO TÃO COMPLETA: 4x2, 4x4 INTEGRAL, 4x4 OFF-ROAD E 4x4 REDUZIDA COM 20 MARCHAS À FRENTE. CÂMBIO MANUAL OU AUTOMÁTICO, ABS, AIR BAG, DIREÇÃO HIDRÁULICA, AR-CONDICIONADO, TRIO ELÉTRICO, RÁDIO AM/FM COM CD PLAYER, BANCOS TRASEIROS BIPARTIDOS, RODAS DE LIGA LEVE, FARÓIS DE NEBLINA, AEROFÓLIO TRASEIRO E CAPA DE ESTEPE*. TUDO QUE SÓ UM PAJERO TEM.

PAJERO iO SE

*Alguns itens são opcionais. Consulte a configuração de nossos veículos. ABS apenas no modelo automático de 4 velocidades com 16 marchas à frente. A Mitsubishi se reserva o direito de alterar as especificações de seus produtos sem aviso prévio. Fotos meramente ilustrativas. Os veículos Mitsubishi estão em conformidade com o PROCONVE – Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores. SAC 0800 11 22 32 www.mitsubishimotors.com.br

)) Texto Fernanda Lima Fotos Mariana Jorge

Mulheres de areia

Bares onde mulher não entra, gente que vende escorpião seco na feira. Em sua primeira reportagem, a estudante de jornalismo Fernanda Lima conta a experiência de conhecer a Tunísia – e de como escapou da ira de um mendigo muçulmano na capital do país

Quando se viaja para um país exótico, a gente sempre sente um frio na barriga. Principalmente quando levamos na bagagem uma encomenda. "Fê, que tal escrever uma matéria sobre a Tunísia?" "Veja bem... acho que eu topo." (Por que sempre faço isso, meu Deus? Agora, tenho que me virar!)

Cheguei à Tunísia disposta a observar tudo e todos. No meio da paisagem exótica e da arquitetura da capital, Túnis, uma coisa logo me chamou a atenção. Fui a uma boate e só homens estavam lá. Vi mulheres na rua andando alguns passos atrás dos homens. Muitas ainda usavam mantos na cabeça. Fiquei com uma idéia fixa: afinal, como vivem as mulheres nesse lugar de religião islâmica e costumes machistas?

A atitude delas e o fato de ainda serem tratadas com severidade em alguns locais, como na Medina, a cidade sagrada muçulmana de Túnis (onde uma mulher não pode usar saia curta nem segurar na mão do namorado) me assustaram e assustariam qualquer ocidental.

Roupas pesadas e panos na cabeça

Ainda assim, a Tunísia é o país islâmico em que as mulheres têm mais direitos garantidos em Constituição. A poligamia foi abolida desde 1956 e a idade mínima para uma garota casar é 17 anos – elas têm, inclusive, o direito de dizer não para um casamento proposto por um homem. Desde 97, as moças podem disputar cargos públicos nas eleições... Também está na lei que "não deve haver discriminação entre homens e mulheres em todos os aspectos da sociedade". O direito de a mulher trabalhar também está garantido... pelo menos nas leis. No dia-a-dia, claro, não é bem assim.

Mesmo com esses avanços, as tradições islâmicas continuam presentes. E muitas são machistas. A presença feminina ainda é rara em bares e nas feiras de Túnis (onde homens negociam mercadorias que vão desde objetos de prata até especiarias e escorpião seco). **Quando eu e minha amiga Mariana andávamos por lá, nos sentíamos como churrasquinhos no espeto, prontas para sermos devoradas pelos homens do local.**

A coisa é ainda pior no sul do país, onde muitas mulheres ainda andam com a cabeça coberta e evitam caminhar pelas ruas. Elas são bem diferentes das jovens universitárias da cosmopolita Túnis, independentes e soltinhas.

Monia, guia turística que nos acompanhou em um passeio até as ruínas de Cartago (um dos principais pontos turísticos do país, com influência romana na arquitetura), era uma dessas. Bonita, sorridente, estava maquiada e usando roupas muito coloridas. A guia contou que podia andar na rua sem ter a cabeça coberta e que podia trabalhar. Ela disse que era solteira, mas tinha um caso com um cara. Parecia ser uma garota feliz. Nenhuma reclamação sobre o machismo em seu país.

Os contrastes estão por todo lado na Tunísia, um lugar seco e silencioso. As cores são muito claras e a temperatura vai aumentando à medida que nos afastamos da costa. Pessoas andam pelas ruas com roupas pesadas e panos na cabeça. Será que se acostumaram com o calor? Ou essas roupas claras refletiam o sol e assim minimizavam o calor que nós, estrangeiras, sentíamos através de nossas minúsculas roupas?

Na Tunísia, não é só com o calor que os turistas devem se preocupar. Tomar cuidado ao abordar pessoas na rua é importante. Tomamos um susto quando a Mariana foi fotografar um mendigo e ele se levantou e deu um soco no braço dela. Ninguém fez nada para impedir a agressão. Então, sobrou para mim. Saí gritando em inglês muito alto para assustá-lo e ele imediatamente arregalou os olhos e interrompeu a menção de arrancar a máquina da mão da Mari. Resultado: um braço roxo e mais cuidado na hora de apontar a câmera para alguém em um país cujos costumes não conhecemos. Que o nosso susto sirva de exemplo para as futuras viajantes!

ARTESANATO LOCAL EXPOSTO EM FEIRA DE TÚNIS

CASA TROGLODITA CONSTRUÍDA EM BURACO SOB O DESERTO DO SAARA, QUE OCUPA UM TERÇO DO PAÍS, FOI CENÁRIO DE *GUERRA NAS ESTRELAS*

NO MUSEU DO TECIDO, ILHA DE JERBA, LESTE DO PAÍS

A OSTENSIVA PROPAGANDA POLÍTICA DO GOVERNO

COSTINHA NÃO MORREU: AO LADO, UMA EXEMPLAR TROGLODITA

Desconstruindo a Tunísia

Você não é a Fernanda Lima, mas também pode ir a Túnis ou Monastir. Saiba aqui quando, como e quanto custa a empreitada

Nome: República da Tunísia
Onde fica: Na costa norte da África, banhada pelo Mar Mediterrâneo
Capital: Túnis
Como chegar: A companhia aérea local é a Tunis Air, que faz vôos a partir de várias cidades da Europa, Oriente Médio e norte da África. Do Brasil, as empresas são Lufthansa, Air France (passagem a partir de US$ 1 210, ida e volta, em alta temporada) e há pacotes que utilizam os vôos da Swissair
Chegando: A melhor maneira de conhecer o país é de ônibus. A Societé Nationale du Transport Interurbain (SNTRI) oferece veículos confortáveis, com ar-condicionado, para quase todas as cidades do país
Pacote: A agência de turismo New Age, em SP, tel.: (11) 3062 4499, tem pacotes de 10 dias e 7 noites, a partir de US$ 1 261. Com passagem aérea, hotel e traslados incluídos
Idiomas: Árabe e francês
Religiões: Islâmica, judaica e católica
Moeda: Dinar tunisiano. Em algumas lojas e restaurantes turísticos, você pode pagar diretamente em dólar americano e franco francês
Clima: De junho a setembro, é a alta temporada (média de 32° C) e a mais indicada para conhecer o país, apesar de os preços subirem. De dezembro a fevereiro, faz frio (média de 11° C)
Visto: Brasileiros precisam de visto. Você pode solicitar na Embaixada da Tunísia, em Brasília (61 248 7277), ou por meio de despachantes. A taxa é de R$ 15
Cartões: American Express e Visa são os mais aceitos
Restrições às mulheres: Por ser um país de tradição islâmica, decotes e saias muito curtas devem ser evitados. E atenção: existem clubes e bares fechados que não permitem a entrada de mulheres. Alguns sinalizam na entrada, outros não. Como nem sempre o aviso está escrito em inglês, é bom se informar antes da balada

"ESTARÁ EVA VERÍSSIMO CAMELANDO PELA TUNÍSIA?"

EM JERBA, NUMA CONSTRUÇÃO TÍPICA DA ILHA

As principais atrações

Túnis: Na capital da Tunísia, passeie pelo Souks (pequenos labirintos de lojas onde pode-se comprar artesanato local) e pelo Museu do Bado (famoso por possuir a maior coleção de azulejos do mundo). Nas proximidades, conheça as ruínas de Cartago (cidade destruída pelo Império Romano) e a cidade pesqueira de Sidi Bou Said.
Monastir: Ao sudeste de Túnis fica o balneário de Monastir, que tem a velha e a nova Tunísia lado a lado. É possível encontrar construções do século IX e imponentes e modernos resorts, hotéis, restaurantes e cafés, tudo de frente para as águas azuis do Mar Mediterrâneo.
Outros balneários imperdíveis por suas praias e monumentos: Sousse, Hammamet, Nabeul, Djerba e Tabarka
Fique por dentro: Várias agências de turismo da Tunísia, inclusive as das cidades pequenas, oferecem opções de roteiros de acordo com o tempo e a grana que você dispõe. Assim, é possível conhecer o melhor do país, por exemplo, em 2 dias, ou com poucos dólares no bolso, a partir do lugar onde você esteja.

SANTA
MARIA
A Santa Maria vai deixar as meninas bem quentes neste inverno.
A marca que faz moda teen exclusivamente para meninas.

Fotos **J.R. Duran** Texto **Paulo Lima** *Styling* **Lara Gerin**

Sobre as ondas

O Guarujá ainda está lá, perto e longe o suficiente para valer a pena. Tão chique que é quase brega. Tão brega que é quase chique

Da esq. para a dir.:
Vestido de seda NK Store, (11) 3068 9880: R$ 198
Relógio Swatch, (11) 3819 0018: preço sob consulta
Vestido de chiffon Einstein, (11) 3063 9933: R$ 139,80
Relógio Casio C-Sphere, (11) 3112 9000: R$ 168

Flamingo, Monduba, Tejereba, Vila Pinhal, Esmeralda, Pavuna, Conde, Biarritz. Os nomes dos prédios, de frente para o mar, supervalorizados nos anos setenta, semi-esquecidos nos noventa, dizem tudo sobre o Guarujá...

Meio Miami, meio Cape Town, bem São Paulo, a tal Ilha de Santo Amaro resistiu como pôde à sina de se tornar à revelia o refúgio mais fácil e conveniente da neurose paulistana. Um charme na tangência do brega sempre rondou a cidade, desde a época do Cassino, do clube da Orla, do Tortuga, do auge do Samambaia, dos tempos em que a praia de Pernambuco era o que hoje se mudou para Maresias (e aos poucos começa a procurar outro endereço), um encontro da playboyzada com a cultura de praia, com direito a ilha dos Rockefeller e tudo...

PRAIA DE PITANGUEIRAS, VELHO GUARUJÁ

Vestido de viscose Sara Chofakian, (11) 3081 3164: R$ 898
Sapato Forum, (11) 3085 6269: R$ 290

Da esq. para a dir.:
Vestido de seda Ópera Rock, (11) 5189 4700: R$ 138
Camisa de tricoline Ellus, (11) 3032 9581: R$ 129
Vestido de seda Les Filôs, (11) 3082 3326: R$ 377

Da esq. para a dir.:
Jaqueta Triton, (11) 3085 9089: R$ 219
Cardigan Zapping, (11) 3032 7963: R$ 124
Blusa de lurex Evidence, (11) 3812 6765: R$ 82
Anel de prata Serpui Marie, (11) 3088 1512: R$ 164
Pulseira de couro Triton: R$ 26
Blusa de malha Vicio, (11) 5181 3617: R$ 95

Balada certa era sair da festa em São Paulo na sexta e ir direto para o Guaru, deixando na serra todos os gatos Angorás que durante a semana vão cravando suas garras no cérebro do infeliz que habita a velha Sampa.
As ruas com os canais no meio, como veias abertas, as calçadas de lajotas pretas e brancas, as árvores chapéu-de-sol, as ruas de paralelepípedos, os despachos de macumba boiando na beira d'água, a galeria do centrinho com a sorveteria Caramba, as brigas históricas no Fliperama. O Shéo, Preto, Boi, Moisés, Bruxa, Néco, Rôilei, Ramiro, a raça local, espécie de proto-Racionais de calção, travando contato, interagindo com a boyzada numa quebra de appartheid sempre tensa. Judeus e árabes com seus jogos de gamão sob barracas com empregados servindo uísque escocês na praia...

AS CASAS DE PITANGUEIRAS EM 1950

Da esq. para a dir.:
Blusa de malha bouclê Zoomp, (11) 3032-5372: R$ 185
Calça de veludo NK Store: R$ 130
Pashimina Les Filòs: R$ 480
Cinto de strass Les Filòs: R$ 493
Tricô Tommy Hilfiger, (11) 3064.0933: R$ 293
Calça Ellus: R$ 169

O Sobre as Ondas, cuja arquitetura faz jus à beleza do nome, com a marquise à tarde debruçada sobre o pico de ondas longas e intermináveis, a ilha dividindo as Pitangueiras, a esquecida praia do Guaiuba, o Ferrareto Hotel, a boate Mustache, O Casa Grande Hotel, com Antônio Fagundes jovem, relaxando na piscina, o Strand Hotel no Tombo, O Gávea com os pescadores no mirante do morro do Maluf, as pizzas do Dom Pasquale, o Vila Souza Atlético Clube,o frei Dom Domenico desfilando sua cabeleira branca que provocava desejos proibidos nas jovens senhoras deixadas de férias pelos maridos, o dono da "Guaru Modas" em seu charmosíssimo Volks Porsche prata conversível, os salva-vidas apitando, com a pele curtida pelo sol numa era em que não havia sundown, só Noskote e Hipoglós,

O EDIFÍCIO SOBRE AS ONDAS, LOCAÇÃO USADA NESTE ENSAIO. CANTO DAS PEDRAS, GUARU

TERRAÇO DO GRANDE HOTEL DE LA PLAGE, PRAIA DE PITANGUEIRAS, DÉCADA DE 50

COLEÇÃO OSVALDO CAFARO

Da esq. para a dir.:
Calça jeans xadrez Imperial para Doc Dog, (11) 3081 0517: R$ 260
Malha Empório Armani, (11) 3897 9090: R$ 525
Vestido de seda Les Filòs: R$ 354
Gola de pêlo Doc Dog: R$ 170
Brincos Les Filòs: R$ 177

Da esq. para a dir.:
Calça jeans com [illegible] pontos [illegible]: R$ [illegible]9
Golá alta [illegible] Daslu Homem, (11) 3[illegible]5 965[illegible]: R$ 182
Jaqueta [illegible] lixado Ar[illegible] Firpu[illegible]: R$ [illegible]69
Vest[illegible] de jérsei listrado C&A, (11) 312[illegible] [illegible]977: R$ [illegible]9
Colar-pulseira Serpui Marie: R$ 281

a livraria pequena, na entrada do prédio residencial, sempre com o livro *A terceira visão*, de Lobsang Rampa na vitrine, assustando a criançada, a casa de Germano Mariutti, o restaurante Ancora, o Il Faro, o Delphin Hotel na calma Enseada do Jardim Virgínia, a misteriosa Itapema, versão guarujaense da Rocinha, a fila da Balsa, o biscoito Praiano, as pipas de pano em forma de águia, os vendedores de amendoim torrado com casca em saquinhos de papel rosa ou verde, os dias cinzas com frio e chuva fina que não parava e punha as mulheres loucas, o cisne de massa para tirar fotos, binóclinhos, o trailler de churros, o Monte Carlo com seus croissants, a feijoada do botequim que atendia madames descendo de carrões com ▶

O GRANDE HOTEL DE LA PLAGE, PRAIA DE PITANGUEIRAS, NA DÉCADA DE 40

Da esq. para a dir.:
Vestido de georgete Forum: R$ 590
Sapato Banana Price, (11) 3081 3786: R$ 79
Vestido de georgete Marcelo Quadros para NK Store: R$ 653,80
Xale Brechó Mancebo, (11) 3976 3742: R$ 25
Sandália Banana Price: R$ 59
Brincos [illegible] Filòs: R$ 177

a panela de pressão na mão, a farmácia que atendia pessoas doentes, em vez de vender produtos diet, a arquitetura dos cinqüenta e sessenta, tempo em que se pensava na vivência do espaço, e não na valorização do imóvel, as luzes acendendo nos prédios, vistas do mar no começo da noite, a lua nascendo atrás dos barcos dos Astúrias...

Talvez nenhum desses fragmentos tenha resistido ao tempo, mas o Guarujá ainda está lá, perto e longe o suficiente para valer a pena. Tão chique que é quase brega. Tão brega que é quase chique.

PRAIA DOS ASTÚRIAS, MUITO ANTES DA ESPECULAÇÃO IMOBILIÁRIA QUE LOTOU O GUARUJÁ

Da esq. para a dir.:
Calça de couro Triton: R$ 796
Casaco de lã Zapping: R$ 158
Saia Forum: R$ 2 [illegible]
Blusa com manga de [illegible] Custo Barcelona para Lucidez, (11) 3044 2026: R$ 650
Gola de pêlo Bureaux Paulista, (11) 5153 6662: R$ 94
Saia de malha bouclê Zoomp: R$ 149
Blusa com manga de [illegible] Custo Barcelona para Lucidez: R$ 178

CARROS NA PRAIA DA ENSEADA. O GUARUJÁ NA DÉCADA DE 30

COLEÇÃO OSVALDO CAFARO

Cabelo e maquiagem: Saulo Fonseca **Assistente de cabelo e maquiagem**: Lau Neves **Assistente de Produção**: Rose Campos
Assistente de fotógrafo: Bruñel Galhego **Agradecimentos**: Dario Meirelles e Geraldo Anhaia Mello (edifício Sobre as Ondas)

Subiu à cabeça

Mais do que manter a cabeça quentinha, os gorros são o maior estilo. Se você escolher diferentes modelos, um para cada dia, pode até repetir a roupa que pouca gente vai notar. Outra vantagem: eles quebram o maior galho naquele dia em que o cabelo amanheceu meio rebelde

Peruano [illegible] Roxanne Dreams [illegible] 88 4292 [illegible]

Gorro de tricô bicolor Anni Futuri [illegible] 1) 3061 1967 R$ [illegible]

Listrado Patrik? [illegible] 1) 3061 2588 R$ 124

Gorro de tricô Armani [illegible]

Tricô Sterna Fuscata [illegible]) 3846 2318 R$ 45,60

Listrado de nylon [illegible] 81 0517 R$ 62

Um Allen na pimenta

A Fox lança no Brasil quatro clássicos do diretor Woody Allen em DVDs. Um bom momento para desvendar o poder que esse nova-iorquino exerce sobre as mulheres no mundo inteiro

Simples: porque ele fala, pensa e faz filmes sobre sexo. É que mulher gosta, pensa e fala muito sobre sexo. E, ao contrário do que nos contaram, os homens pensam muito menos nisso – e sobre falar a respeito eu nem vou dizer nada... Ou ainda: 80% do que eles acham que é sexo quando imaginam estar pensando em sexo não é exatamente sexo, é outra coisa que sei lá que nome tem porque eu não sou homem. Mas sexo, sexo, não é: sexo envolve gente de verdade e isso não é uma coisa para a qual a maioria dos homens tenha lá muito espaço mental. Por isso, as mulheres tendem a gostar de homens que pensam de fato em sexo e a amar aqueles que conseguem falar a respeito.

E Woody Allen é um desses que só pensa e fala naquilo. O mais bacana é que o "aquilo" dele é ao mesmo tempo bem complicado e simplesmente engraçado. Digo, não há grande mérito na complicação em si, mas, convenhamos, sexo é complicado mesmo. Daí que é frustrante entrar no cinema e estar condenado a ver ■ experiência sexual reduzida a duas modalidades básicas: o sexo-videogame, aquela coisa de aperta aqui, manobra ali e explode tudo, nos filmes para homens jovens beirando o analfabetismo, e o sexo antes do sexo, ou seja, os rituais românticos pré-sexuais, para satisfazer as fantasias infantis que sobrevivem em mulheres de todas as idades.

São poucos os cineastas que exploram tanto ■ tão bem as inúmeras maluquices da vida sexual adulta, e Woody Allen é um deles – talvez ■ melhor. É um certo alívio poder de vez em quando entrar no cinema e ver gente adulta, com uma cara quase normal, passando por mais ou menos os mesmos apertos que nós, os neuróticos da vida real, passamos. Seus personagens se apaixonam, se desapaixonam, gozam, não gozam, separam, casam, têm impulsos, reprimem impulsos, traem, são traídos, são ridículos, são mesquinhos, são humanos – ■ ainda fazem piadas geniais sobre isso tudo.

E ■ mais bacana é que, apesar das maluquices, complicações ■ piadas, Woody Allen continua acreditando naquilo. Ou seja, que o sexo e seu *entourage* – paixão, amor, relacionamentos – talvez sejam as coisas que mais valem a pena na vida. É por isso que seus personagens, sobretudo aqueles que o roteirista Allen escreve para ■ mesmo, não param de falar sobre sexo, em mesas de restaurantes, para seus analistas ficcionais, para os amigos nas calçadas de Nova York. Talvez, no fundo, seja esta a melhor formulação para a pergunta lá de cima: porque em seus filmes sexo é tão importante que é importante falar sobre isso. *(por Bia Abramo)*

O que está na série de DVDs de Woody Allen

Os quatro filmes do diretor contemplados em nova coleção passam pelo crivo de Rubens Ewald Filho, Neuza Barbosa e Marçal Aquino.

Manhattan, 1979, 96 minutos

Woody Allen transforma uma das maiores metrópoles do mundo num cenário romântico ■ poético. O filme conta a história de Isaac Davis (Allen), um roteirista frustrado de programas de TV, que tem uma ex-mulher lésbica (Meryl Streep) e uma namorada de 17 anos (Mariel Hemingway). No meio desse turbilhão, ele ainda se apaixona pela amante (Diane Keaton) do seu melhor amigo, entrando numa saga de dúvidas ■ desencontros.

ELES DÃO A NOTA:
Rubens Ewald Filho, crítico do TeleCine: 10
Neuza Barbosa, crítica do www.cineweb.com.br: 10
Marçal Aquino, escritor e roteirista de cinema: 10
Média: **10**

A Última Noite de Boris Grushenko, 1975, 86 minutos

Uma sátira dos grandes épicos como *Guerra e Paz*, *Dr. Jivago* e outros. Aqui, Woody Allen leva seu humor para ■ Rússia czarista na época da guerra contra Napoleão. Boris Grushenko (Allen) é um anti-herói pacifista e medroso que se vê em um campo de batalha em nome de uma paixão, no caso, sua prima Sonja (Diane Keaton). Diálogos ricos e longos fazem toda a diversão do filme.

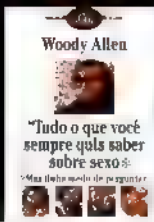
ELES DÃO A NOTA:
Rubens Ewald Filho: 7
Neuza Barbosa: 8
Marçal Aquino: 8
Média: **7,3**

WOODY ALLEN EM MANHATTAN. NA ÚLTIMA FOTO À DIR., *NOIVO NEURÓTICO, NOIVA NERVOSA*

reportagem Juliana Wernwck

Noivo Neurótico, Noiva Nervosa, 1977, 93 minutos

Mais uma ode de Woody Allen à sua descrença nos relacionamentos duradouros. Sempre em Nova York, neste filme ele faz o papel de Alvy Singer, um comediante judeu frustrado, que faz sucesso com piadas que ele mesmo odeia e vive cercado de *affairs* mal resolvidos. Ao conhecer a cantora Annie (Diane Keaton), ele se depara com o amor mais difícil de se manter: o verdadeiro. No fim, quase todo mundo tem a sensação de já ter visto o filme antes – mas não na posição de espectador.

ELES DÃO A NOTA :
Rubens Ewald Filho: 9
Neuza Barbosa: 10
Marçal Aquino: 9
Média: **9,3**

*Tudo o que Você Queria Saber Sobre Sexo *Mas Tinha Medo de Perguntar*, 1972, 88 minutos

Em sete histórias recheadas de humor e surrealismo, o diretor fala de afrodisíacos, sodomia, orgasmo feminino, travestis, perversões e ejaculação. Ao questionar os achados médicos em experiências sexuais, por exemplo, ele cria um peito gigante que sai pelas ruas matando pessoas com seu jato de leite. É para rir, mas também faz refletir sobre como o sexo pode nos colocar em situações patéticas e constrangedoras.

ELES DÃO A NOTA:
Rubens Ewald Filho: 7
Neuza Barbosa: 7
Marçal Aquino: 6
Média: **6,6**

Vai lá:
Os DVDs estarão à venda em lojas de departamentos, livrarias, e videolocadoras a partir de agosto. Custarão R$ 34,90 cada.

Querida, estiquei a criança

Os homens são tão encanados com o tamanho do pênis (e as mulheres também) que tem gente que faz de tudo para aumentá-lo. E isso já é possível graças aos avanços da ciência. O andrologista Bayard Fischer Santos, autor do livro *A Medida do Homem*, é o maior especialista no assunto no Brasil. Em entrevista ao programa *TRIP 89*, comandado por Paulo Lima, com Arthur Veríssimo e Fernanda Lima, ele contou qual é a medida de um pênis normal e... quais são os tipos que vão parar no seu consultório

DOUTOR BAYARD FISCHER, ESPECIALISTA NO ESTICAMENTO DE MEMBROS INFERIORES: "RECEBI CARTAS DE PESSOAS QUE TINHAM COLOCADO ABELHA NO PÊNIS PARA QUE ELE FOSSE PICADO E CRESCESSE"

TRIP 89. Quais são as possibilidades de fazer uma pessoa aumentar o tamanho do seu pênis quando ele é muito pequeno?
Bayard Fischer. Na realidade, qualquer método que exerça uma força sobre o pênis, como um aparelho ortodôntico exerce no dente, vai ativar a divisão celular. O pênis vai tendo novas células e vai aumentando de tamanho. O problema é que esses métodos têm que ser médicos, seguros e precisam ser detalhadamente investigados. O método que eu uso foi aprovado pela Comunidade Européia, que é muito rigorosa.

TRIP 89. Do ponto de vista médico, o que é considerado um pênis tão pequeno que justificaria uma intervenção cirúrgica ou um processo terapêutico?
Bayard. Um pênis é considerado inadequado para um ato de boa qualidade quando tem menos de 10 centímetros de comprimento com menos de 9 centímetros de perímetro. Um membro pequeno tem entre 10 e 12 centímetros. E um membro considerado normal tem de 12 a 18.

TRIP 89. O seu livro traz diversos nomes para pênis, tem o jamanta, o berinjela. Como aparecem esses nomes?
Bayard Fischer. Isso vem das pessoas mesmo. O paciente chega e fala: "estou com um problema, o meu bimbo tem o formato de lápis".

TRIP 89. O senhor já tratou, por exemplo, um berinjela ou um champignon?
Bayard. Sim, o champignon é muito comum. Outro que aparece bastante é o lápis, aquele fininho, fininho, com uma cabeça bem pequenininha.

TRIP 89. E, na prática, como é esse tratamento?
Bayard. Existe o sistema americano e o europeu. Eu sou mais partidário do europeu, que permite saber exatamente a força que está sendo aplicada ao membro. A pessoa pode ir trabalhar, dirigir, tudo com o aparelho.

TRIP 89. Por quanto tempo?
Bayard. É igual a um aparelho ortodôntico. A pessoa tem que ficar umas 12 horas com o aparelho por dia. O tempo depende de quanto se quer aumentar. Dois anos e meio é um bom tempo para se ganhar uns quatro ou cinco centímetros no pênis, que é o que os pacientes geralmente procuram.

TRIP 89. A questão do pênis pequeno é a grande preocupação na área dos distúrbios sexuais do homem?
Bayard. A questão mais freqüente é a ejaculação precoce. Em segundo lugar vem a dificuldade de ereção. A questão do tamanho aparece em terceiro lugar.

TRIP 89. E essa história de aumentar o diâmetro? Existe uma espécie de lipoescultura do pênis?
Bayard. Bem, essa é uma técnica que está em desuso. Ela está no livro apenas relatada. Mas eu recebi cartas de pessoas que até tinham colocado abelha no pênis para que ele fosse picado e crescesse.

TRIP 89. O processo de alongamento é doloroso?
Bayard. De forma alguma. A pessoa se acostuma. É como se estivesse usando um relógio. Mas é claro que existe um período de adaptação.

TRIP 89. E quanto tempo depois a pessoa pode ter relação sexual?
Bayard. Pode ter normalmente. É só retirar o aparelho. Muita gente tem constrangimento em afirmar que faz o tratamento, então, pode retirar quando vai a uma piscina, vai jogar futebol. Se vai sair com a namorada, é só tirar antes.

TRIP 89. Quando se constata que uma pessoa tem um problema – um pênis de quatro, cinco centímetros, a indicação realmente seria a cirurgia?
Bayard. Depende da faixa etária. Quanto mais jovem o indivíduo, mais ele vai responder à fisioterapia. Em geral, não se indica a cirurgia para pessoas com menos de 40 anos. A partir dos 40, até os 45, ainda se tenta a fisioterapia. Só se a pessoa não responder a esse tratamento é que é feita a cirurgia.

Cada um com seus problemas

Enquanto alguns têm tão pouco, outros têm tanto...

O FAZENDEIRO JOÃO AGRIPINO FREQÜENTA UMA CLÍNICA DE ALONGAMENTO PENIANO DESDE OS 5 ANOS DE IDADE. NA FOTO, À ESQ., AGRIPINO PUXA O QUE É CONSIDERADO O MAIOR PINTO DO MUNDO

BRAD PINTO, UM POUCO ABALADO AO DESCOBRIR QUE A INJEÇÃO DE ANABOLIZANTE PEGOU A VEIA ERRADA

Recorte e cole

Berinjela ou champignon?

O design do pênis varia de homem para homem: há desde o tipo vírgula até o pelancudo. Se você reparou que o seu namorado tem um pinto esquisito, provavelmente não vai ter coragem de contar para ele. Mas, se quiser dar um toque sutil no cara, ■ *Tpm* te ajuda. Recorte as fichinhas abaixo e deixe-as displicentemente no bolso da calça dele

VÍRGULA

Gato, tenho exame de auto-escola semana que vem... Poderia estudar os sinais de curva obrigatória "para a esquerda" olhando ■ seu membro. Cuidado. Curvas com mais de 30° são casos para o Dr. Bayard.

TACO DE BEISEBOL

Tudo bem, seu pinto parece a trave do Maracanã, mas não fique se achando. Se mulher gostasse de pinto gigante, jegue morava no harém.

CHAMPIGNON

Shiitake querido, quando somos adolescentes ■ começamos a ter nossos sonhos eróticos, não é exatamente um guarda-chuva aberto que imaginamos entre as pernas do ser amado. Leve esse pilão de caipirinha para ■ ambulatório.

PELANCUDO

Ser penetrada por um "shar-pei" não é exatamente minha fantasia. Mas tudo bem, lave direitinho para eu esquecer desse detalhe.

CURTO E GROSSO

Querido, seu pipi me fez lembrar os comentários do Arnaldo César Coelho: curto ■ grosso.

BERINJELA

Querido, seu pinto ficaria uma delícia à parmegiana. Mas na minha grutinha ele não cabe. Tente na feira.

ANÁLISE DE NINA LEMOS

Ai, se eu fosse um homem de pinto fino...

...iria odiar as mulheres. Teria raiva de garotas como eu, que, muitas vezes, viraram a noite falando coisas do tipo "o pau do fulano é grosso e curto", "o do sicrano é torto" e, claro, "aquele bonitinho tem um pau fininho"

Confesso que já fiz isso (e já ouvi essas frases umas 4 959 vezes na vida). É ridículo. Nesse ponto, os homens (ou parte deles) estão há milhas de distância das garotas. Nunca ouvi nenhum falando sobre o tamanho da buceta de alguém. Outro dia, um amigo teve um ataque porque eu e outra amiga começamos a falar sobre o tamanho do pinto de um cara qualquer. "E se eu começasse ■ gritar aqui que a fulana era a maior arreganhada? Vocês iriam me chamar de machista e me expulsariam da mesa!"

Meu amigo tinha razão. Ele estava certíssimo. Abaixei a cabeça humilhada, me sentindo uma idiota. Os homens terem fixação pelo tamanho dos seus paus é ridículo. Mas a gente incentivar essa mania é pior ainda. Principalmente porque já está mais que provado empiricamente para qualquer garota inteligente que o tamanho do pinto não é o mais importante, mas sim o uso que o sujeito faz dele. E também as qualidades do moço que é dono do tal pinto, claro.

Melhor a gente parar de falar desse jeito dos meninos. Antes que eles comecem ■ dizer que somos abertas, apertadas ■ arreganhadas, enquanto tomam cappuccino e dão risadinhas...

Recorte e cole

O mapa da mina

Os homens não sabem onde fica o clitóris? Tudo bem: se o seu namorado já leva no carro um guia de ruas, não vai custar nada pedir a ele que carregue na carteira... o mapa do clitóris

Eles acham que sabem, tadinhos. Os homens pensam que são verdadeiros especialistas em saber onde fica o clitóris e mais precisamente em descobrir aquele lugar que é O PONTO que, bem manipulado, faz as mulheres ficarem loucas. Só que nem sempre eles acertam. Pesquisas realizadas pelo Instituto das Garotas da *Tpm* que Falam Sobre Sexo no Almoço (o IGTFSSA) indicam que 88% dos caras ainda estimulam o nosso órgão do jeito (e no lugar) errado.

Eles acham que estão fazendo tudo certo e não percebem que a nossa cara não é de tesão, mas sim de ansiedade. Como imaginamos que as outras garotas também passam pelo mesmo problema, resolvemos criar um mapa do clitóris. Recorte e dê na mão do seu namorado para que ele decore. E depois, claro, dê para ele – uma aula prática.

[illegible] para chegar lá

1. Comece a descer sua mão pela xoxota da garota.
2. Avance dois dedos depois dos grandes lábios para dentro (na direção da vagina).
3. Chegando aos pequenos lábios, avance com o dedo até encontrar um ponto protuberante.
4. Bem-vindo ao maravilhoso mundo do clitóris! Esse é o clitóris. Mas não adianta ir tocando em qualquer lugar.
5. Desça um dedo para baixo desde o início do clitóris (a parte mais alta).
6. Se a menina começar a fazer cara de prazer, parabéns. Você acertou. Se ela tirar a sua mão discretamente, volte para o ponto de partida.

ILUSTRAÇÃO EDUARDO HIRAMA

VENHA PARA O MARAVILHOSO MUNDO DO CLITÓRIS. ACIMA, O CAMINHO DAS PEDRAS

MINHA ÚLTIMA VEZ

Ela quase me engoliu

Dentro de casa foi uma loucura, embolando pelo chão, pelo sofá, derrubando cadeira – e finalmente fomos para a cama

AGÊNCIA FOLHA

"Foi em uma festa na casa de um grande amigo. Todas as meninas já estavam acompanhadas – ou quase todas. Tinha uma que eu não via há muito tempo, linda, e estava toda "simpática". Logo sentou comigo no sofá. Começaram a rolar alisados, cafunés e muito papo furado. Aí, ela foi ao banheiro. Fiquei ali sentado vendo que todos na festa estavam chapados demais para prestar atenção no que eu estava fazendo. Fui até o banheiro e fiquei na porta. Ela abriu e levou um susto com a velocidade que eu pulei em cima. Fui logo beijando, levantando a blusa e fechando a porta na seqüência. Colamos num beijo que quase arrancou minha língua. Decidimos ir para minha casa. Quando entramos no elevador, foi aquela adrenalina, parecia que era a última foda da história do mundo. Ela quase me engoliu. Dentro de casa foi uma loucura, embolando pelo chão, pelo sofá, derrubando cadeira – e finalmente fomos para a cama. Ela parecia que tinha encontrado uma fonte sabor chocolate no meu "cabide-de-pendurar-toalha". Foi uma trepada que durou horas e, detalhe, não acendi uma lâmpada. De manhã, ela acordou mais cedo e se mandou sem fazer barulho. Depois da cachaça, a ressaca. Fui ao banheiro e aí percebi o porquê da fuga: o vaso estava todo melecado de sangue. O lençol, o sofá, o chão, a mesa e, para completar, meus dedos. "Filha da puta." Parecia que eu tinha matado alguém e foi bem duro limpar tudo. Foi uma experiência e tanto: sexo "adrenofurioescatológico".

LÚCIO MAIA É GUITARRISTA DA BANDA NAÇÃO ZUMBI

Fazemos quase tudo
para satisfazer o cliente.
Se for mulher, tudo.
Bros.Co.
A produtora responsável pelas propagandas da TRIP e TPM.
A Bros também não tem a pretensão de entender a cabeça das mulheres. O que nós queremos mesmo são as idéias destas cabeças. Idéias para comerciais, jingles, spots de rádio, curta-metragens, programas independentes, vídeos institucionais, etc. Por isso, se você é uma mulher de criação, produção, RTV ou marketing conheça o portfolio da Bros com clientes como: Center Norte, Vésper, Carrefour, Fórmula Academia, entre outros. Clientes que, como você, só se satisfazem com qualidade.
11 3021-1883
bros.co@uol.com.br
BROS.C
O som e as imagens das suas idéias.

Quebra de decoro

Tanta gente fala em mudar o mundo, mas a maioria mal consegue mudar as poltronas da sala de lugar sem seguir um manual de decoração. Se este é o seu caso, vá direto ao livro *Breaking The Rules* e aprenda que as regras foram feitas para serem quebradas (e que um banheiro também pode ser uma bela cozinha)

por Lia Medeiros

Em *Breaking The Rules – Home Style For The Way We Live Today*, a apresentadora de TV americana Christy Ferer dá idéias de como quebrar as regras dos modelos de decoração existentes e inventar um estilo próprio. Apesar de na foto da orelha do livro ela ter cara de perua brega e de já ter sentado no sofá da Hebe, dá para se divertir e tirar proveito de algumas dicas antidicas.

Exemplos: não existe cor que não possa ser usada dentro de casa. Se você está na dúvida de com qual pintar o seu apartamento, para escolher dê uma olhada no seu guarda-roupa e veja quais se destacam. Coloque móveis grandes em espaços pequenos, porque, mesmo que o lugar fique menor ainda, pode ser mais aconchegante. E, se a sua casa é pequena para conter todas as peças que gostaria, por que não juntá-las no mesmo espaço? Ela mostra, ainda, exemplos de como pode ser interessante um banheiro/biblioteca ou uma cozinha/banheiro.

A POLTRONA, CLÁSSICA, COM APLIQUE "NADA A VER". ACIMA, O PAPEL DE PAREDE QUE VOCÊ NÃO VAI ACHAR NA *WALLPAPER*

O LIVRO, DISPONÍVEL NO WWW.AMAZON.COM, CUSTA US$ 38

Rules to break

A seguir, algumas regras boas de quebrar

Cores

A regra: "Escolha os neutros. Eles combinam com qualquer coisa."
A quebra: O que é neutro para uma cultura ou pessoa pode ser radical para outra.

Cômodos

A regra: "Redecorar significa tudo novo."
A quebra: Às vezes você já tem o que precisa. É só mudar de lugar ou retirar algumas coisas e está feito.

Iluminação

A regra: "Um abajur é um abajur."
A quebra: A luz pode estar onde você encontrar uma. Faça abajures com urnas de pedra, conchas do mar, pilares antigos, vasos, vidros de perfume, bule de chá ou um pote de açúcar.

Mobília

A regra: "As áreas sociais devem ter cadeiras e sofás."
A quebra: Não precisa ter pernas para você sentar em algo. Pense em puffs, almofadas, carpetes e baús.

Acessórios

A regra: "Menos é mais."
A quebra: Algumas pessoas amam ter várias coisas em volta. E não há nenhum mal nisso.

Exposição

A regra: "Funcionalidade não é bonito. Esconda as coisas que fazem a casa funcionar."
A quebra: Forma e função sempre são um bom time. Não tenha medo de parecer funcional. A casa precisa acontecer.

AO LADO, SAPATOS NA SALA. ACIMA, A COZINHA NO BANHEIRO. VAI ENTENDER...

Top of Mind

Desfile das campeãs*

Qual o seu jeans preferido? Que lingerie ou camiseta básica você não tira do corpo? Para conhecer as marcas que estão mais presentes na cabeça da mulherada quando o assunto é guarda-roupa, *Tpm* foi à porta de cinemas, shows, faculdades e exposições e abordou 300 mulheres. Além do jeans e da camiseta, nossa equipe quis saber quais as grifes de bolsas, roupas para ginástica, biquínis, tênis e sapatos mais lembradas.

por Eduardo Marçal e Thaila Moreira

Biquíni

1 Cia. Marítima – 38,3%

2 Rosa Chá – 15,6%

3 Track & Field – 4,0%

Outras – 42,1%

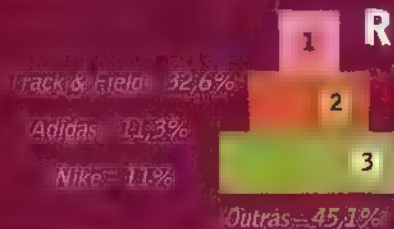
Tudo bem que estamos no inverno, mas roupa de praia é peça básica no guarda-roupa de qualquer brasileira. A grife paulista Cia. Marítima, campeã de votos neste quesito, inovou na São Paulo Fashion Week do ano passado ao criar um tanquíni, que tem uma camiseta no lugar do sutiã. A filosofia é combinar essas peças de banho com roupas que possam ser usadas fora das praias e das piscinas.

Roupa de ginástica

1 Track & Field – 32,6%

2 Adidas – 11,3%

3 Nike – 11%

Outras – 45,1%

Você não precisa de uma peça especial para malhar, mas as grifes estão cada vez mais especializadas em novos cortes e tecidos. Tudo para adaptar as roupas às atividades físicas. Por ser uma marca 100% fitness, a Track & Field foi coroada pelas mulheres.

Calça

1 Levi's – 31,3%

2 M. Officer – 9,3%

3 Zoomp – 9%

Outras – 50,4%

Em 1853, o alemão Levi Strauss criou, nos Estados Unidos, esse tecido e começou a fazer calças para operários. Mal sabia ele a revolução que causaria. Pioneira e mundialmente conhecida, a Levi's foi líder disparada em nossa pesquisa. As brasileiríssimas M. Officer e Zoomp seguiram quase empatadas, em 2º e 3º lugar.

Um século e mais 30 anos de moda

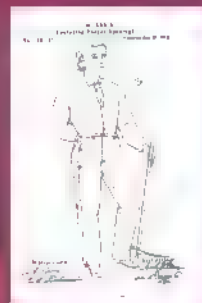
MODELO LEVI'S DE 1890

1873: A PATENTE DA LEVI'S

* Esta pesquisa é feita a partir do conceito *Top of Mind*. A equipe da ***Tpm*** entrevistou trezentas mulheres de 18 a 35 anos em São Paulo. Elas responderam à seguinte pergunta: qual a primeira marca que vem à sua cabeça quando você pensa em...? A pesquisa não tem caráter científico. É, porém, um referencial fidedigno das preferências do público feminino.

Tênis

1. *Nike – [illegible]*
2. *Reebok – 11,3%*
3. *All Star – 9,2%*

Outras – 35,5%

O marketing estratosférico bancado pela Nike parece imbatível. Além dos garotos-propaganda Michael Jordan, Ronaldinho e Tiger Woods, a qualidade dos produtos certamente é um dos pontos que a coloca no alto do pódio. O que houve com a Reebok?

Camiseta

1. *Hering – 59,3%*
2. *"Qualquer uma" – 5,3%*
3. *Pólo – 3,3%*

Outras – 32,1%

A Hering provou que seu slogan "O Básico do Brasil" pegou e ficou. A pequena fábrica dos irmãos alemães Hermann e Bruno Hering, fundada em 1880 em Blumenau (SC), cresceu e virou quase uma unanimidade nacional – foi eleita pela maioria absoluta.

Sapato

1. *Arezzo – 12%*
2. *Corello – 11,3%*
3. *Dakota – 10,6%*

Outras – 66,1%

Na disputa mais acirrada da pesquisa, três marcas lideraram lado a lado a competição – quase empate técnico. Um dos motivos é a variedade de estilos e preços que oferecem.

Bolsa

1. *Victor Hugo – 16%*
2. *Kipling – 11,6%*
3. *Corello – 5%*

Outras – 67,4%

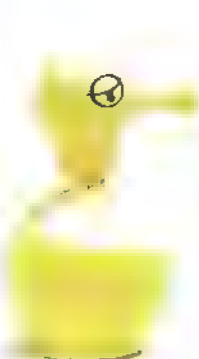
Mochilas, sacolas, malas e afins acabaram entrando de embalo na apuração deste item. Foram lembradas marcas tão distintas como Fendi, C&A, Primicia, New Skate Rock e até a sofisticada e cara Louis Vouitton. A campeã é a Victor Hugo, que investe nos tradicionais modelos de couro e em maciça propaganda impressa.

Fetiche

Peças básicas que são tudo

por Juliana Werneck
fotos Nino Andreas

Supermercado chic

Faz tempo que ter utensílios domésticos com design especial deixou de ser um luxo e passou a fazer com que as tarefas mais simples ganhassem charme. A marca do designer italiano Alessi traz uma série de objetos com uma carinha toda diferenciada: espremedor de alho (1), porta-sabonete líquido (2), porta-ovo cozido (3), removedor de pêlos (4). Os preços variam de R$ 40 a R$ 103, na Alessi, em SP. Tel.: (11) 3064 8297.

Bate na madeira

As mais supersticiosas vão querer carregar esta caixinha na bolsa. Com tudo que existe contra mau-olhado e má sorte, traz amuletos que espantam até a cara feia da sua sogra: tem pimenta, figa, alho, medalhinhas, fita do Senhor do Bonfim e outros patuás. E, claro, é de madeira para você bater três vezes em caso de emergências. R$ 74,50, na Loja do MAM, em SP, tel.: (11) 5549 9688.

Cós temático

Por que não usar imagens sobre as fivelas do cinto, só para variar um pouco? Além de originais, elas dão cara nova à velha calça jeans. Na loja A Mulher do Padre, em SP, custa R$ 70 cada. Tel.: (11) 3088 2153.

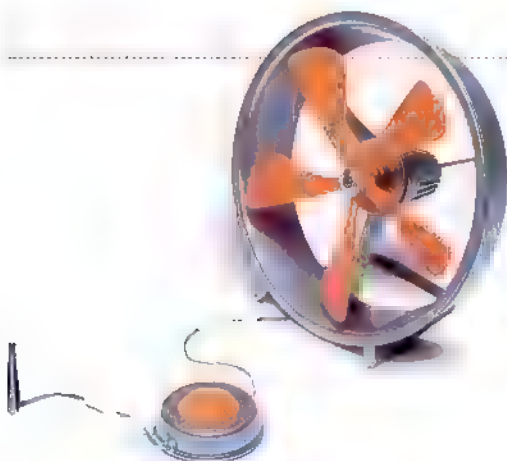
Upa, upa!

Quem tem mais de 20 anos se lembra muito bem de uns cavalinhos de madeira para crianças que fizeram sucesso durante várias gerações. Pode-se dizer que esta cadeira é uma evolução requintada do brinquedo de infância que também deve marcar lugar nas decorações mais modernas. Custa R$ 1 911(upa!), na USO, em SP. Tel.: (11) 3063 0468.

Japa cool

Apesar do trabalho que dá comer com palitinhos – principalmente para quem não tem muita coordenação motora –, eles sempre transformam em aventura o simples ato de levar a comida até a boca. Na Zona D, em SP, você encontra esta caixinha com dois pares de chopsticks e um apoio em forma de peixinho. Sai por R$ 169. Tel.: (11) 3088 0399.

Hit afiado

Lixar e cortar unhas, pinçar sobrancelhas, acertar cutículas. É uma delícia sentar em um salão de beleza e ter alguém para fazer todas essas coisas para a gente. Mas às vezes é preciso improvisar: melhor é ter todos os instrumentos à mão e agilizar o processo. Para manter a linha, é bom que eles estejam em um estojo tão lindo quanto este da Acca Kappa, em SP. Custa R$ 206, tel.: (11) 3814 3156.

Bons ventos

Em tempos de apagão, quanto menos eletrodomésticos, melhor. Mas tem uns tão lindos que, mesmo desligados, funcionam para levantar o astral da casa. Um bom exemplo é esse ventilador da marca francesa Lexon. Com design original e cores inusitadas, tem uma espécie de mouse para ligar e desligar. Custa R$ 92, na Otto Design, em SP. Tel.: (11) 3082 5994.

CELEBRITY FREE
DESTAQUE **SIMONE**. UMA REVISTA
QUE NÃO FALA DE CELEBRIDADES.
ESPECIALIZADA EM GENTE QUE
TEM ATITUDE

Sonhos letrados

Levar criatividade para a cama sempre faz bem para os relacionamentos. Mas dormir sozinho também pode ser divertido com estas fronhas criadas pelo artista plástico Felipe Morozini. Elas são bordadas com mais de 60 opções de frases para você escolher. Custa R$ 15 cada. Encomendas pelo tel.: (11) 9791 1802.

Agulha no palheiro

Mulher tem tanta coisa para cuidar que fica difícil não perder algumas. Principalmente se forem pequenas e muitas. Por isso este porta-anéis de metal é muito útil e cai bem na decoração do quarto, do banheiro e até da sala, quem sabe? Na Zona D, em SP, sai por R$ 330. Tel.: (11) 3088 0399. Os anéis são da Acessórios Modernos, tel.: (11) 3083 0011, e da Controvérsia, tel.: (11) 3062 4313.

Hollywood em degustação

Uma sommelier, uma judoca, uma apresentadora de TV e um jornalista contam o que estão pagando para ver

O Tigre e o Dragão (Columbia, VHS e DVD), do taiwanês Ang Lee, é encantador, tanto que ganhou o Oscar de melhor filme estrangeiro. É bem diferente das tradicionais películas de luta. A sincronia dos movimentos têm como pano de fundo as lindas paisagens da China do século XIX. O ator Chow Yun-Fat interpreta um guerreiro que quer se aposentar e tem sua espada roubada, ao que parece, por uma jovem guerreira. A partir daí vê-se uma história de amor que faz vir à tona o sentimento valente das mulheres e a procura pelo equilíbrio.
Vânia Ishii, judoca, é bicampeã pan-americana

Entre outras estrelas, o bonitão Richard Gere contracena, em ***Dr. T e as mulheres*** (Paris Filmes, VHS e DVD), com Helen Hunt, Farrah Fawcett e Liv Tyler. Nessa comédia, ele é um ginecologista que, quando convocado para fazer novos partos, dá à luz apenas mulheres. Aliás, ele está cercado delas, e cada uma tem uma faceta diferente: a paciente histérica, a cunhada aproveitadora, a quase namorada independente, a secretária apaixonada. Diante da ebulição de sentimentos femininos e apesar de seus próprios nervos estarem à beira de um ataque, o Dr. Travis eleva todas à condição de santa. Sabe que é um privilegiado.
Miguel Icassatti é subeditor da Tpm

Steven Soderbergh, que também dirigiu *Traffic*, baseou-se em uma história real para fazer ***Erin Brockovich – Uma mulher de talento*** (Columbia, VHS e DVD). O filme conta a história de uma advogada, interpretada pela Julia Roberts, que é mãe solteira de três filhos e passa dificuldades ao descobrir um escândalo envolvendo uma corporação americana. Assisto a todos os filmes de Julia, sempre me identifico com alguma característica de suas personagens. Por esse filme, graças ao desempenho primoroso, ela levou este ano o Oscar de melhor atriz.
Sabrina Parlatore apresenta o Clipmania *na TV Bandeirantes*

No documentário ***Vinhos Brasileiros de Qualidade*** (Ilimitada Vídeo, VHS, R$ 29,30, à venda pelo www.ranchodovinho.com.br), o sommelier José Figueiredo aborda um pouco da história da bebida e a sua produção, mostrando os vinhedos, os tipos de uvas cultivados e os produtores brasileiros. Esqueci alguma coisa? Ah! Traz belas imagens. O melhor de tudo: ele é básico e serve para todos! Tem dicas de como harmonizar os vinhos com os pratos e o jeito de apreciá-los. Aguardo as partes II, III, IV...
Carina Cooper é sommelier da importadora World Wine/La Pastina

Os quatro fantásticos

Dostoiévski e *Matrix*, amizade e fotografia. Uma pequena seleção para dar um upgrade na estante

Amizade & Filósofos, organizado por Massimo Baldini *[Edusc, R$ 15]*, é uma bela obra que reúne textos sobre a história da amizade escritos por nomes como Platão, Nietzsche e outros da atualidade. Adorno, por exemplo, fala do critério para identificar os verdadeiros amigos. O livro ajuda a entender as relações no contexto das sociedades eletrônicas – nas quais a internet favorece o isolamento ao mesmo tempo em que a tecnologia elimina as distâncias.
Maria Cristina Poli é jornalista e apresenta o programa Circular 21, *no Canal 21*

Não se assuste com o tamanho da obra, o título pesadão e o sobrenome de vodca batizada. Pois ***Crime e Castigo*** *[Editora 34, R$ 43]*, de Fiódor Dostoiévski, nada mais é que uma montanha-russa. Num momento, você sobe, tranqüilo, próximo do céu. Logo depois está apavorado, rumo ao fundo do poço, o coração em 200 bpm. Não é à toa que o autor virou padroeiro de todo escritor que não tem medo de descer aos infernos para sacar a essência da miserável condição humana. A história de um estudante pobre, devastado pela culpa por ter cometido um assassinato, é até hoje a mais densa metáfora da falta de sentido da existência. Essa nova edição é a primeira com tradução direta do original russo.
Ronaldo Bressane é escritor e subeditor da TRIP

Para convencer a Warner Bros. a financiar suas idéias absurdas, Andy e Larry Wachowski, criadores do filme *Matrix*, reuniram grandes nomes das HQs, como Steve Skroce (Homem-Aranha e Wolverine), para uma pré-produção ilustrada. O resultado do trabalho está em ***The art of the Matrix*** *[Spencer Lamm, US$48; à venda no http://whatisthematrix.warnerbros.com/cmp/artofthep-review_index.html]*. O livro contém mais de 700 ilustrações, incluindo cenas que não chegaram a ser gravadas. Para os fanáticos, possui todo o script das falas, além de imagens de pôsteres e cenas do filme comparadas com o storyboard.
Tiago Rasmussen Pires de Almeida é designer da agência de publicidade Tribo Interactiva

Apesar de seu trabalho anterior se chamar ***O último grito***, o fotógrafo Klaus Mitteldorf continua gritando. O que eram antes fotografias de pessoas aos gritos, dentro e fora da água, agora são duas seqüências de imagens de uma mulher e de um homem à beira de uma estrada. Conceituais, as imagens aprofundam as teses do autor sobre o desespero, a culpa, o grito primal. Em *Katharsis [DBA, R$ 45]*, Eisenstein, Engels, Willian Ewing, Aristóteles, Bachelard, Baudelaire, helenismo e até filosofia sufi são convocados no texto para explicar o livro. Há quem diga que a fotografia de Mitteldorf vai contra o academicismo contemporâneo preferível ao circo naturalista armado para mostrar os miseráveis da periferia do mundo. É ver – e ler – para crer.
Marcos Piffer é fotógrafo

Discoteque

Uma coletânea do que há de melhor na opinião de quem você nem desconfia.

edição Renata Leão

Please Please Me – *The Beatles* (Parlophone, EMI)
Estou ouvindo Beatles sem parar. Há tempos não escutava os quatro "fabs" com tanta atenção. O primeiro disco dos garotos, de 1963, tem uma música muito boa , "Do You Want to Know a Secret", que caiu como uma luva para meu novo disco, no qual vou cantar Beatles em bossa nova.
Rita Lee, cantora e compositora

Nego Banto – *Nego Banto* (Raiz Original, independente)
Para mim, o Gerson da Conceição, vocalista e produtor do disco, é o maior nome do reggae brasileiro da atualidade. O cara tem estilo próprio, não fica só naquela batidinha tradicional. As melhores faixas são "Lady" e "Rock Steady", que misturam groove e roots.
Fauzi Beydoun, vocalista e compositor da Tribo de Jah

Amnesiac – *Radiohead* (EMI)
Thom Yorke deveria compor trilhas para os filmes de David Lynch. Desde Ian Curtis (Joy Division) não se vê compositor de verve tão atormentada como a do líder do Radiohead. Esse álbum, como o anterior, segue uma linha experimental, por onde passam belas melodias e versos existenciais. Destaque para a política "Knives Out", "Life in a Glasshouse" e a que é mais a cara da banda "Pyramid Song".
Nasi, vocalista do IRA

Detalhes – *Roberto Carlos* (Sony)
Se você quiser ter um só disco de Roberto Carlos, é esse de 1971. Olha só: tem nada menos do que três das melhores canções românticas brasileiras de todos os tempos ("Detalhes", "De Tanto Amor" e "Amada Amante"), duas preciosidades da Jovem Guarda existencialista (?!?), "Eu Só Tenho um Caminho" (de Getúlio Cortes) e "Todos Estão Surdos", e ainda ■ registro da corte entre o Rei e Caetano Veloso em "Como Dois e Dois", de Caetano, e "Debaixo dos Caracóis de Seus Cabelos". Em suma, é um disco fundamental de música brasileira.
Bia Abramo, jornalista

Hi-Tek, Hi – *Teknology* (Rawkus Records)
O primeiro solo do DJ Hi-Tek é uma bomba. Os rappers Mos Def e Talib Kweli apavoram na sonzeira. Com um ritmo hip hop e alguns raps mais pesados, ■ CD é uma boa opção para ouvir a caminho de uma balada. A faixa dois, "The Sun God", é um tesão porque conta com a participação de algumas garotas.
Juliana Veiga, tricampeã brasileira de snowboard free style

Postonove – *Favela Chic* (BMG - VOGUE)
Para quem não sabe, o restaurante Favela Chic é uma espécie de cooperativa de música brasileira na França formada por pessoas muito bacanas. Trata-se de um disco de francês para brasileiros, que reúne samba beat e ritmos improváveis. Participam grandes celebridades como Bezerra da Silva, Trio Nordestino, Funk'n'Lata e O Rappa. Uma boa mistura de brazilian music: funk, samba ■ partido alto.
Seu Jorge, cantor e compositor

O que vai na minha disqueteira

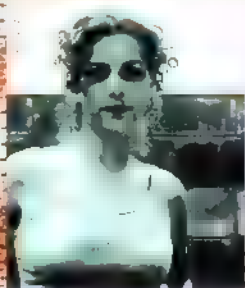
Roger, vocalista do Ultraje a Rigor, abre seu baú de discos para a *Tpm*

DIVULGAÇÃO

The Who – *Who's Next*_ Esse disco é um dos melhores da banda, que é superimportante para ■ história do rock'n'roll.
The Beatles – *Antology*_ Os Beatles são uma grande influência para mim. Esse disco tem um gosto especial de coisa nova.
The Rolling Stones – *Exile on Main Street*_ O melhor Stones.
Bob Marley – *One Love: The Very Best of Bob Marley & The Wailers*_ Não sou fã de reggae, mas gosto do rei porque ele ■ os Wailers eram os únicos que sabiam fazer esse som, que carregavam o ritmo na veia. O resto é imitação.
Herbie Mann – *Memphis Underground*_ Ouço esse disco desde criança. Para mim, é uma referência quando o assunto é flauta. Tranqüilo, tem um estilo meio "funkeado", bem cool.
Jetro Tull – *Think As A Brick*_ Um disco que, para mim, representa perfeitamente a música progressiva. Eu era vidrado nesse vinil.
Gentle Giant – *Octopus*_ Por causa de discos como esse, fica difícil se impressionar com as bandas que surgem atualmente. A molecada devia parar para ouvir.
King Crimson – *Starless and Bible Black*_ Gosto da diversidade que o som assombroso desses caras traz. O guitarrista Robert Fripp é minimalista, tem uma imaginação incrível. Totalmente independente, a banda foge do esquema das grandes gravadoras ■ faz um puta som. Um disco para ouvir com os amigos.
Led Zeppelin – *Led Zeppelin 3*_ Junto com ■ Black Sabbah, ■ Led foi um dos grandes criadores do heavy metal. Esse disco, além de ser pesado, tem um certo tom puxado para ■ blues, bacana pra caramba.
Manhatan_ Vale a pena ouvir ■ trilha sonora desse filme. Mais uma maravilha do Woody Allen em que o pianista norte-americano George Gershwin toca com a Filarmônica de Nova York. Para mim, ele é um dos maiores compositores de jazz.

Elas estão na boca do povo

"Eu nunca quis tê-la ao meu lado, num fim de semana, um chope gelado, em Copacabana..." Ah, quis tê-la, sim! Lygia, Ana Júlia, Risoflora e Camila, musas da MPB, contam quem são e como viraram música

por Renata Leão

MARIA EDUARDA, A RISOFLORA

A Risoflora do Chico Science

"Ô Risoflora, vou ficar de andada até te achar/ Prometo, meu amor, vou me regenerar." Os versos de Chico Science foram escritos para uma garota que tem nome e sobrenome. Ela é Maria Eduarda Belém, de 29 anos, Maria Duda para os íntimos, jornalista. O codinome foi dado em menção ao mangue. Rhisoflora é uma planta comum na vegetação ribeirinha. O casal se conheceu no Recife, em 1992. O namorico começou em 93 e logo Chico, depois de uma briga, arranhou o violão e deu a Duda um papelzinho com a letra da música rabiscada. "Eu nem imaginava que aquilo ia se transformar em uma canção", lembra. "Achei muito fofo. Quando o CD saiu, fiquei bem feliz. Hoje, me dá uma sensação boa, além de muita saudade", diz a garota que fez o mangueboy implorar: "Ô Risoflora, não me deixe só".

A Lígia do Tom

"Eu nunca quis tê-la ao meu lado num fim de semana/um chope gelado em Copacabana". A música de Tom Jobim foi escrita em 68 para uma paquera de botequim. Lygia Marina Pires de Moraes, a musa da história, tem 54 anos e conheceu o compositor aos 21, no antigo bar Veloso (que hoje se chama Garota de Ipanema). "Estava tomando cerveja com uma amiga e vi o Tom na mesa ao lado. Logo ele avançou, dizendo que eu tinha mãos de pianista, imagine!". Copo vai, copo vem e Tom se lembrou que, na mesma noite, tinha que dar uma entrevista para Clarice Lispector. Lygia só foi descobrir a música anos depois, quando já estava casada com o escritor Fernando Sabino. Um dia, Sabino atendeu um telefonema de Tom, que ligou para procurar Lygia. "Meu ex-marido morreu de ciúmes e Tom gravou a música para dar de troco para ele, que desligou o telefone e não me deu o recado." Não é por acaso que a canção diz: "E quando eu te telefonei/ desliguei/ foi engano". Mas o engano mesmo foi outro. "Ele errou a grafia do meu nome", diz Lygia, com y, que fique claro.

ARQUIVO PESSOAL

ANA JUUUULIAAAAAAAAAAAA

A Ana Júlia do Los Hermanos

"Ô Ana Júliaaa". Acreditem: a Ana da música mais pentelha dos últimos tempos existe. Ela teve o azar de conhecer os meninos da banda na PUC-RJ, onde estuda Jornalismo. "O Alex (produtor) encanou comigo numa festa junina da faculdade", lamenta-se. "Ficamos juntos uma vez e o cara pirou, apaixonou." A culpa, ou melhor, a letra, é do Marcelo Camelo, o vocalista, que a fez para ver se o amigo conseguia conquistar a garota. "A primeira vez que eu ouvi, num show em 99, fiquei triste, não parava de chorar", desabafa. "A letra só mostra o lado dele, de coitado apaixonado." Apesar dos pesares, Ana sente-se feliz em saber que foi feita única e exclusivamente para ela. "A letra é em minha homenagem e eu não me canso de ouvir. Acho ótimo que os meninos tenham ganhado horrores de dinheiro com ela."

CAMILA

A Camila do Nenhum de Nós

"Havia algo de estranho naqueles olhos/ olhos insanos". O vocalista e baixista do Nenhum de Nós, Thedy Corrêa, não quis, de modo algum, contar quem é a tal da Camila. "O nome verdadeiro da garota não é esse", explica. "Até hoje, ela não sabe que é a musa da nossa música". O gaúcho conta que a letra foi feita em 85, baseada na vida de uma mocinha da faculdade, que era linda e vivia cheia de hematomas, de tanto apanhar do namorado. "Ficávamos indignados com essa situação, que inspirou o nosso hit", diz. E a garota se livrou do idiota? "Hoje ela é casada, feliz e não vale a pena revelar essa história."

Vai lá:
www.emi.com.br
www.sonymusic.com.br
ZeitGeist: (11) 222 8173
Jonny B. Good: (11) 223 3492
Magical Mystery Club: (11) 3337 8492
Modern Sound: (21) 548 5005

O outro lado daqui

Zuco 103, uma banda brasileira que nunca vimos mais gorda, faz sucesso na Europa e já aparece como grande atração do Festival de Montreaux

O PRIMEIRO CD DO ZUCO

Não sabemos de quem é a culpa, mas por que nós, brasileiros, temos que aturar o som da Sandy se na Europa tem gente curtindo musica brasileira de qualidade? Música como a do Zuco 103, um trio formado pela brasileira Lilian Vieira (voz e vocal), o holandês Stefan Kruger (bateria) e o alemão Stefan Schmid (tecladista). Os três se conheceram no conservatório de música de Rotterdan, na Holanda, e gravaram *Outro lado*, um dos álbuns mais inovadores de 2000 (segundo veículos especializados, inclusive a festejada revista *Billboard*). O CD fez a banda estourar na Europa, o que vai lhe valer uma turnê pelos EUA e a apresentação no próximo Festival de Montreaux, na Suíça. *Outro lado* traz uma mistura de jazz, funk, samba e drum'n'bass, e não perde nada para os expoentes internacionais da música eletrônica com uma base reconhecidamente brasileira. Alem de composições próprias, músicas de Djavan, Chico César e Jorge Ben Jor também fazem parte do repertório do Zuco. De acordo com alguns críticos internacionais, o CD posicionou o grupo na ponta do novo cenário musical brasileiro. E enquanto isso, por aqui, nunca ouvimos falar neles. Em compesação, "eu vi gnomo..."

E-mails e cartas

Solte suas feras, entre nesta festa. Exercite seu superpoder de pôr a boca no mundo. tpm@zip.net

TPM 2

A *Tpm* é perfeita. Levanta o astral, o ego e faz lembrar aquela inteligência adormecida.
Aline (gaúcha no Rio de Janeiro), por e-mail

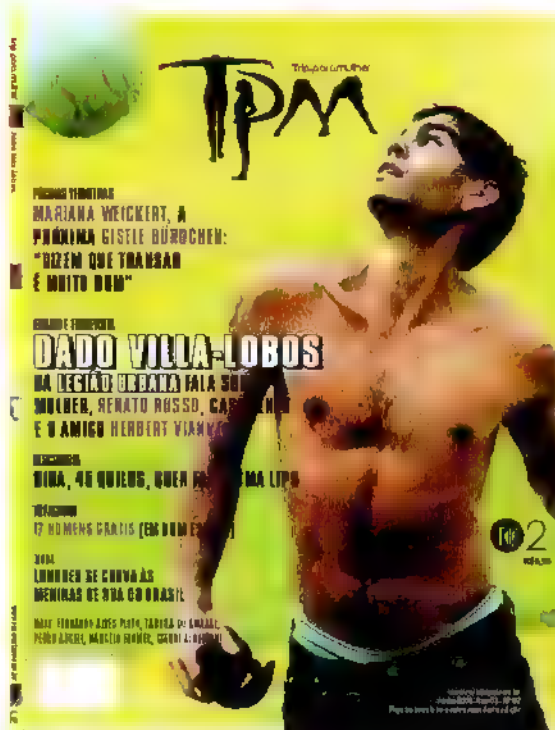
Olha, confesso que estava mesmo de saco cheio daquelas tradicionais revistas femininas. Elas tratam a mulher como bicho burro, tentam levantar nossa estima sem saber que na verdade estão nos xingando de ignorantes e ingênuas. Em vez de serem revistas companheiras, são palpiteiras e cheias de conselhos dispensáveis. A "nossa" *Tpm* é tão diferente! Obrigada pelo ombro amigo, por serem meu "modess" de cada dia em tempos difíceis. Verdade, vocês são meu suporte. Um beijo em cada um que faz parte dessa revista tão amiga e natural. Adorei a sacada, adoro vocês!
Carolzinha, por e-mail

Passando por *The Face*, *i-D*, *Wall Paper*, *MundoMix* e afins, eu nunca tinha visto algo como aquelas páginas impressas em papel de açougue. Bom demais!
André, por e-mail

Trabalho com design e tenho de falar: vocês deram um banho na *TRIP*! Adorei o projeto gráfico. Os papéis diferentes, tipologias, cores e esse jogo de quebrar as frases na matéria de capa. A *Tpm* é cool!
Lucía, por e-mail

Pela primeira vez ao longo dos meus 27 anos me aventurei a comprar uma revista feminina. Não preciso nem dizer que devorei a *Tpm* inteira numa deitada.
Patrícia Cabral, Ubatuba (SP)

Paulo,
Estou escrevendo para te cumprimentar pela *Tpm*. A Nina Lemos é uma pessoa ótima. Lembro que ela fazia um fanzine hilário. O tom está legal, engraçado, sem ser babaca. A revista ainda não está perfeita, mas na minha opinião está no caminho certo.
Boa sorte.
Um beijo,
Rebeca Kritsch, por e-mail

Rebeca,
Não é todo dia que recebemos elogios de alguém que tem o prêmio Esso de jornalismo na estante. Obrigado pela força e mantenha contato.
Paulo Lima

BEM, VAMOS PENSAR

Oi, meu nome é Patricia Milena.
Sou uma gata muito linda e estou despontando na mídia. Fui malandrinha por oito meses. Danço pacas, já fui Pin-Up Girl da revista *Sexy* e estou saindo na capa de um livro sobre afrodisíacos. Quero aparecer nas páginas da sua revista. Me chama?
Smacks!
Patricia Milena, por e-mail

Exijo uma resposta desta revista: onde está Eva Veríssimo?
Arthur, ao vivo

FROMER

Estava saindo do trabalho na segunda-feira para pegar meu ônibus, em frente ao MIS *[Museu da Imagem e do Som]*, quando vi um homem sendo socorrido por motoqueiros que passavam. Enquanto dois deles o seguravam (pois ele se debatia no asfalto), os outros orientavam o trânsito. Ele estava machucado e eu não consegui fazer nada. Peguei meu ônibus e fui embora. Comentei o acidente com meu namorado, mas só no dia seguinte soube que aquele homem era o Marcelo Fromer, dos Titãs. Acompanhei todo o noticiário até o seu falecimento. Não sei o que sinto agora. Só queria desabafar com alguém, tentar tirar esse "filminho" que passa na minha cabeça e mandar meus sentimentos para vocês que, por duas edições, publicaram a coluna dele.
Simone, por e-mail

Quero dizer que esta edição veio bem melhor que a primeira. Da capa até a parte de discos *[discoteque]*. Enfim, gostei de tudo. Eu me emocionei bastante com a notícia do acidente de Marcelo Fromer lendo a coluna dele na revista.
Valeu e um cheirão para vocês aí.
Camila, Patos (PB)

DÁ PARA FAZER UM DESCONTO?

Só me causou indigestão um vestido de malha de lã custar quase R$ 4 000. Mais ainda: uma segunda pele por R$ 2 000! Com certeza essa não é a realidade de 99% dos 50 mil leitores que compraram a primeira edição. As fotos estão lindas, as meninas mais ainda, a produção nota 10. Não dava para fazer uma coisa mais baratinha?
Martha Martins, Rio de Janeiro (RJ)

Achei muito legal a proposta da revista, mas tenho uma observação que não posso deixar de fazer. Aquela revistinha que vem anexa com fotos e histórias de gente desconhecida não está legal, pois vocês só colocam "patricinhas". Acredito que são poucas mulheres no Brasil que têm a chance de estudar no exterior e usar roupas de grife.
Rosana, por e-mail

TRIP FAMILY

Gostaria de parabenizá-los pela excelente revista que vocês criaram. Eu já curtia a *TRIP* junto com meu marido, e a chegada da *Tpm* foi muito esperada por nós. Normalmente, era eu quem comprava a *TRIP* para ele – agora é ele quem compra a *Tpm* para mim.
Cynara, por e-mail

MAIS PELADOS

Comprei os dois números da revista e achei que foi uma ótima escolha fazer o ensaio deste mês com o Dado. Mas tenho uma importante reclamação: são poucas fotos e muito comportadinhas. Deveriam ser mais picantes.
Karina, por e-mail

Gostaria de sugerir para a próxima edição, ou qualquer outra posterior, um ensaio com o Marcello Antony como o que foi feito com o Rodrigo Santoro.
Paula, Belo Horizonte (MG)

Tpm não é *TRIP para mulher*? Então por que a revista tem mulher na capa e tão poucos homens dentro dela? Achamos o conteúdo muito bom, boas matérias, assuntos interessantes, só está faltando a pegada que a *TRIP* tem em relação aos homens.
Lucila Lico e Daniela Groppo, por e-mail

SINAL VERMELHO

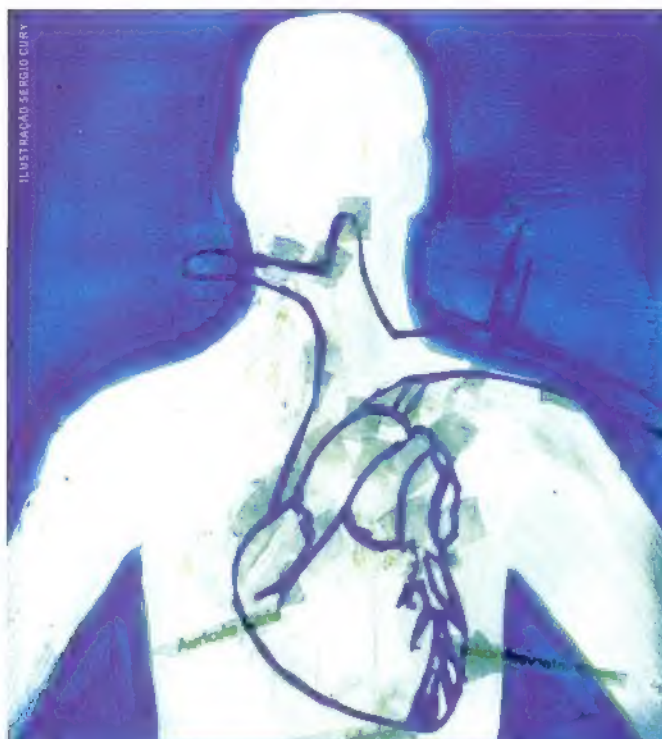
Acho que vocês estão exagerando na dose de feminismo e fazendo perguntas dignas das outras revistas (aquelas que nos tratam como idiotas...). Por exemplo: na entrevista com a cangaceira não havia necessidade de se falar em menstruação. Na última edição, achei a entrevista com a Mariana Weickert bem apelativa. Pô, para que saber se ela já viu filme pornô? Por favor, gente, não nos tratem como idiotas.
Flávia, por e-mail

Obrigada

Até o fechamento desta edição, ***Tpm*** recebeu também as mensagens dos seguintes leitores:

Adriana, Alan Silveira, Amanda Meuser, Ana Paula Mancini, Ana Paula Rafanini, Bárbara Cunha, Betina Cupello, Beto, Camila Franco, Carlos Magno Carneiro, Carolina Hatae, Caroline, Catarina, Christianne Gentil, Cleu, Cristiane, Cristina Pinheiro, Dani Matielo, Daniela Marques, Danielle, Debora Sanches, Erika Gouveia, Fabiana Peruzzo, Fabrícia, Flávia A.Withers, Flávia Resende, Gabriella Mazzini, Guilherme, Heloisa A. Fernandes, Humberto Werneck, Isabela, Janaína Oishi, Jennifer, Juliana, Juliana Martins, Kyll, Lucia, Mari, Maria Cecília, Mariana, Marina, Mirella Rossini, Nádia Costa, Paula, Paula Dani, Phaedra Athayde, Raph, Raquel Arantes, Renata, Roberta Laredo, Simone Alcantarilha, Simone de Oliveira, Taya, Thaís Gimenez, Thereza Carolina, Vanessa Chaves, Viviane

ILUSTRAÇÃO SERGIO CURY

!

por Mara Gabrilli*

É melhor que exclame antes que eu comece...
Entraremos num tratado atropelado, estremecido,
mas muito bem tratado.
Sairemos do estribilho do dia-a-dia.
Venha comigo, vamos até a avenida Europa perceber como ele se foi...
Em veredas que mal via
Entre ruídos de olhares que mal viram
A colisão muda, a vida calada.

Fiquei perdida numa seqüência de pensamentos indigestos
A imagem do trânsito das grandes cidades
A consciência do poder de cada criatura
O ato de grandeza
O ato decadente
O fim da poesia.

O que está acontecendo com a consideração e a importância de um ser humano com o outro?

Senti muita necessidade de dividir com vocês a minha indignação...

O Marcelo Fromer foi vítima de atropelamento e omissão de socorro. Repetindo, o moço de moto que matou o Marcelo não parou!

É claro que o acidente terrível me fez refletir sobre o trânsito que mata e deixa deficiente, sobretudo, o jovem para quem fazemos esta revista. Fez-me lembrar do meu acidente e dos trinta e cinco mil mortos por violência em um ano no Brasil. Imagine quantos no trânsito. **Eu exclamo pelo sujeito que colidiu com um homem como se passasse por cima de uma latinha de cerveja.**

E a sensação da namorada telefonando para os hospitais da região perguntando se chegou alguém com uma tal descrição? E a diferença que pode fazer 5 minutos na vida de uma pessoa recém-acidentada?

Na mesma semana, a minha amiga Flávia, tetraplégica como eu, também por acidente automobilístico, foi vítima de um roubo. Simplesmente roubaram sua cadeira de rodas motorizada, que usava para trabalhar. Como ela não tem uma pessoa disponível para empurrar sua cadeira, fica impossibilitada de exercer essa função na faculdade onde trabalha. A minha amiga está muito triste não só por ter perdido a agilidade, a independência e a autonomia, mas por ter sido durante anos uma promotora de cidadania, contribuindo na conscientização e na melhoria da sociedade. Agora está frustrada e inconformada com a exposição trágica dos valores éticos e morais do ser humano.

Perceba que não estou tratando de um reles julgamento. Poderia me dirigir aos responsáveis por tanta dor, chamando-os de imbecis. Mas eu não vou incorrer no mesmo erro, exercitando o egoísmo míope de uma emoção repentina. Vivemos um momento material da história, em que parecemos adversários um dos outros, e eu não quero terminar isso assim, num ímpeto de hipertrofia de sentimento que é mal comum.

Eu quero é falar do coração, que é o órgão do amor e que bate em todos nós. Seu discernimento é bem mais apurado que o da razão. Ele sabe onde foi que colocamos a indulgência e a generosidade, pois bate em outro corpo, olha em outros olhos. Na contextualidade do coração é muito simples acreditar no outro e permitir dar corpo a nossas esperanças fugidias.

Foi lá que ficou a continuação da poesia.

Agora, se esse parágrafo do coração não bateu no teu coração, o melhor deste nosso envolvimento terá sido a exclamação inicial.

Mara Gabrilli

É com o meu coração que dedico este "Afeto Tratado" ao moço da moto, ao cara da cadeira, a todas as pessoas que portam no peito um coração que bate e principalmente àquela cujo coração já bate em outro peito!

*** Mara Gabrilli é publicitária e psicóloga. Dirige a ONG Projeto Próximo Passo (PPP), ligada à qualidade de vida do deficiente físico — ela é tetraplégica e foi *TRIP* Girl na *TRIP* #82**